

UTOP
IA.AR
QUIT
ECTU
RA.LI
SBOA



Escola de Tecnologias e Arquitectura
Departamento de arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura

Inês Costa Santos de Sousa Nascimento

Trabalho submetido como requisito parcial para obtenção do grau Mestre em Arquitectura

Utopia, Arquitectura e Cidade. O Caso de Lisboa.

Orientador(a):

Professor Doutor Pedro da Luz Pinto, Professor Auxiliar do ISCTE-IUL

Coorientador(a):

Professora Doutora Mónica Ribeiro Moreira Pacheco Navarro, Professora Auxiliar do ISCTE-IUL

Outubro de 2019

Agradecimentos

À minha professora e coorientadora Prof. Doutora Mónica Pacheco, por não ter desistido de mim.

Ao meu orientador Prof. Doutor Pedro Pinto, por me ter deixado sonhar.

À Doutora Fátima Viera pelo seu tempo e preciosa ajuda.

Ao Doutor Teixeira Coelho, pela disponibilidade e atenção.

À Doutora Ana Barata pela óptima conversa.

Aos meu colegas, pelo interesse e seriedade.

À minha mãe, pela motivação e incentivo.

Ao todos aqueles que fizeram parte desta minha longa (mas feliz) caminhada.

E finalmente, ao meu amor. Juntas concretizámos a Utopia.

Muito Obrigada.

UTOP
IA.AR
QUIT
ECTU
RA.LI
SBOA

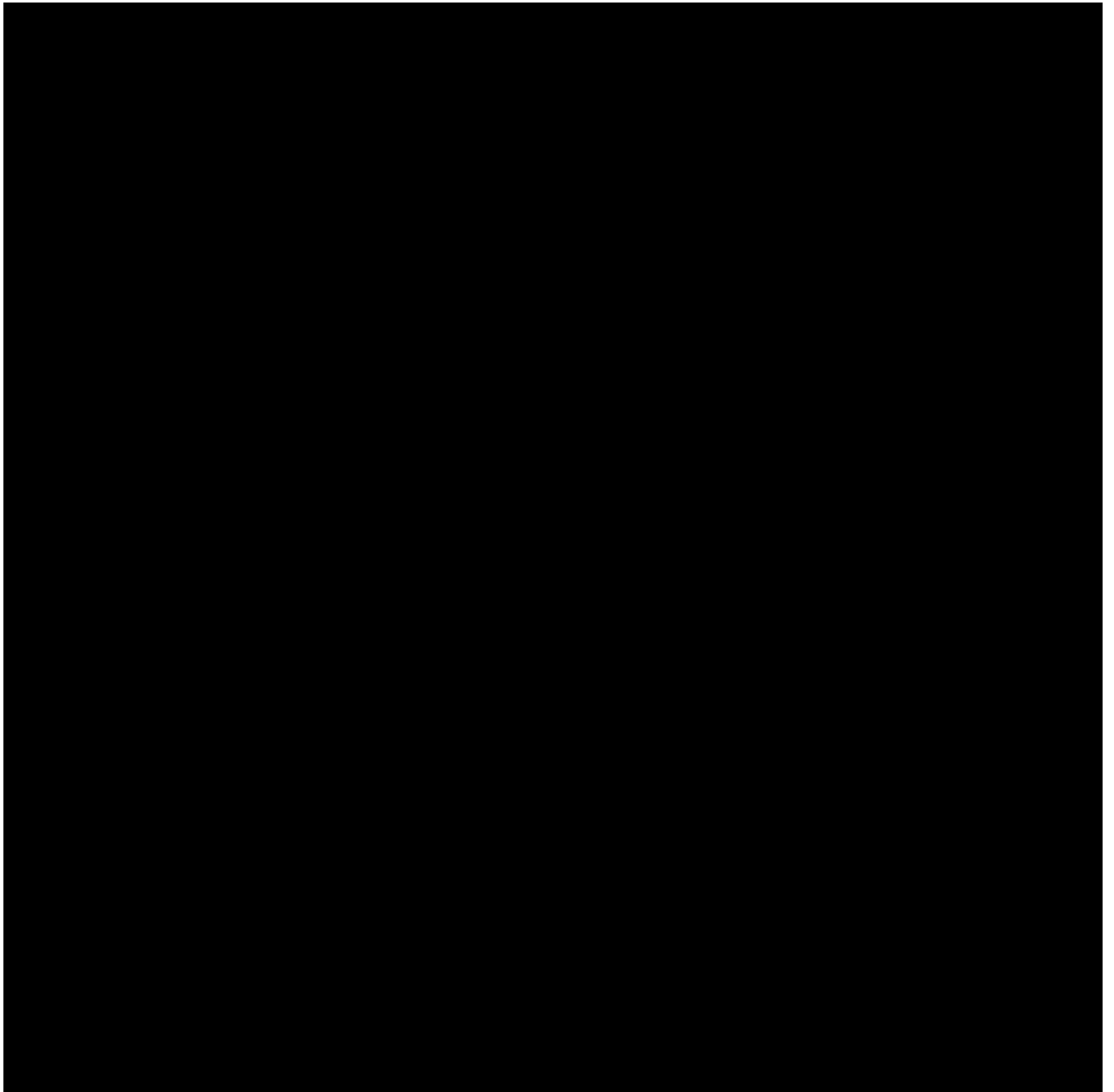
“The best way to predict the future, is to create it. “

Abraham Lincoln

Índice

Agradecimentos.....	6
Índice.....	9
Índice de Imagens	13
Resumo.....	18
Abstract.....	22
Introdução.....	26
1. Utopia.....	33
1.1. A Palavra	34
1.2. O Conceito.....	40
2. Utopia, Arquitectura e Cidade.....	55
2.1 Utopia e Reforma da Cidade.....	56
2.2. Utopias Arquitectónicas.....	62
3. Pensamento Utópico e a Cidade de Lisboa.....	81
3.1 Propostas Utópicos ou Projectos não Construídos?.....	82
3.2 Exposições ou Utopias?.....	102
4. Glossário de utopias.....	115
5. Considerações Finais	121
6. Referências Bibliográficas	133

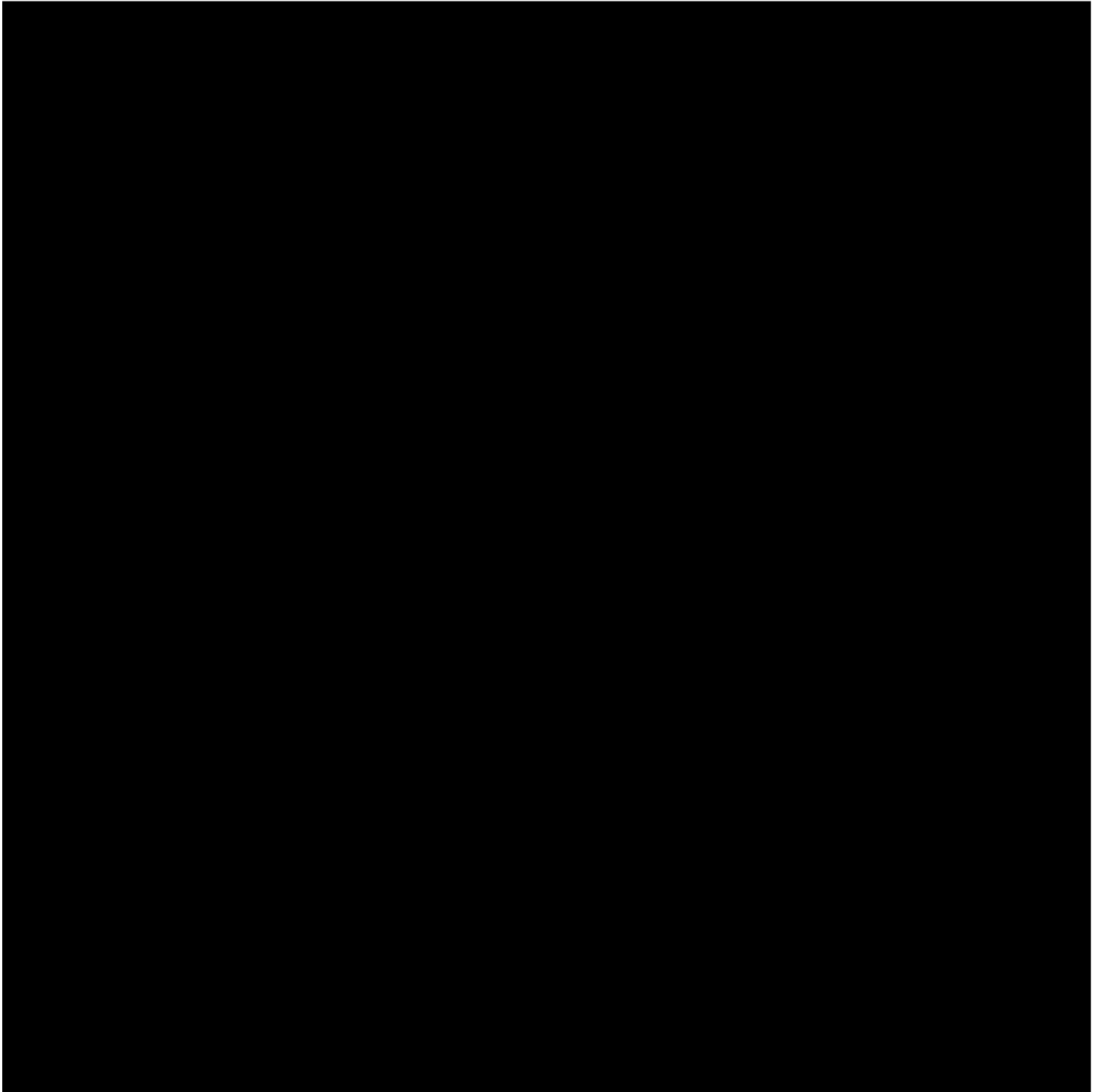
Anexos	141
Anexo A - Entrevista realizada à Doutora Fátima Vieira	142
Anexo B - Entrevista realizada ao Doutor Teixeira Coelho.....	155



Índice de Imagens

Figura: 1 Retrato de Thomas More in	38
Figura: 2 Ambrosius Holbein's 1518 Map of Utopia	39
Figura: 3 Retrato de Karl Marx	42
Figura: 4 Busto de Platão	43
Figura: 5 Gravura Paraíso Bíblico	48
Figura: 6 Gravura Jardim do Eden	47
Figura: 7 Retrato Adolf Hitler	52
Figura: 8 Retrato Karl Mannheim	53
Figura: 9 Homem de Vitruvio, Leonardo DaVinci	
Figura: 10 Ilustração Utopia Social	
Figura: 11 Revolução Industrial	60
Figura: 12 Plano Radiocentrico de Sforzinda	61
Figura: 13 Ilustração Revolução Industrial	64
Figura: 14 Claude Ledoux's Spherical house 1806	65
Figura: 15 Retrato Le Corbusier	72
Figura: 16 Retrato Frank Loyd Wright	73
Figura: 17 Retrato George Fourier	68

Figura: 18 Aterragem do Homem na Lua https://medium.com	69
Figura: 19 Aterragem do Homem na Lua https://medium.com	76
Figura: 20 Retrato Owen Robert https://www.britannica.com	77
Figura: 21 Figura de Lisboa https://upload.wikimedia.org	
Figura: 22 Ilustração Capa Lisboa Munumental Fialho de Almeida http://www.bdalentejo.net	85
Figura: 23 Retrato Marquês de Pombal https://www.taylor.pt	88
Figura: 24 Retrato Duarte Pacheco https://jornaldiabo.com	89
Figura: 25 Retrato Fialho de Almeida https://www.portaldaliteratura.com	92
Figura: 26 Retrato Reinaldo Pereira https://www.wook.pt	93
Figura: 27 Ilustração Fialho de Almeida Pontes Aereas http://www.scielo.mec.pt	96
Figura: 28 Ponte Comercial para peões Manuel Graça Dias http://www.contemporanea.com.pt	97
Figura: 29	100
Figura: 30 Plano de Urbanização Costa da Caparica http://www.contemporanea.com.pt	101
Figura:31 Grupo Escultórico do Padrão dos Descobrimentos https://www.flickr.com	104
Figura: 32 Exposição Mundo Português http://www.diarioimobiliario.pt/	105
Figura: 33 Pavilhão de Portugal Expo 98 https://www.archdaily.com.br	108
Figura: 34 Altice Arena http://iberico.afial.net	109



Resumo

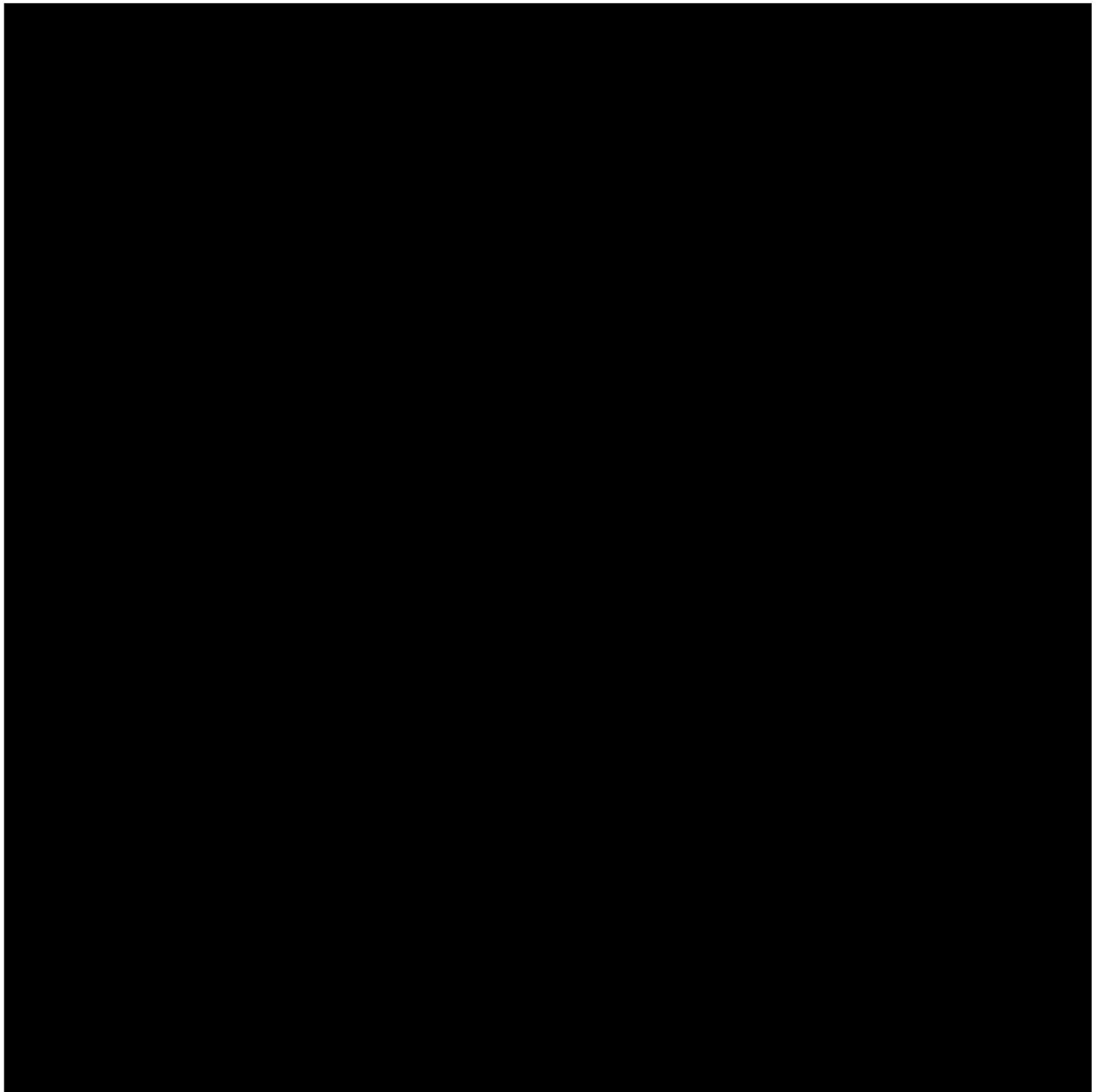
Resumo

Este trabalho de investigação debruça-se sobre a vastidão do conceito de Utopia e da sua utilização, começando pela origem da palavra e definição do seu conceito desde a Grécia antiga até a actualidade.

Aborda a sua influência, primeiramente na definição de cidade e urbanismo e, em seguida o seu impacto na reforma e reformulação das mesmas.

São exploradas primeiramente as utopias arquitectónicas a uma escala global, focando de seguida as especificidades da Utopia e pensamento utópico na cidade de Lisboa através das suas propostas de pensamento e da exploração dos seus projectos mais relevantes (construídos ou não), entrando em detalhe na sua manifestação através de exposições como o Mundo Português e a Expo 98.

Palavras-chave: Utopia, Arquitectura, Lisboa, Thomas More



Abstract

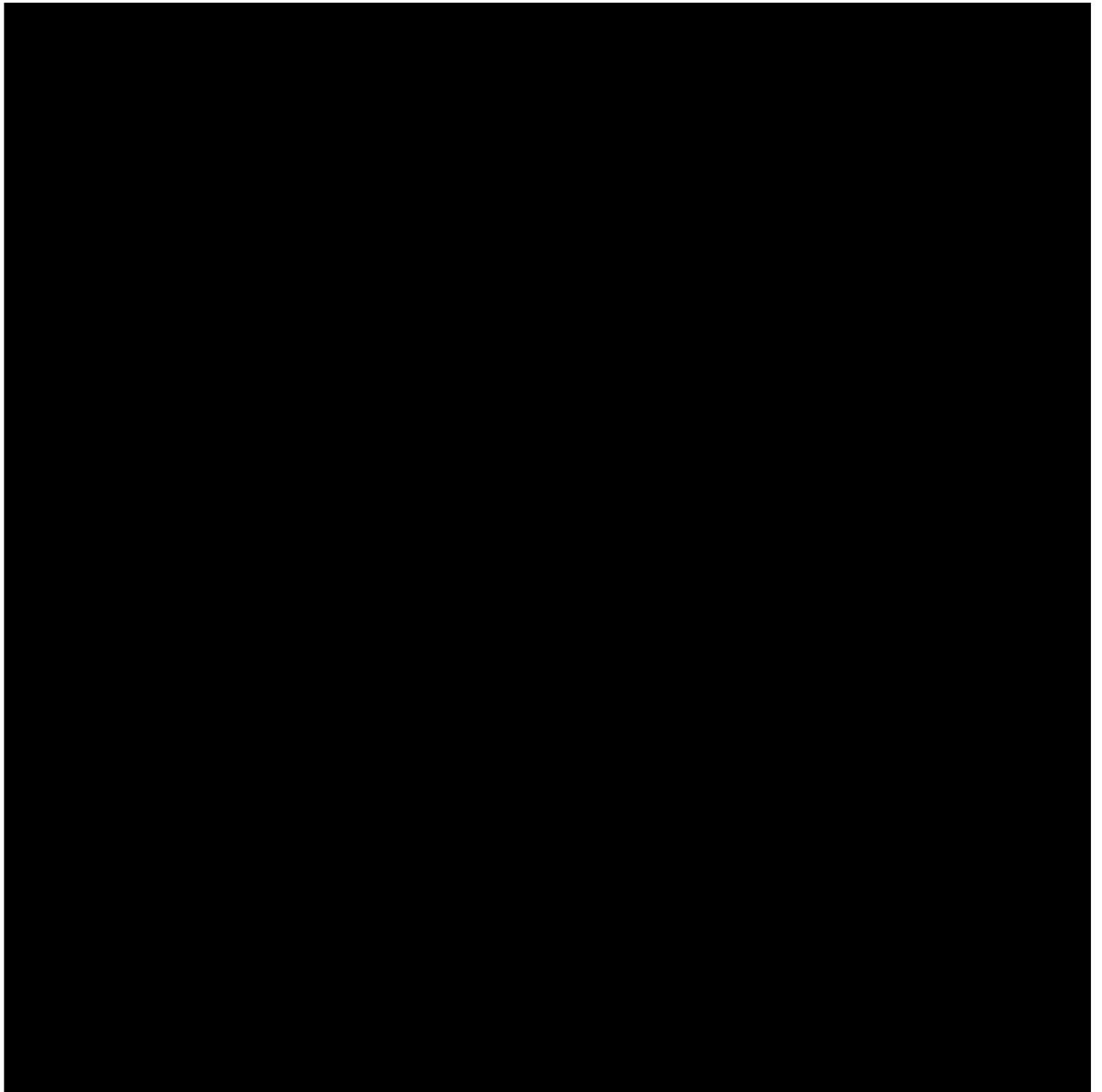
Abstract

This research paper looks into the concept of Utopia and the way it is used, starting with the origin of the word, from ancient Greece to the present day.

It focusses on the influence of Utopia firstly, in the definition of city and urban planning, and secondly in how it has profoundly impacted its' transformation and revolution.

We begin to explore utopia at a global scale to then, zooming in on the specificity of the utopian projects and proposals (built or not) for the city of Lisbon with a focus of the manifestation of Utopia through expositions such as Mundo Português and Expo 98.

Key Words : Utopia, Architecture, Lisbon, Thomas More



Introdução

Introdução

Porquê a utopia?

A escolha deste tema surge através de uma vontade de esclarecer uma dúvida de carácter pessoal, dúvida essa que não toca apenas no campo da Arquitectura. Todo o meu percurso académico foi marcado pela palavra utopia, nem sempre aplicada correctamente, o que me fez questionar diversas vezes sobre o que fazia de um projecto uma utopia.

O principal objectivo deste trabalho consiste na tentativa de definição de utopia como conceito aplicado à Arquitectura, em especial destaque, na nossa cidade, Lisboa.

Apesar de ser um tema que aborda uma série de referências de projecto, este trabalho não se debruça sobre o conceito nessa direcção, não se pretendendo com este trabalho a análise de casos de estudo.

Pretende-se, porém, desenvolver uma reflexão quanto ao uso e cunho da palavra em Portugal versus o resto do Mundo. Sendo um tema que não tem limite, a dissertação foca-se em três momentos específicos, que ajudam na manipulação de ideias reais.

Durante a fase de investigação foram conduzidas entrevistas á Doutora Fátima Vieira, Vice-Reitora da Cultura da Universidade do Porto e ex-Presidente da associação Utopian Studies Society / Europe entre 2006 e 2016, autora do livro *The concept of utopia* (2010), tendo sido

referencia presente ao longo deste trabalho. Foi também entrevistado o Doutor Teixeira Coelho, Professor Emérito da Universidade de São Paulo e autor de *O que é a Utopia* (1987).

A presente dissertação divide-se em três grandes grupos: Utopia; Utopia, Cidade e Arquitectura; Pensamento Utópico e a Cidade de Lisboa.

O que é a Utopia?

Partindo de uma conversa (Thomas More, *Utopia*), pretende-se chegar à raiz da palavra, percebendo o seu significado e a definição do seu conceito, a sua função e as suas variadas aplicações.

Na abordagem deste capítulo, existiu uma pesquisa superficial ao nível da extensão de obras utópicas ou distópicas, no intuito de trilhar um caminho na difusão desta matéria desde Platão a Karl Mannheim, passando por Karl Marx.

Será possível realizar uma utopia?

As utopias (literárias) dependem do espaço urbano, a cidade tem reflexo na sociedade, e vice-versa. Mas isso não torna em utopias todas as cidades. Com este conceito em mente, foi por isso, numa segunda fase, necessário perceber qual o papel da utopia na Arquitectura e no Urbanismo, recorrendo a Françoise Choay (1925) - historiadora de teorias e formas urbanas e arquitectónicas e professora de Urbanismo, Arte e Arquitectura na Université de Paris VIII, autora de *O Urbanismo* (1988) e *A Regra e o Modelo* (2007) - e elaborada uma linha temporal que surge

no Renascimento e se estende até à modernidade. O interesse não parte de uma análise de cidades ideais ou de projectos considerados utópicos, mas guia-se pela linha de pensamento daqueles que ditaram e seguiram essas directrizes.

O que faz de um projecto um projecto utópico?

Se as utopias criam cidades ideais, a escala de reconstrução da II Grande Guerra trazia um novo (sem) limite para a arquitectura. Seria impossível numerar a quantidade de projectos considerados utópicos, ou todos os utopistas e as suas cidades ideais. No entanto, as grandes utopias da cidade moderna e contemporânea partem da *Utopia* de Thomas More, texto matriz, aplicadas à cidade industrial que estava a nascer. Essas propostas utópicas surgem para que a cidade se desenvolva e ofereça condições dignas de vida, e com elas surgem, sobretudo, pensadores.

Existe tradição utópica em Lisboa?

O terceiro momento, foca-se nos primeiros pensadores da cidade de Lisboa com cariz social e nos primeiros textos que possam, eventualmente, ter sido reflexo de um pensamento utópico.

Não foi fácil escolher o caminho para responder a esta questão. Coincidência, no decorrer da presente investigação, Lisboa tinha acabado de receber a exposição *Futuros de Lisboa* (2018), e havia já a referência a uma anterior, *Lisboa que teria sido* (2017). Falando de coisas semelhantes, uma leva-nos a um Lisboa que poderia ter sido, e a outra, de uma Lisboa que poderá vir a ser.

Para além da exposição foram também utilizados, como ponto de referência, a edição de vários textos de três autores (Fialho de Almeida, Melo Matos e Reinaldo Ferreira) por Manuel Graça Dias, curador da exposição, textos esses que também se debatem com uma Lisboa – talvez - utópica.

Utopias ou Visões?

Tivemos nós uma tabula rasa? Terá sido o terramoto de 1755? Ao analisar a escala da reconstrução de Lisboa, esta não se verificou evidente no que toca a alguma utopia, o que resultou numa análise da cidade das sete colinas. Para isso olhamos para Ressano Garcia, que no século XIX propõe novos planos para a cidade de Lisboa.

Debruçamo-nos no final do século XIX, início do século XX, período negro e pesado em Portugal. O Estado Nacional caía e impunha-se a ditadura do Estado Novo, com António de Oliveira Salazar. Deus, pátria, autoridade, família e trabalho, eram as palavras de eleição deste novo regime salazarista. O Estado Novo e Duarte Pacheco surgem reformulações urbanas à escala de Lisboa um dos maiores eventos político-sociais até à data, e que influenciou em muitos aspectos as décadas que se seguiram. Lisboa sofria transformações, e uma Lisboa imaginária ia sendo construída de vontades de algo, não melhor, mas mais moderno.

Segundo Manuel Graça Dias, a possível concretização de um *futurismo* português foi tardia, uma vez que o Estado Novo se iria encarregar de envolver os arquitectos modernistas num dos maiores “gritos” nacionalistas, a *Exposição do Mundo Português* (1940).

Ao pesquisar sobre esta celebração, denota-se apenas uma iniciativa de propaganda do estado, com a pertinência temporal certa, que reforçava o prestígio do país. Não se evoca apenas a Lisboa do passado e do presente, mas visionava-se a Lisboa do futuro.

Se esta exposição partia de uma utopia, então a *Expo'98*, sê-lo-ia seguramente. Em 1992, Lisboa tinha como objectivo chegar a Capital Atlântica da Europa, e assim como a zona ocidental de Lisboa tinha sido transformada e reabilitada pela *Exposição do Mundo Português*, a zona oriental de Lisboa viria a ganhar uma nova centralidade com a realização da utopia da Expo 98.

Serão estas, algumas, das nossas utopias?



1 Utopia

“Ali onde tu não estás, está a felicidade.” (Bloch, 1980, p. 45)

1.1. A Palavra

U·TO·PI·A (u.tu.p'i.e)

O ser humano, desde que o é, tem qualquer coisa que o faz ser, que o faz humano. Tem dentro dele uma força intrínseca¹, que o faz sonhar e ambicionar por um algo melhor. Que nome tem essa força²? Esperança? Sonho? Imaginação? Delírio, fantasia?

Para chegarmos ao coração da questão, é essencial a procura de respostas através de algumas perguntas que, com alguma sorte, nos guiarão pelo caminho certo. Há cinco séculos, um homem desenvolveu uma ideia e criou uma palavra. Essa ideia mudou o Mundo, e nós,

¹ “E é esse o ponto a destacar: a imaginação utópica é interior ao homem, isto é, é algo de seu íntimo, é íntima dele, lhe é inerente. Não pode ser seccionada dele sob pena de pô-lo à morte.” (Coelho, 1980, pp. 10-11)

² “Estaríamos mais perto do nome adequado a essa força de contradição se pensássemos na imaginação, essa capacidade de superar os limites frequentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível. (...)Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direcção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar esse futuro enquanto projecção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado.” (Coelho, 1980, p. 8)

agradecemos profundamente. Podíamos chegar a esse conceito por diversos caminhos. Começamos pela palavra, **utopia**.

“Historicamente, o conceito de utopia foi definido com relação a uma das quatro características:

- (1) o conteúdo da sociedade imaginada;
- (2) a forma literária na qual o imaginário utópico foi cristalizado;
- (3) a função da utopia;
- (4) o desejo de uma vida melhor.”³

A palavra utopia propagou-se nas mais diversas áreas – sociologia, antropologia, filosofia, política, literatura, economia, história e arquitectura –, e o seu limite teórico mantém-se frágil. Após uma série de renascimentos intelectuais, e até ameaças de *morte*⁴, o tema da utopia está, e permanecerá, presente na academia e na ciência. O caso de utopia é singular⁵. Não só é possível definir uma origem temporal da palavra, como a sua data exacta, autor e trabalho onde esta foi empregue pela primeira vez.

³ (Vieira, 2010, p. 6)

⁴*O fim da utopia* (Marcuse, 1967) – a tese de que o projecto utópico de uma sociedade livre estaria fora do alcance do mundo de hoje. “(...) Hoje temos a capacidade de transformar o mundo em inferno e estamos bem no caminho para fazê-lo. Também temos a capacidade de transformá-lo no oposto do inferno. Isso significaria o fim da utopia, isto é, a refutação daquelas ideias e teorias que usam o conceito de utopia para denunciar certas possibilidades sócio históricas.” (Marcuse, 1967)

⁵ “O problema é que o primeiro significado da utopia não é óbvio. (...) Essa era uma nova forma literária, e a sua novidade certamente justifica a necessidade de um neologismo.” (Vieira, 2010, p. 4)

Utopia é um paradoxo, não faz parte do vocábulo grego, sendo, no entanto, formado por duas partes que a compõe. Deriva do grego *ou* (não) e *topos* (lugar), originando o significado de *não lugar* – diferente de lugar que não existe.

Ideia ou descrição de um país ou de uma sociedade imaginários em que tudo está organizado de uma forma superior e perfeita.

Sistema ou plano que parece irrealizável. Fantasia, Quimera, Sonho ⁶

Este neologismo foi criado em 1516 por Thomas More⁷ (1478-1535), na sua obra *Libellus vere aureus, nec minus salutaris quam festivus, de optimo rei publicae statu, deque nova insula Utopia* (*Um pequeno livro verdadeiramente dourado, não menos benéfico que entendedor, do melhor estado de uma república e da nova ilha Utopia*), ou simplesmente *Utopia*⁸- é nada mais, nada

⁶ “*Utopia*”, in Dicionário da Língua Portuguesa, 2008-2013

⁷ Thomas More era advogado, escritor e estadista inglês. Um dos funcionários de confiança de Henrique VIII, tornou-se chanceler de Inglaterra em 1529. Humanista e defensor apaixonado da ortodoxia católica, quando Henrique VIII estabeleceu a Igreja Anglicana – o que lhe permitiu divorciar-se de Catarina de Aragão –, More renunciou à sua chancelaria. Contra o divórcio do rei, a Reforma e a divisão da Igreja Católica, foi julgado por traição e decapitado a 6 de Julho de 1535. More tornou-se um mártir por convicções religiosas, tendo sido beatificado.

⁸ A obra divide-se em dois livros: o primeiro relata a Inglaterra e a Europa do século XVI traçando um olhar crítico sobre a época, e no segundo livro, através do navegador português Rafael Hitlodeu, desenha e descreve com todo o pormenor a antítese dessa sociedade

menos, que uma ilha imaginária que abrigava uma sociedade perfeita. *Utopia* nasce, no contexto do Humanismo, e baseia-se no conceito de que o ser humano pode mudar a sociedade. É uma obra que segue a tradição Platónica⁹ e inova o conceito de organização social.

“Louvei, então, as instituições utopianas como louvei o seu discurso. Depois, agarrei-lhe na mão para o conduzir para o jantar, dizendo-lhe que em outra ocasião qualquer teríamos tempo para meditar mais profundamente naqueles assuntos e para conversar juntos, com maior cópia de pormenores.

Oxalá isso me possa acontecer um dia!

Porque, se por um lado não posso concordar com tudo quanto foi dito por este homem, de resto muito sabedor e hábil nos negócios humanos, por outro lado, confesso com sinceridade que há entre os utopianos uma imensidade de coisas que desejaria ver instauradas nas nossas cidades.

Desejo-o mais do que espero.” (More, 1973)

– a ilha Utopia não (d)escreve o *ideal*, sugere uma possibilidade de uma organização diferente. No primeiro livro, More termina a sua narração defendendo que muitas políticas utópicas seriam absurdas – embora algumas se pudessem justificar na Europa. Termina a sua utopia confessando que “muitíssimas coisas há na terra da Utopia que gostaria de ver implantadas nas nossas cidades, em toda a verdade e não apenas em expectativa”.

⁹ Platão e Thomas More, trazem “dois exercícios da imaginação utópica que constituem, de certo modo, aquilo que se poderia chamar de arquétipo da utopia política, do qual derivam uma série de outros. Estes apresentarão variações, diferenças, penetrarão em campos não explorados por aqueles e irão mais longe, eventualmente; mas a estrutura básica é a que vem figurada na República e na ilha de Utopia” (Coelho, 1980, p. 33) Platão elabora um plano que contém três obras - A República – Cidade dos Homens; As Leis – Sociedade sob o império da lei; Críticas – diálogo inacabado onde surge a Atlântida.



Figura 1



Figura 2

1.2. O Conceito

O conceito de utopia já existia latente muito antes de Thomas More ter proposto a palavra, a utopia é uma condição *sine qua non* do ser humano.

“L’utopie n’est pas seulement “u-topos” un autre lieu; elle est le lieu meme de la pensée créatrice. L’imaginaire est la matrice du réel”. (Denis & Nouchi)

Origem do Conceito

Utopia deu início não só a um novo género literário, como criou uma nova forma de pensar. O pensamento utópico não se limita apenas à literatura, e é necessário desenhar uma linha entre os dois.

LI·TE·RA·TU·RA (li.ti.re.t'u.re)

PEN·SA·MEN·TO (pẽ.se.m'ẽ.tu)

“Consideramos utópicas todas as ideias situacionalmente transcendentais (não apenas projecções de desejos) que, de alguma forma, possuam um efeito de transformação sobre a ordem histórico-social existente.” (Mannheim, 1968, p. 152)

Literatura Utópica

A utopia é o único género (ou subgénero) do modo narrativo cujo nome deriva, não de uma generalização de vários textos, mas do livro de um autor. As utopias surgem idealizadas, geralmente, em sociedades isoladas, ilhas ou planetas remotos, em realidades paralelas ou numa galáxia futura.

“Resumidamente, a utopia/género, à imagem da Utopia/obra, seria caracterizada por quatro elementos pertinentes: a inexistência real (*nulle part*), a ficcionalidade (*le récit*), a sociabilidade (*une communauté*) e a reflexão (*la complexité*).” (Borrinho, 2004)

Pensamento Utópico

“A Utopia is a thing of the imagination.” (Wells, 1905)

A partir de More, inicia-se uma reflexão¹⁰ em todos os domínios (filosófico, histórico, literário, urbano, etc.) que inspira a literatura, e abre o horizonte para o pensamento sociopolítico, passando por Karl Marx, até aos dias de hoje.

¹⁰ More fez nascer uma tradição subversiva, ou seja, inibiu os autores utópicos de esquecer qualquer responsabilidade a respeito do que estão a descrever. Thomas More, criou uma forma de pensar que reconhece ao ser humano a capacidade de definir o seu próprio destino, isto é, foi o fundador da discursividade.

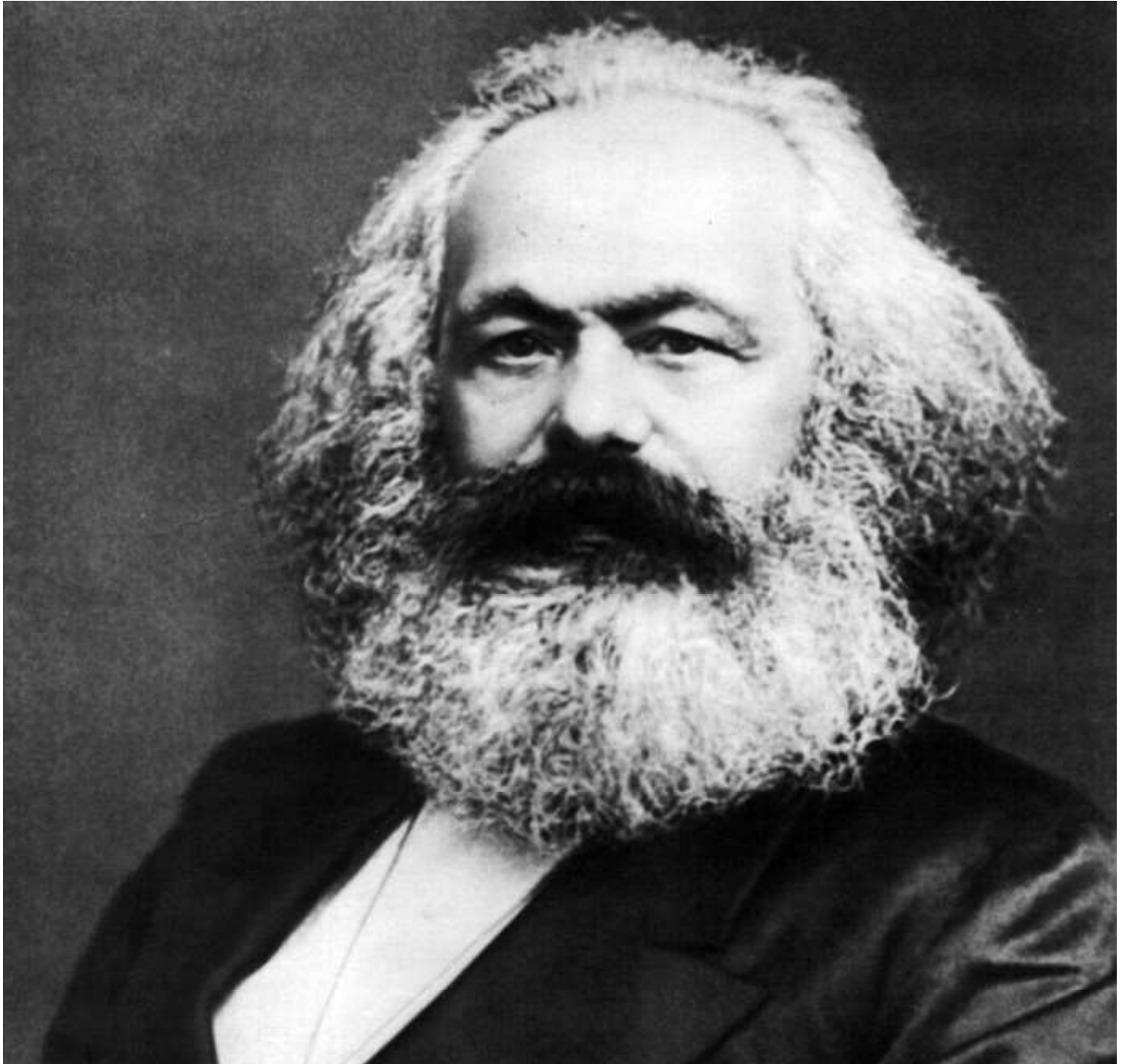


Figura 3

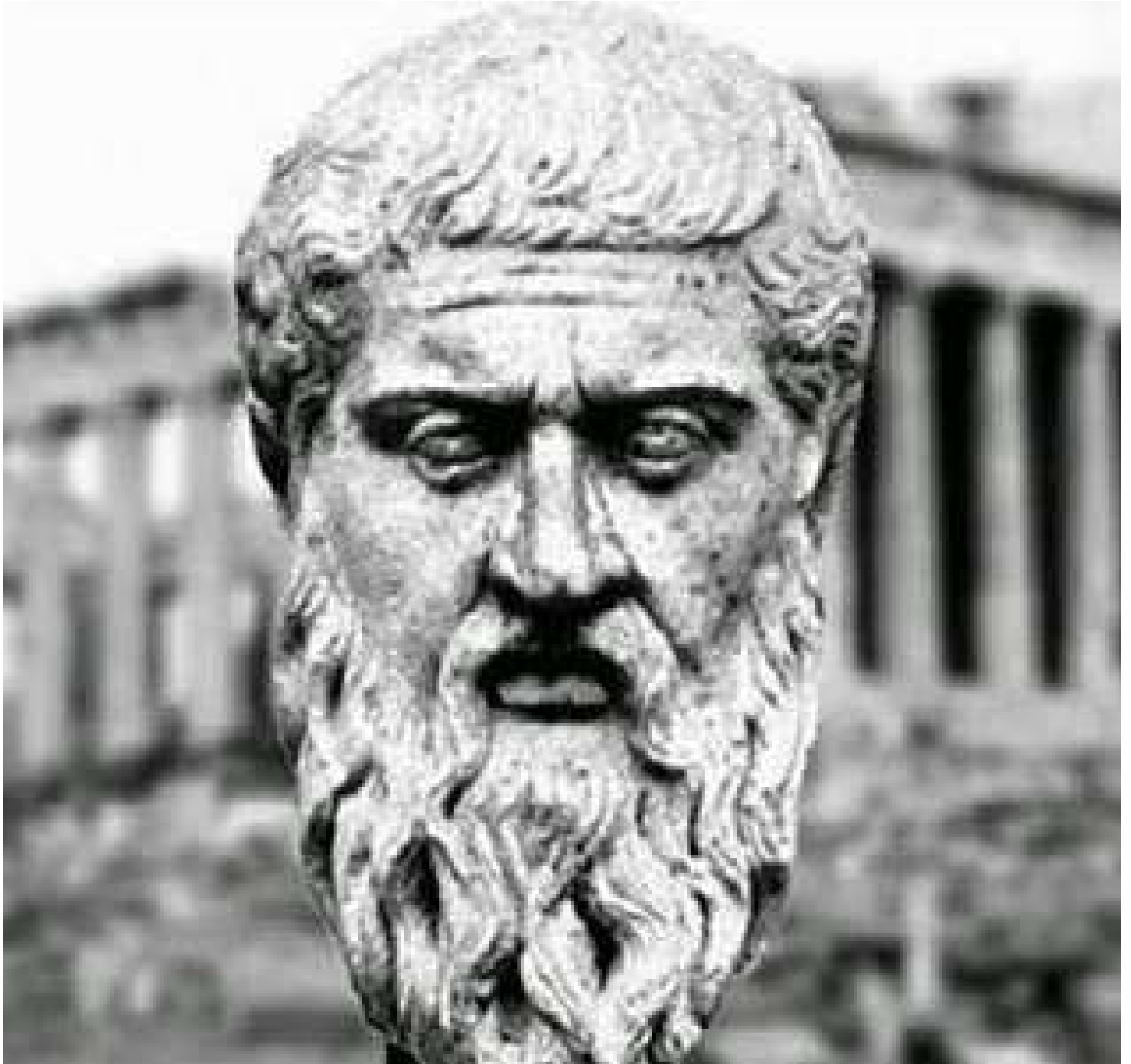


Figura 4

Não se trata de um pensamento optimista – envolve o pensamento crítico e uma análise da situação do presente, mas é um pensamento crítico extremamente político, no sentido em que tenta identificar as causas de problemas fundamentalmente sociais, e requer do pensador utópico a capacidade de criar novas formas de organizar a sociedade em virtude de resolver os mesmos. Karl Marx critica os utopistas, o seu irrealismo, reconhecendo um interesse teórico, mas não formal (enquanto projecto de sociedade).

Crítica Social

“A utopia é então vista como uma questão de atitude, como uma espécie de reacção a um presente indesejável e uma aspiração de superar todas as dificuldades pela imaginação de alternativas possíveis”.¹¹

Podemos encontrar as origens das ideias utópicas na imagem da perfeição e no imaginar sociedades ideais na literatura clássica e bíblica. O pensamento utópico¹² pretende, por um lado, apurar uma racionalidade política, e por outro, alimenta-se da fantasia e da fuga para um mundo ideal. Este constitui-se como um exercício da imaginação - da imaginação individual e social (Baczko, 1991, p. 357) – e de “ideias-imagens” (Baczko, 1991, p. 364)

¹¹ (Vieira, The concept of Utopia)

¹² Esta vertente, segundo Fátima Vieira, divide-se em quatro pontos:

Pensamento em Perspectiva – ideia de que temos de definir um horizonte em direcção ao qual queremos caminhar; Pensamento Crítico – é necessário para analisarmos o Presente e analisarmos as opções de caminhos que queremos escolher; Pensamento Holístico – esta noção de que a sociedade funciona como um sistema (económico, social, político, ecológico) faz com que exista a noção de que tudo está interligado.; Pensamento Criativo – o facto da nossa imaginação ser desencadeada pela pergunta “e se?” (*what if*) abre infinitas possibilidades, e isto é uma das funções da literatura utópica e da ficção científica.

“Até fins do século XVIII, as utopias eram vistas ou como discussões filosóficas (no caso de a República) ou como género literário (...) a partir da Revolução Francesa, porém, os projectos de reforma social surgem cada vez mais sob a luz da possibilidade de sua realização efectiva, desde que os indivíduos, grupos e classes estivessem dispostos a tentá-la. Nesse momento, a utopia deixa de ser um caso da literatura e transforma-se em questão, hipótese e caminho da política. Uma outra palavra, senão um outro projecto, surgirá ao lado da utopia: revolução.” (Coelho, 1980, p. 50)

A utopia não se resume a episódios temporais, no entanto, foi e mantém-se, um perigo em potência quando associado a forças totalitárias ou pensamentos castradores da liberdade individual¹⁴. Foi crida como crença de uma mudança positiva, crença essa que se altera nuns pós II Guerra Mundial, colocando em causa a sua essência¹⁵. A derrota das utopias revolucionárias e a reacção conservadora expressa em regimes como o fascismo e o nazismo, desmanchou o sonho utópico e enfraqueceu a sua ideia de realização. Mas utopia, em última análise, não é política. A política começa com a dúvida e com o risco, pontos que a utopia recusa e pretende intrinsecamente desconhecer.

¹³ A crítica marxista à utopia, de alguma forma, definia a *revolução* como algo que opera, transforma, actua; já a utopia apenas propõe, suscita, ilustra, e talvez, adia.

¹⁴ “Na verdade, se as utopias são chatas, insuportáveis, é porque são, exactamente, maniqueístas ao extremo.” (Coelho, 1980, p. 42)

¹⁵ “A própria dinâmica da revolução, a transformação das estruturas políticas e sociais, bem como dos modos de pensar e dos sistemas de valores, e ainda os conflitos políticos e sociais marcados pela presença das massas, em especial as multidões revolucionárias – todos estes fatores estimulam a produção acelerada dos sentidos que se procura atribuir à precipitação de acontecimentos cujos efeitos muitas vezes surpreendem os atores políticos e sociais.” (Baczko, 1991, p. 320)

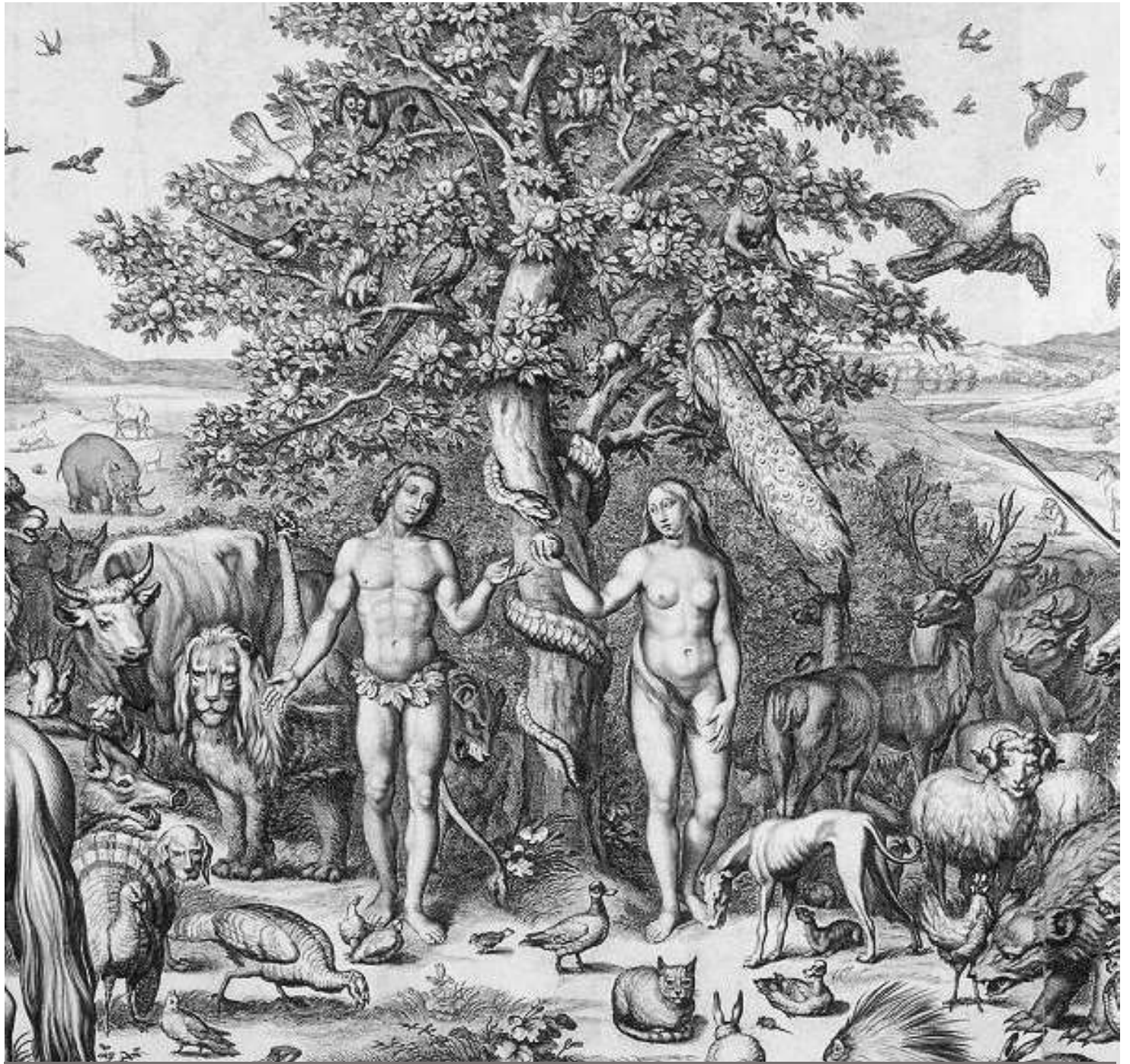


Figura 5



Figura 6

“Utopia (...) ella está en el horizonte. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. Para que sirve la utopia? Para eso sirve: para caminar.”¹⁶

“E acrescentaria: com sentido.” (Vieira)

A vontade utópica esteve presente nas sociedades históricas e primitivas, na religião, em lendas e crenças que apontam para algo melhor, no éden e no paraíso, mas também como elemento impulsionador de revoluções e evoluções, de criações e ambições, e “levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar de vida.” (Coelho, 1980, p. 9)

Ao definir as lógicas de intervenção da utopia surgem três funções a ter em conta: crítica, compensatória e catalisadora.

“Um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre. (...) Esta incongruência é sempre evidente pelo facto de que este estado de espírito na experiência, no pensamento e na prática se oriente para objectos que não existem na situação real.” (Mannheim, 1968, p. 144)

¹⁶ Birri, Fernando citado por Galeano, Eduardo, in *“Las palabras andantes”*, de Eduardo Galeano e José Borges, Publicado por Siglo XXI, 1994 p.310.

A utopia não nos apresenta um projecto a ser realizado, ela aponta-nos diferentes caminhos. Segundo Mannheim, as utopias são simultaneamente críticas da organização política actual e planos para a melhoria da sociedade.¹⁷ Mannheim distingue ideologia e utopia, julgando ambas como ideias que transcendem a realidade¹⁸.

“As ideologias são ideias situacionalmente transcendentem que jamais conseguem de facto a realização de seus conteúdos pretendidos. (...) As utopias também transcendem a situação social, pois também orientam a conduta para elementos que a situação, tanto quanto se apresente em dada época, não contém. Mas não são ideologias, isto é, não são ideologias na medida e até o ponto em que conseguem, através da contra actividade, transformar a realidade histórica existente em outra realidade, mais de acordo com suas próprias concepções.” (Mannheim, 1968, pp. 145-146).

Na sua lógica, e olhando para o passado, o que distingue estes conceitos é a sua realização.

¹⁷ Mannheim identifica quatro tipos principais de mentalidades utópicas segundo uma análise dos momentos históricos em correlação com concepções de mundo: o quiliasma orgiástico, a ideia liberal-humanitária, a ideia conservadora e, por fim, a utopia socialista-comunista. Todas estas mentalidades surgem de grupos que podem ser considerados oprimidos, porém em ascensão, que fazem uma conexão entre a sua concepção de mundo e a esfera da acção sobre a realidade deste mundo.

¹⁸ “Todos os períodos da história contiveram ideias que transcendiam a ordem existente, sem que, entretanto, exercessem a função de utopias; antes, eram as ideologias adequadas a este estágio de existência, na medida em que estavam ‘organicamente’ e harmoniosamente integradas na visão de mundo característica do período (ou seja, não ofereciam possibilidades revolucionárias). (...) Somente depois que certos grupos incorporaram estas imagens desiderativas à sua conduta efectiva foi que estas ideologias se tornaram utópicas.” (Mannheim, 1968, p. 144)

Realização Utópica

A utopia é sempre ruptura com o presente. A partir do momento em que a utopia é realizada, torna-se estática. E a utopia é exactamente ao contrário. A relação de utopia e futuro começou nos finais do século XVIII ¹⁹. Antigamente as utopias descreviam outros sítios que já tinham existido no mesmo tempo, e embora lide com o futuro, esta também enfatiza o presente e leva-nos a agir ao estimular a vontade de alterar o que está mal.

Imaginário Real

A utopia não tem limite, e não prevê o seu fim²⁰. Rege-se pela realidade do passado, o que a faz não ser um sonho abstracto, mas sim uma imaginação concreta. (Coelho, 1980, pp. 9-10) Todas as utopias funcionam através de cenários reais e presentes, limitando-se a projectá-los num outro contexto, submetidas ao destino e à previsão eventualmente científica.

A utopia, que reflecte e é reflectida no real, relaciona-se com o real como crítica, e como ideal de transformação – não apenas como imagem estática, mas como geradora de ideias.

Mostruários do Futuro

A utopia elabora a hipótese, cria alternativas. A isto podemos chamar de criatividade. A utopia passou da literatura para mito, e de mito a ciência. A eficácia da utopia não deixou de ser

¹⁹ O século XVIII ficou conhecido como o Século das Luzes. As ideias iluministas promovidas na Europa por filósofos tiveram impacto no mundo e motivando revoluções, como a Revolução Francesa em 1789. Foi o último século da Idade Moderna e o primeiro da Idade Contemporânea. Neste mesmo século houve a Revolução Industrial, originada em Inglaterra, modernizando métodos de produção levando a uma execução de maior escala em menor tempo.

²⁰ “Das duas tendências em conflito no mundo moderno – as correntes utópicas em luta contra uma tendência complacente a aceitar o presente – é difícil dizer de antemão qual acabará por vencer, pois o curso da realidade histórica que determinará esta vitória repousa ainda no futuro.” (Mannheim, 1968, pp. 183-184)

puramente literária, e o seu descrédito tornou-se sinónimo de procura do inalcançável, do irrealizável. Utopia passou a conceito histórico, definida por projectos de transformação social considerados impossíveis. O projecto utópico era *anti natura*.

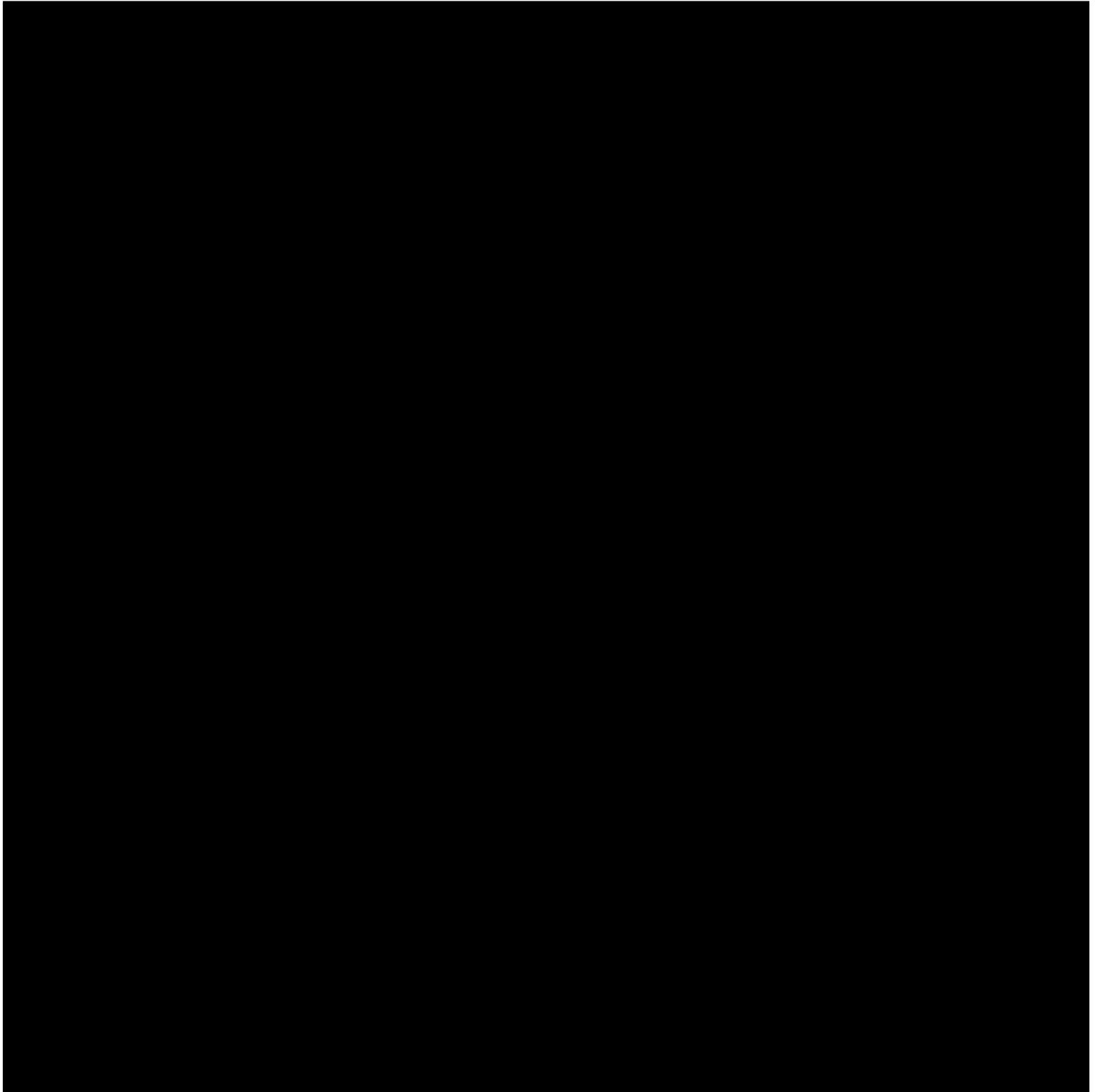
“Devido a que a determinação concreta do que seja utópico procede sempre de um certo estágio de existência, é possível que as utopias de hoje venham a ser realidades de amanhã: ‘*Muitas vezes as utopias nada mais são do que verdades prematuras*’ (‘*Les utopies ne sont solvante que des vérités prématurées*’, segundo Lamartine).” (Mannheim, 1968, p. 150)



Figura 7



Figura 8



2. Utopia, Arquitectura e Cidade

3. "Basically, if you're not a utopianist, you're a schmuck." (Jonathan Feldman)

2.1 Utopia e Reforma da Cidade

A Arte tem a capacidade de reformar o Homem, especialmente a Arquitectura – a arte onde vivemos. A Arquitectura como utopia sucede à utopia como arquitectura – ela está, como a utopia, sempre em renovação, e é responsável e geradora do espaço humano para a formação de um mundo melhor.

“Não tenho qualquer dúvida quando afirmo que a arquitectura pode (e deve) ter uma dimensão utópica, uma vez que tem como missão primeira a organização dos espaços.” (Fátima Vieira, Ver Anexo A)

A Cidade²¹ é a Utopia da Arquitectura, e os arquitectos os seus utopistas – desenham cidades ideais, e propõem novas formas de organização espacial e social -, não fossem todas as utopias dependerem do desenho do espaço urbano para as dinâmicas sociais que ditam.

“Haverá poucas coisas que vinculem mais poder, que agreguem, dividam, hierarquizem ou imponham mais, do que a força das utopias e das visões. E, conseqüentemente, do seu planeamento e aplicação prática.” (Seixas, 2018, p. 8)

²¹ “Todo o imaginável pode ser sonhado, mas também o sonho mais inesperado é um enigma que oculta um desejo, ou o seu contrário, um terror. As cidades como os sonhos são construídas de desejos e de medos, embora o fio do seu discurso seja secreto, as suas regras absurdas, as perspectivas enganosas, e todas as coisas escondam outra. Eu não tenho desejos nem terrores – declarou o Kan, - e os meus sonhos são compostos ou pela mente ou pelo acaso. Até as cidades julgam ser obra da mente ou do acaso, mas nem uma nem a outra bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade não desfrutas as sete ou as setenta e sete maravilhas, mas sim a resposta que dá a uma tua pergunta. Ou a pergunta que te faz obrigando-te a responder, como Tebas, pela boca da Esfinge.” (Calvino, 1994, p. 46)

A Antiguidade Clássica deixou o registo de que muitos já teriam elaborado reflexões urbanísticas e filosóficas sobre uma possível sociedade, e consequente cidade, ideal ²². O pensamento utópico propôs cidades que espelhavam territorialmente uma reorganização social, e esta idealização correspondia a uma aspiração de transformação da realidade presente.

“E esse novo mundo estimulou não apenas o exercício da imaginação utópica, como motivou fortemente as pessoas a tentarem nele, que era a própria materialização da utopia, a concretização de seus sonhos (...).” (Coelho, 1980, p. 71)

Os modelos de cidade podem ser interpretados entre dois polos opostos: políticos e artísticos. Ambos são contributos para a reflexão sensorial do espaço urbano. Muitas foram as formulações que tentaram corresponder ao conceito de cidade de Aristóteles²³, e sucedem-se modelos de organização espacial, até chegar à mais contraditória de todas as utopias - *Carta de Atenas* -, cuja realização mais emblemática é a cidade de Brasília.

²² Vitruvius, arquitecto do período romano, mostra no seu tratado de arquitectura *De Architectura Libri Decem*, preocupações urbanas, quanto à sua forma, não demonstrando grandes preocupações sociais nos seus planos urbanos, Em meados do século XV, a presença da utopia começa a ser traçada por Leon Battista Alberti (1404-1472), António Filarete (1400-1465), e Leonardo da Vinci (1452-1519). A utopia anuncia-se no *Prologo* de *De re aedificatoria* ao ser concedida à Arquitectura, *O Trattato di architettura*, segundo o texto de 1461-64, de Antonio Averlino detto il Filarete. Apresenta a primeira proposta desenhada de cidade ideal, de natureza utópica, Sforzinda.

²³ Na Antiguidade Clássica, Platão (*A Republica*) descreve o Estado Ideal; na Idade Média, Santo Agostinho (*A cidade de Deus*) insinua uma sociedade ideal; no Renascimento, Thomas More (*Utopia*), mostra o seu ideal social representado espacialmente; no Iluminismo, Bacon (*Nova Atlantis*) escreve e a primeira utopia científica; no Modernismo, os socialistas utópicos aplicam o método utópico no mundo real. More, Campanella e Fourier rejeitam a estética e remetem a utopia para um conceito ético, enquanto que os socialistas utópicos e futuristas (como Sant’Elia), pretendem concretizar a utopia num plano prático, valorizando a componente estética da ciência e da tecnologia.

“(…) o urbanismo não escapa completamente á dimensão do imaginário. “ (Choay, O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia., 2002)

Projecto Utópico

O acto de projectar já é utopia, não importa que a obra seja construída. No entanto, o que distingue projecto ²⁴ de utopia²⁵, é o objectivo da concretização – ou não dos seus ideias - uma fronteira difícil de delimitar. A utopia age no imaginário, tem por objecto a capacidade de tornar-se real, procura mudar o total, não o local. No limite dos dois, projecto e a utopia, estará o interesse em prever o futuro, levando à sua transformação.

“O projecto de arquitectura pressupõe, por definição, a previsão e o plano de uma realidade que ainda não existe (do latim *projectus*: lançado para diante)” (Neves, 2016)

A Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, alterou a forma como a sociedade se organizava, ocupava, e vivia o espaço. O urbanismo, como consequência, traz consigo a responsabilidade de dar resposta às questões que se levantavam. A utopia tornava-se matéria, e ocupava o seu lugar físico na História. Imaginar uma sociedade em transformação implica uma reflexão sobre cada um dos pilares base da vida humana em comunidade, mas o Mundo, destruído pela I Grande Guerra (1914-1918), e a Revolução Russa (1917) a criar uma verdadeira utopia,

²⁴ PROJECTO – procura desencadear acção, é processual

²⁵ UTOPIA – não pretende ser posta em prática, é reflexão sobre o futuro possível e critica o presente, é totalitária, no sentido em que não se revê numa localização

trazia uma desilusão perante o pensamento utópico, ligando-a a uma ideologia revolucionária. A palavra utopia era – e talvez se mantenha - depreciativa quando aplicada à Arquitectura. (Ver Anexo A).

Durante o período pós-guerra, o arquitecto pode fazer experiências de tabua rasa, que nem sempre correram bem. A escala da reconstrução após a II Grande Guerra (1939-1945) acompanhou o crescimento da economia, de novos comportamentos sociais, e tinha a tecnologia aliada às necessidades humanas, o que oferecia oportunidades inéditas. O futuro era de grandes edifícios e ocupava o seu lugar na Arquitectura. Na Arquitectura e Urbanismo do século XX, o conceito de utopia integra o Movimento Moderno²⁶. No entanto, utopia não existe como *não-lugar*, mas sim como agente provocador de uma possibilidade real, possível e exequível. É uma época de projectos-manifestos e de manifestos, ideia gerada por pensadores como Le Corbusier, Frank Lloyd Wright, ou os membros da Bauhaus. O Modernismo deixou claro a existência de um carácter positivo, reformista e revolucionário na utopia.²⁷

²⁶“Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (...) nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana.” (Berman, 1986, p. 24)

²⁷ Como diz Le Corbusier no seu livro *Por uma Arquitectura*, “Arquitectura ou Revolução?”, demonstrando a sua fé numa arquitectura industrializada e eficiente, sendo esta a única forma de impedir uma revolução social.

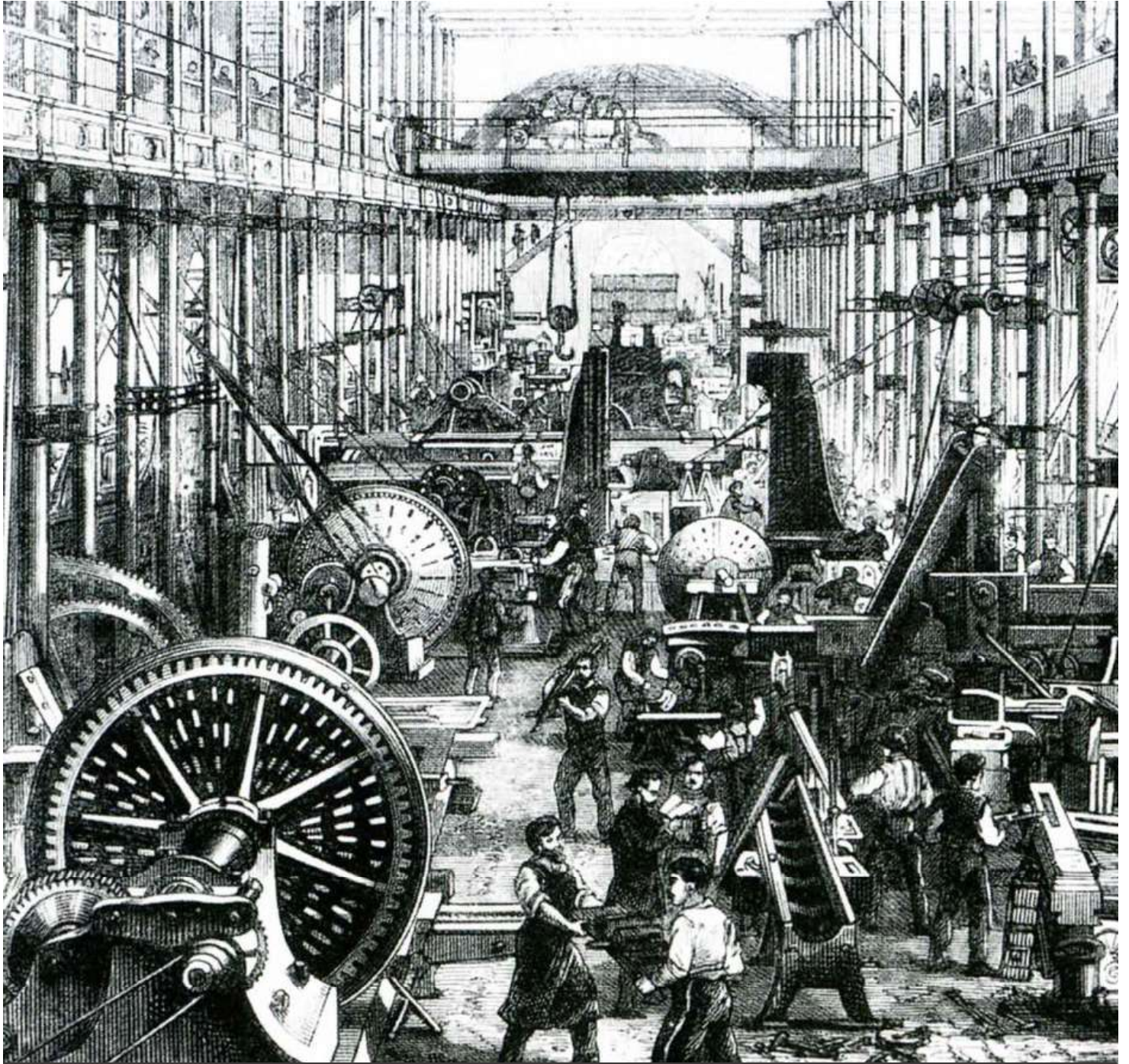


Figura 11

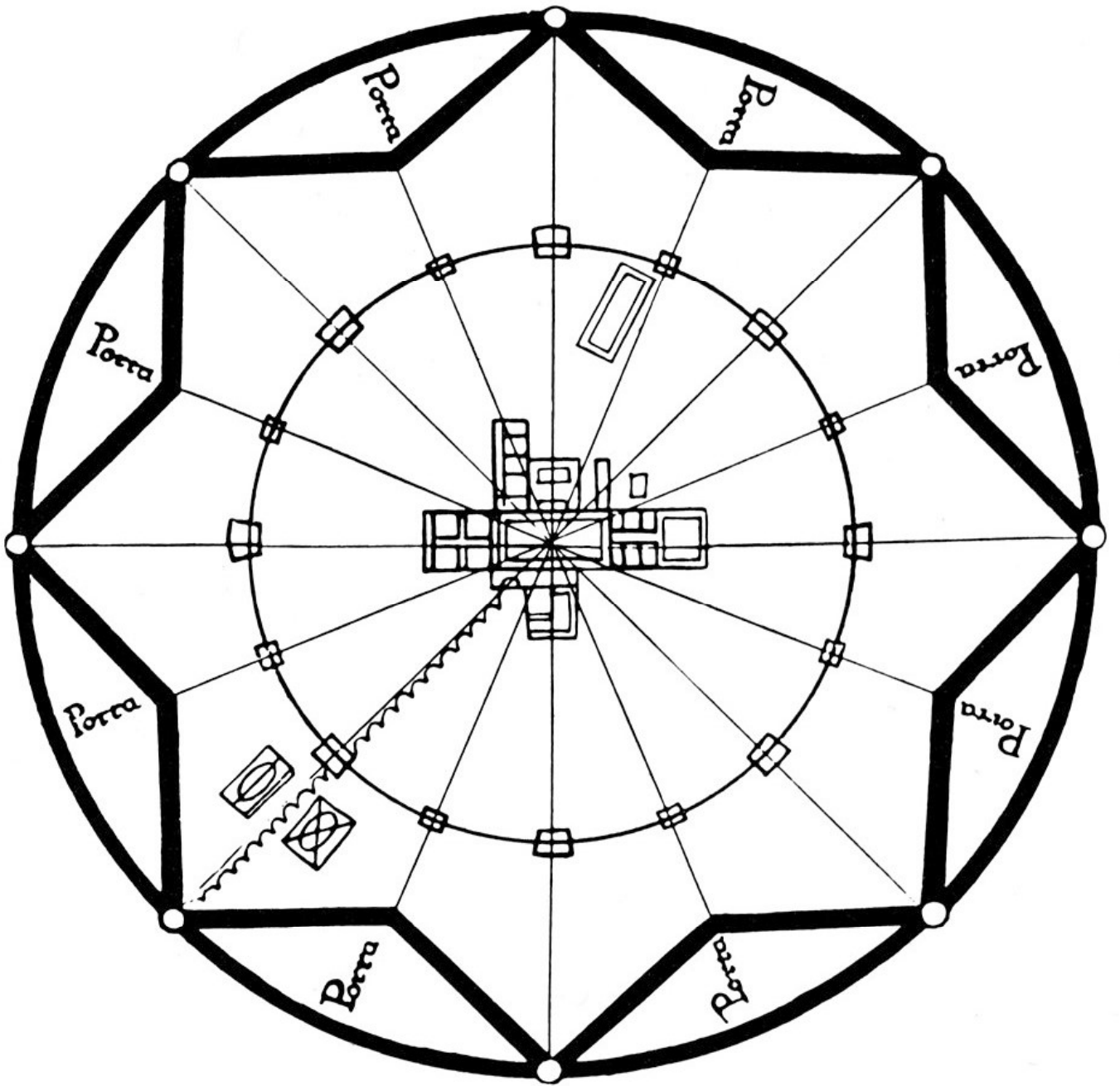


Figura 12

2.2. Utopias Arquitectónicas

A grandes utopias da cidade moderna e contemporânea partem da *Utopia* de Thomas More, texto matriz, aplicadas à cidade industrial que estava a nascer. Essas propostas utópicas surgem para que a cidade se desenvolva e ofereça condições dignas de vida, e com elas surgem, sobretudo, pensadores.

“O desejo da utopia transforma-se em algo de preciso, tende a concretizar-se? Ou a imaginação utópica é cultivada pelo homem apenas como um meio de fuga, como válvula de escape interior diante da triste realidade? Uma postura diletante e académica diante da questão optaria pela segunda proposição.” (Coelho, 1980, p. 68)

Françoise Choay (1925), classifica as correntes de pensamento urbanístico e pré-urbanístico em dois modelos: Modelo Culturalista, que davam efectivo valor à cidade (como por exemplo Ruskin, e William Morris); e o Modelo Progressista, que associava o progresso à austeridade (como por exemplo Owen, Fourier, Godin, Cabet e Richardson) (Choay, 2002). As propostas utópicas orientam-se segundo as duas direcções antagónicas do tempo – o passado e o futuro - na forma de nostalgia e progressismo.

O Modelo Progressista faz uma crítica à sociedade industrial, e foca-se nas potencialidades do progresso futuro. Recorre à criação do homem-tipo com necessidades-tipo, tendo o homem é o modelo. Os modelos urbanos ideais deveriam responder às necessidades da sociedade, mas eram modelos repressivos. As formas geométricas espaciais e normas de convivência social eram rígidas, mas respondia a uma racionalidade dos espaços e uma lógica funcional. A estética tem um papel preponderante, associando lógica e a beleza. O espaço urbano é traçado segundo três funções: trabalho, habitação, cultura e lazer. A cidade devia adaptar-se às necessidades modernas, englobando a indústria e o novo modo de vida. Robert Owen, Charles Fourier e Jean Baptiste Godin, são exemplos de arquitectos deste modelo (Choay, 2002, p. 10).

Já o Modelo Culturalista tem o homem como único na sociedade. Assume a cidade como ponto de partida, onde as necessidades espirituais precedem às materiais, indo ao encontro de uma nova forma de vida, resgatando valores e costumes passados. A cultura é um dos seus conceitos principais, mas exige um menor rigor com a conduta moral. Segundo esta corrente, na Arquitectura não deveria existir padrão ou modelo, havendo apenas espaço para a originalidade. O traçado urbano não é geométrico, assumindo irregularidade e assimetria. John Ruskin, William Morris, por exemplo, foram arquitectos culturalistas. (Choay, 2002, pp. 12-14)



Figura 13

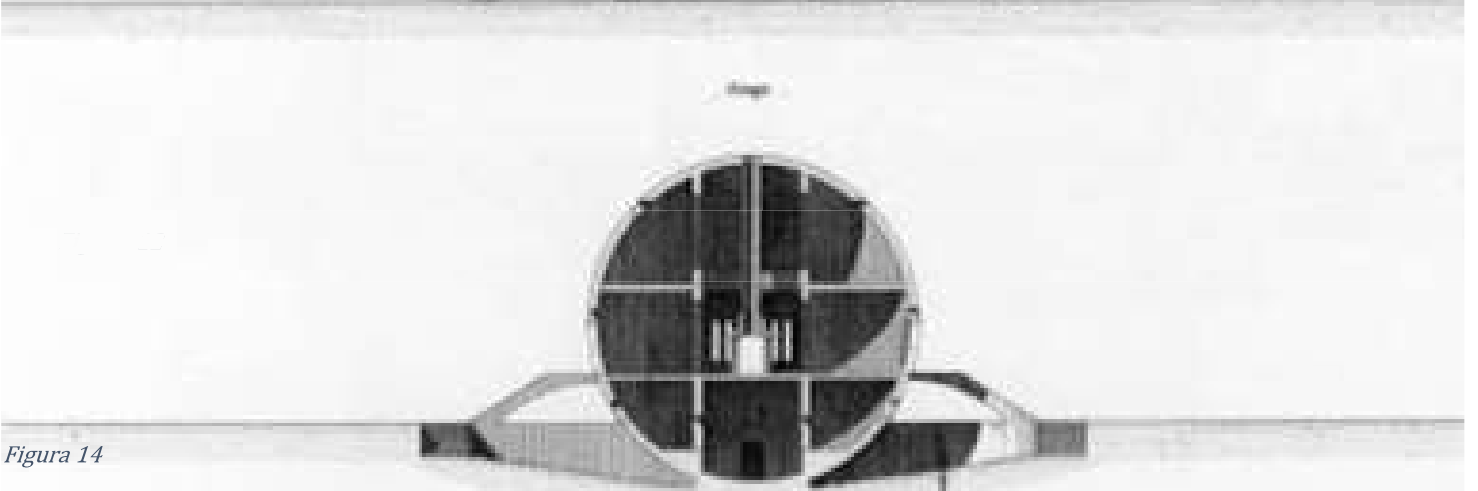
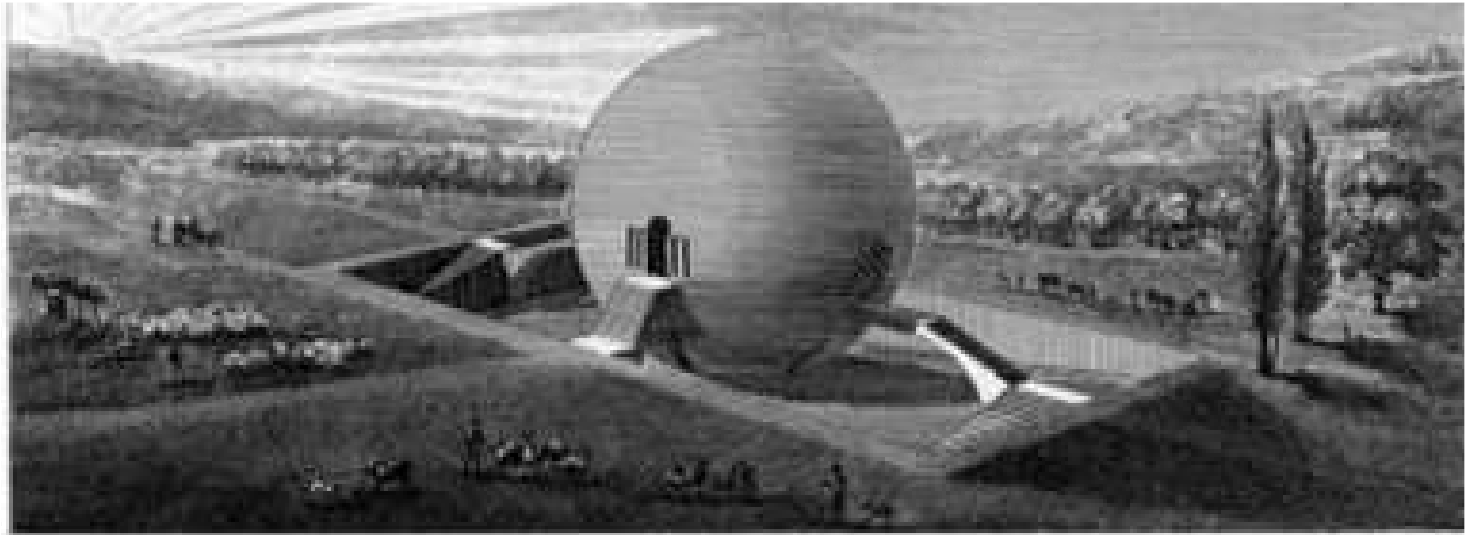


Figura 14

No século XVIII, os arquitectos visionários Étienne-Louis Boullée e Claude Nicolas Ledoux, são exemplos que merecem algum destaque.

Étienne-Louis Boullée (1728-1799), arquitecto utópico que pretendia fazer com que a arquitectura intercedesse sobre os sentimentos e a consciência moral do povo. As produções utópicas deste arquitecto nunca chegaram a sair do papel. Defende igualmente a importância da imagem do objecto arquitectónico como um elemento de relevante importância à semelhança da técnica construtiva a adoptar. Antes da concepção de determinada obra, é necessário criar uma imagem da mesma, incorporando a importância do homem como elemento estruturador de organização do espaço. Ao contrário de outros arquitectos da altura, Boullée não projectou uma cidade. (Pessoa, 2006)

Claude Nicolas Ledoux (1736-1806), outro dos arquitectos que implementou novas ideias e formas de pensar no domínio da arquitectura. Muitas das suas ideias não foram materializadas, no entanto, estes projectos utópicos providenciaram a implementação de princípios higienistas e funcionais da arquitectura. Reconhecido como um arquitecto utópico do seu tempo, o projecto que revela maior destaque pela sua singularidade e visão do futuro é a *Saline Arc-et-Senans*. Esta *utopia concretizada* é reconhecida como património da humanidade, e levou à sensibilização e motivação pela procura de uma arquitectura revolucionária nos seus valores de igualdade perante todos, visto que só a sociedade burguesa e a monarquia usufruí-a das melhores condições de conforto e higiene.

“l’utopie devient très vite un mode de penser: moyen d’apaiser les craintes tout en favorisant les fantômes. (...) l’utopie fascine.” (Riot-Sarcey, p. 24)

No século XIX, a indústria estava já instituída na Europa, e os problemas gerados pela mesma também. As cidades industriais cresciam, e várias teorias de organização social surgem a fim de resolver essas questões. O socialismo utópico surge de mãos dadas com Robert Owen em Inglaterra, e em França com Saint Simon e Charles Fourier. (Pessoa, 2006)

Robert Owen²⁸ (1771-1859), proprietário de uma tecelagem da Escócia, onde pôde introduzir melhoramentos que achava essenciais.

“Encontrou assim um terreno experimentação, uma ocasião para pôr em prática as reformas sociais inspiradas pelo conhecimento directo da miséria do proletariado industrial. Seu esforço recaiu essencialmente na redução das horas de trabalho (...), no melhoramento do habitat (cidade-modelo, num espaço verde) e na prática da escolaridade obrigatória (...). Devem-se a Owen as primeiras escolas maternas da Inglaterra. Ele estava consciente da absoluta maleabilidade do ser humano e sua teoria da educação é a pedra angular de todo o seu sistema (...)” (Choay, 2002, p. 61)

²⁸ No seu livro *The Book of the New Moral World* (1836), Owen defende a “organização composta de diversas faculdades corporais e intelectuais, experimentando necessidades ou inclinações físicas e morais, sensações, sentimentos e convicções”, no entanto, acreditava que a sociedade da época levava o indivíduo a agir em desacordo com sua inteligência. Com *An Address Deliverd to the Inhabitants of New Lanark* (1816), Owen acredita que uma nova era deve começar, na qual o progresso técnico, mecânico e científico irá “destruir a pobreza, a imoralidade e a miséria”.



Figura 17



Figura 18

Owen acreditava que o espaço construído deveria estar ao serviço do homem, e só depois viriam interesses económicos individuais ou colectivos. (Pessoa, 2006)

“Cada uma dessas cidadezinhas novas seria um modelo da maneira pela qual ela se sustentaria, se governaria a si mesma, criaria e ocuparia todos os seus membros.”²⁹

Charles Fourier (1772-1837) propõe um equilíbrio social global. (Pessoa, 2006) Fourier tinha doze paixões fundamentais: paixões primitivas: visão, tacto, olfacto, audição e paladar; paixões afectivas: amor, amizade, paternidade e a ambição; paixões mecânicas: variação, intriga (ou conspiração) e composição (associação de duas ou mais paixões).

“Para Fourier, o elemento da sociedade é a comuna. O estado da comuna num país dá a conhecer a natureza da sociedade à qual esse país pertence. Assim, para fazer a França passar do estado ‘civilizado’ ao ‘societário’, seria preciso transformar em comunas societárias – ou ‘falanstérios’”.³⁰

Projecta o Falanstério - um edifício que incluía todas as funções da cidade, inspirado no palácio de Versalhes -, uma cidade miniatura, ideia que foi construída por Jean-Baptiste Godin (1817-1889) em Guisa, no ano de 1859 (Pessoa, 2006). Karl Marx (1818-1883), com o Manifesto Comunista de 1848, critica o socialismo utópico, reconhecendo, porém, o valor dos seus ideais.

²⁹ (Owen, R. Courte exposition d'un système social rationnel. Paris, 1848. Obra citada no livro: Choay, F. O Urbanismo. Op. Cit., pág. 63)

³⁰ (Fourier, C. Modifications à introduire dans l'architecture des villes. Paris, 1849. Obra citada no livro: Choay, F. O Urbanismo. Op. Cit., pág. 71-72. 40)

Marx não se vê como utópico, uma vez que a sua obra não aponta nenhuma imposição social. (Pessoa, 2006)

No final do século XIX³¹, surge o Anti Urbanismo, através de pensadores americanos, tendo a natureza como base empírica. Traz uma crítica ao território urbano com propostas para o retorno ao “estado-rural”. (Choay, 2002, p. 17).

Chegado o século XX, o progresso é essencial na definição utópica do tempo moderno, e nesse sentido, o avanço tecnológico é um dos principais meios do pensamento utópico na concepção de novas realidades e na construção de ideais futuros, essenciais ao imaginário utopista. Cria-se uma estabilidade capitalista, e o urbanismo recorre a estudos de questões teóricas e práticas urbanas que possam ser aplicadas.

“Nós não nos sentimos mais como homens das catedrais e palácios. Nós somos os homens dos grandes hotéis, das estações de comboios, das imensas ruas e portos colossais.” (Sant’Elia, 1914)

Em 1928, nasce a Nova Corrente Progressista, impulsionada por realidades internacionais através das publicações do grupo C.I.A.M (Choay, 2002, p. 18). Cria-se um paradoxo, havendo uma mudança na tipologia urbana - o foco passa a ser estético e não técnico. A tecnologia associava-se à arte.

³¹ “A cidade do século XX precisa realizar a revolução industrial: e não basta empregar sistematicamente os materiais novos, aço e betão; (...) é preciso, para obter a eficácia moderna, anexar os métodos de standardização e de mecanização da indústria.” (CHOAY 1965)

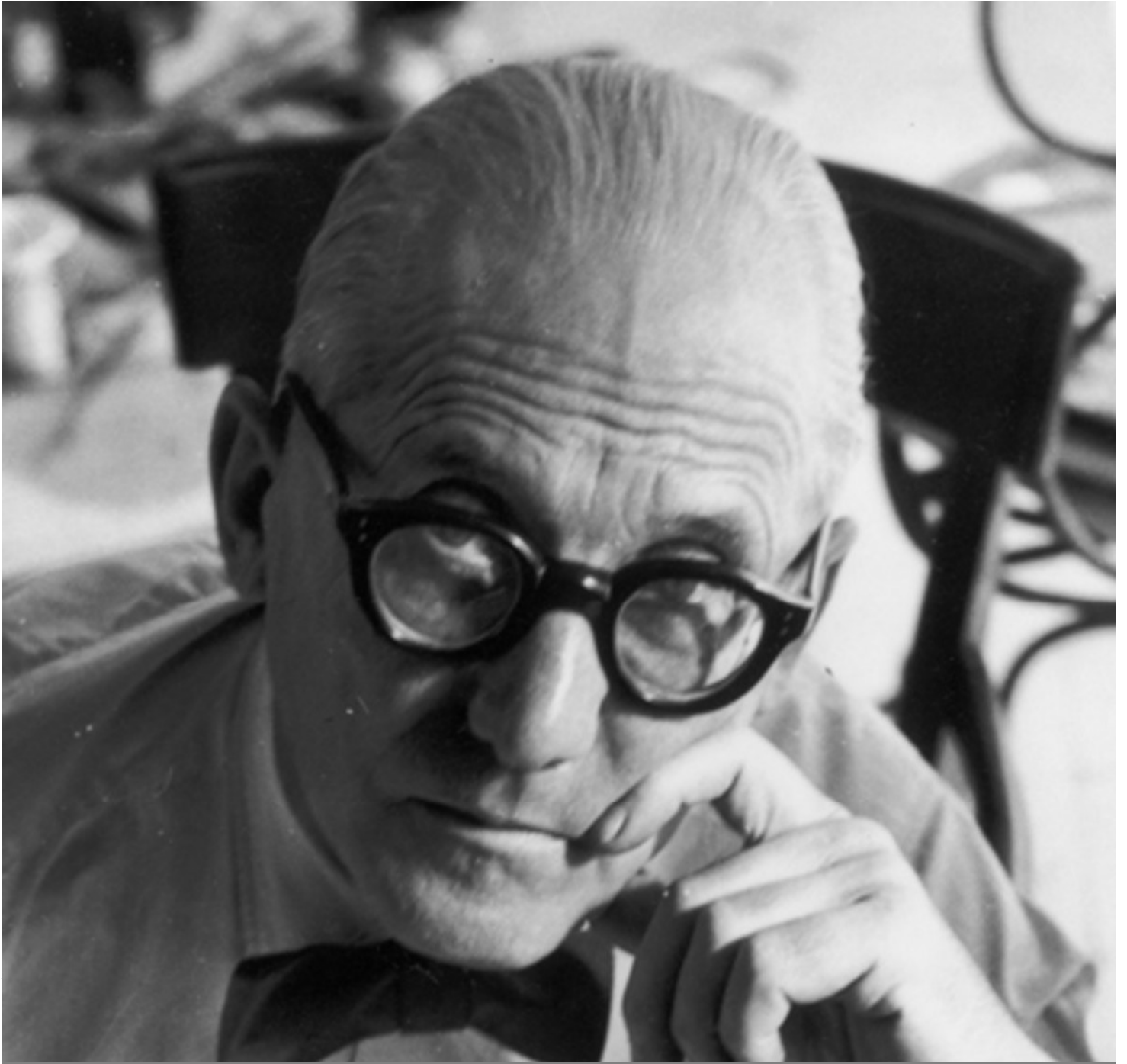


Figura 15

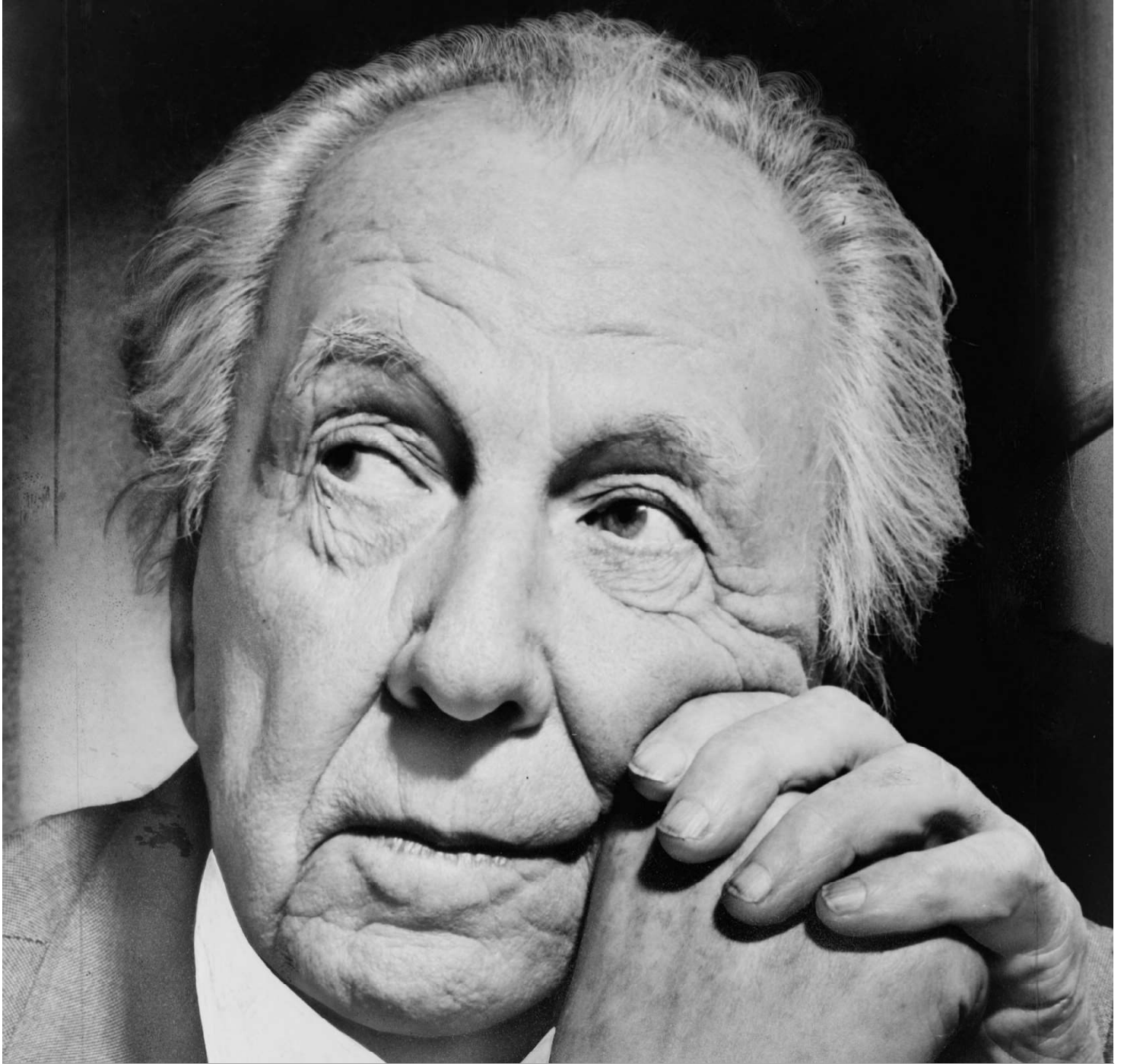


Figura 16

Os novos urbanistas defendiam três questões principais: a higiene (espaços verdes e preocupação com a insolação); a eficiência (função urbana); a estética (formas simples e geométricas).

O homem-tipo progressista influenciou a Carta de Atenas, que ditava as necessidades humanas universais: habitar, trabalhar, mobilidade e lazer.

Le Corbusier defendia a necessidade da existência de modelos: unidades habitacionais, laborais, de mobilidade e de lazer. A Ville Radieuse (1930) recorre aos conceitos de Fourier, na medida em que oferece os mesmos serviços colectivos e o conceito de rua galeria (Choay, 2002, pp. 24-25). Apresenta uma proposta de edifício vertical, e o apartamento modelo com funções pré-determinadas. (Choay, 2002, p. 18)

O Novo Modelo Culturalista defende que a sociedade global tem prioridade sobre o homem individual. São seguidores desta corrente Camilo Sitte, Ebenezer Howard, Raymond Unwin. Existe uma reaproximação com a natureza (conceito de cidade-jardim) e uma valorização do passado. A metrópole é refutada, o espaço urbano deveria ser limitado para uma quantidade de pessoas, e deveria ser delimitado por um cinturão verde, para impedir o crescimento desordenado ou a união de cidades. A simetria geométrica progressista é refutada e a diversidade urbana e particular de cada construção são valorizadas, tomadas como essenciais para a qualidade de vida e da cidade. (Choay, 2002, pp. 27-28)

Em 1930, o Novo Modelo Naturalista (Choay, 2002, pp. 30-31) nasce da corrente anti urbana americana. Frank Lloyd Wright , com Broadacre-City (1932), defende que a urbe é um agente de dispersão social, e considera o contacto com a natureza indispensável para oferecer consciência ao ser humano. Contra a ideia de cidade, acredita que o homem deveria ser livre, e valoriza a relação da arquitectura com natureza. A sua proposta parte da implantação pontual de edifícios adaptados à topografia, respeitando o meio envolvente. Esse modelo orgânico poderia ser construído em qualquer lugar.

O Manifesto Futurista, escrito por Filippo Tommaso Marinetti (publicado a 20 de Fevereiro de 1909), trazia consigo o poder da máquina e abria o horizonte para novas possibilidades. Este movimento ocupa as primeiras décadas do século XX, com uma linguagem original, consequência da importância do objecto de produção em série e da indústria cultural. Contribuiu para a criação de novas linguagens na arte e na arquitectura, defendendo um futuro de total modernidade - onde modernidade significava industrialização.

Com o terminar da II Guerra Mundial, alguns países entraram num período de expansão económica e tecnológica, impulsionando o desenvolvimento da mobilidade e da comunicação. Os anos sessenta e setenta – aliados à descoberta de novas tecnologias até então utópicas, a primeira viagem à Lua, Woodstock e o Movimento Hippie, o ambientalismo, o Muro de Berlim, o movimento de libertação das mulheres-, ocuparam um lugar inesquecível na história da humanidade. Destacam-se os arquitectos utópicos que introduziram uma nova forma de pensar no domínio da arquitectura, entre eles o grupo Archigram (1961) em Inglaterra, Archizoom Associati (1966) e Superstudio (1966) em Itália.



Figura 19

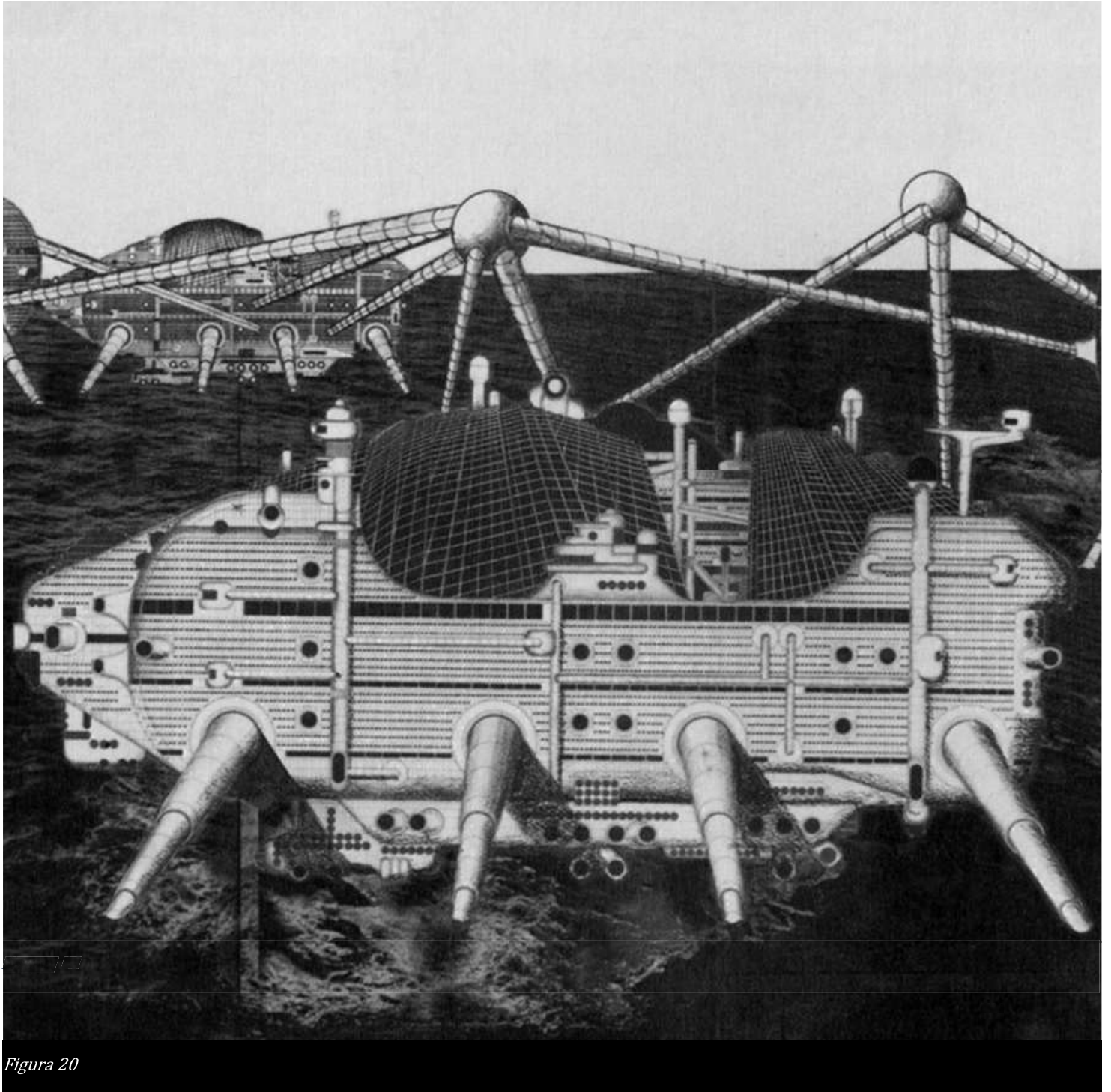
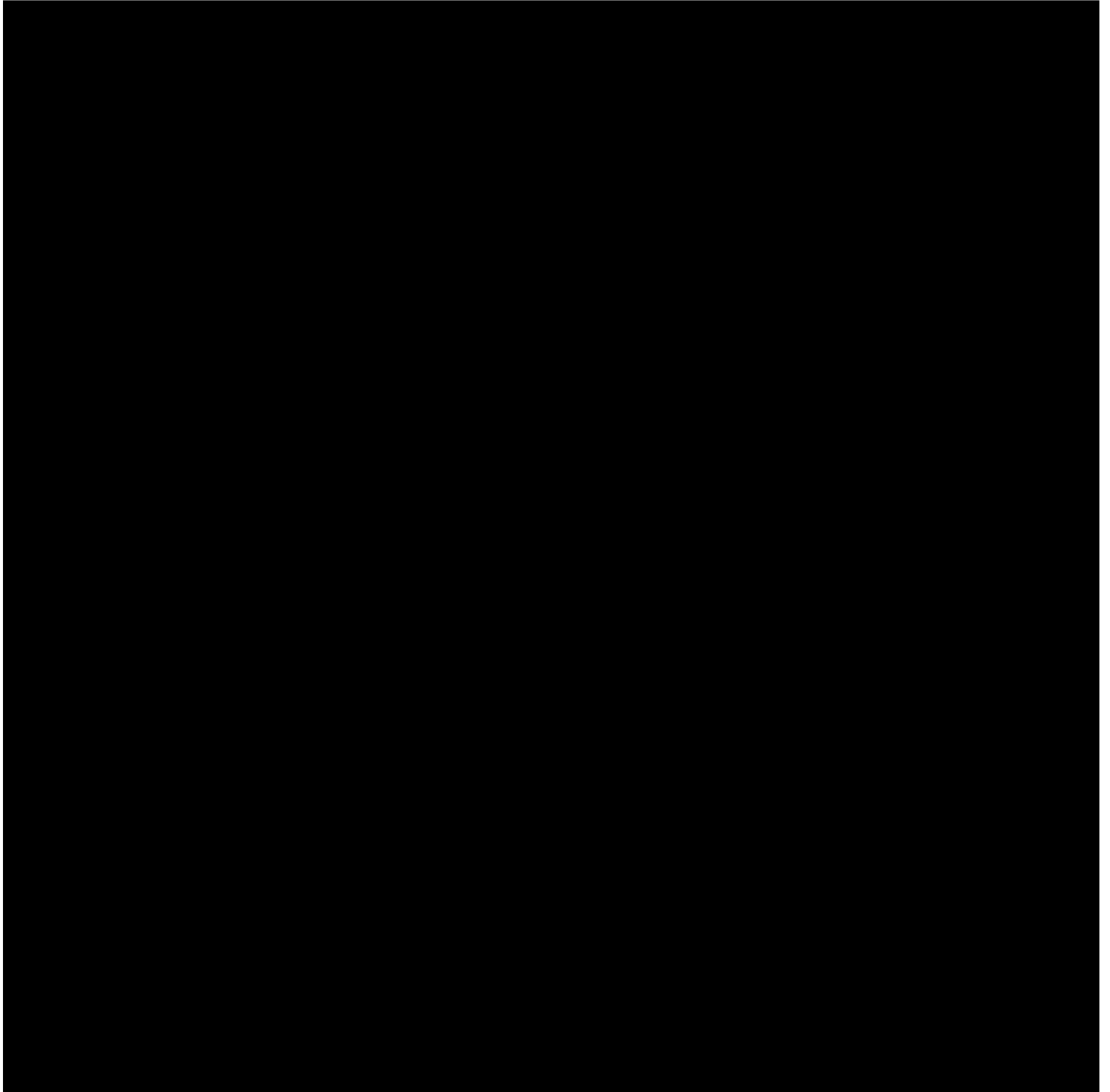


Figura 20

Todos defendem que antes de qualquer concepção é necessário criar uma imagem da mesma, incorporando a importância do homem como elemento estruturador de organização do espaço. Estes visionários utópicos contribuíram para um mundo melhor e para a evolução do Movimento Moderno, e todos eles construíram a história da Utopia e do Mundo.



3. Pensamento Utópico e a Cidade de Lisboa

“A map of the world that does not include Utopia is not worth even glancing at, for it leaves out the one country at which Humanity is always landing. And when Humanity lands there, it looks out, and, seeing a better country, sets sail. Progress is the realisation of at which Humanity is always landing. And when Humanity lands there, it looks out, and, seeing a better country, sets sail. Progress is the realisation of Utopias.” (Wild, 1891)

3.1 Propostas Utópicas ou Projectos não Construídos?

A obra *Da Fabrica que falece ha Cidade de Lysboa*, de Francisco d’Holanda, impressa a 1571, foi o texto fundador, em relação a Lisboa, do pensar a cidade. É o primeiro programa conhecido de obras públicas pensado para Lisboa, e traz uma ideia de identidade monumental que a capital do reino não possuía. Embora tenha sido sua primeira sugestão para a dignificação do Terreiro do Paço, acabou por ser o terramoto de 1755 a oferecer a oportunidade para monumentalizar a praça. (Miranda, 2017)

“Portugal, um território escasso e com poucos recursos para o seu desenvolvimento, construiu/idealizou sempre as suas utopias nos ‘territórios além’ – além Mondego, além Tejo, além, Atlântico, além Oceanos – até se recriar na melancolia da ilha navegando pelo mar – A Jangada de Pedra, José Saramago – bem próxima da Utopia de Thomas More, o não lugar perfeito como uma ilha paradisíaca.” (Rosa L. V., 2018, p. 277)

O terramoto deitou abaixo a Lisboa que havia sido construída nos últimos 500 anos, no entanto, este pesadelo real foi motor para repensar e reconstruir a cidade, evitando cometer os mesmos erros do passado. Em 1758 iniciou-se a reconstrução da Baixa com Marquês de Pombal (1699-1782), seguindo-se o Chiado, a Lapa e Santa Isabel, Campo de Ourique, Campolide, Junqueira e Ajuda. (Costa, 2018, p. 162)

Utopias, ou apenas projectos que ofereciam resposta às limitações da cidade das sete colinas, com dificuldades de expansão, com necessidade de vencer a topografia face às exigências da modernização, do ordenamento e do planeamento, das inovações materiais e tecnológicas. Alguns concretizados, outros não saíram no papel, por falta de poder económico ou por conflito de interesses³². Traziam uma escala monumental, e preocupavam-se em resolver questões viárias no coração da cidade, procuravam materializar ideias e soluções para problemas reais. Eram visões modernistas e futuristas do planeamento urbano, e de princípios estruturais da cidade. No fundo, na imaginação dos seus projectistas, foram projectos que traziam a vontade de organizar a cidade de uma forma ideal, perfeita. (Martins, 2018, p. 161)

“Na verdade, e talvez devido a uma crónica dificuldade de concretização (burocrática, economicista e mental), em Portugal tem sido relativamente comum o uso dessa palavra para designar um projecto mais ambicioso, mesmo que potencialmente exequível do ponto de vista técnico, financeiro e perfeitamente adequado à realidade para a qual é projectado. Assim, é com alguma naturalidade que constatamos que alguns dos projectos que poderiam facilmente entrar nesse conceito de *utopia* foram efectivamente cumpridos, como os mais de dois quilómetros e meio do túnel ferroviário do Rossio (inaugurado em 1887) ou antes ainda, a Lisboa Pombalina, ‘utopia realizada (...) que por ter sido, é o contrário de uma utopia’ (França, José Augusto – Nota breve sobre a utopia urbana em Lisboa. Povos e Cultura).” (Lourenço, 2018)

³² “Túneis que esventram as entranhas da cidade, viadutos que cruzaram os seus vales, pontes ou túneis unindo as duas margens do Tejo. Se todos estes projectos tiveram em comum o facto de não terem sido concretizados na época em que foram pensados e propostos ao escrutínio dos seus contemporâneos, também os une o facto de os seus autores terem sido motivados por uma reflexão crítica em relação à Lisboa que existia e aos rumos que tomava o seu crescimento.” (Barata, 2018, p. 126)



Figura 21



Figura 22

Mais tarde, é Ressano Garcia (1847-1911), no final do século XIX, o responsável de desenhos de grandes projectos, desde avenidas, a praças e rotundas, que se prolongaram em planos que se estendiam para norte³³.

“Entre 1880 e 1910, num período em que a cidade conheceu um importante desenvolvimento urbanístico graças ao plano do engenheiro Frederico Ressano Garcia para as avenidas novas, aprovado em 1888, foram diversas as propostas e projectos apresentados nesse sentido, alguns aprovados pelo colectivo camarário, mas sem que nenhum deles chegasse a ter qualquer concretização.” (Barata, 2018, p. 125)

“As dificuldades do País durante a 1ª República não vão permitir uma expansão da construção, nem por parte do Estado para o qual o principal problema seria sempre o do equilíbrio orçamental (...) nem por parte da aristocracia ou da burguesia endinheirada que, por uns anos de insegurança, se retrairá em relação a investimentos em bens duradouros e, mais ou menos, sumptuários.” (Portas 1969)³⁴

No entanto, só houve um pensamento global da cidade a nível urbano, com o Estado Novo e Duarte Pacheco (1900-1943), em que a cidade foi pensada como um todo. Promoveu, e transformou Portugal, desde alterações no sistema viário, inúmeras obras públicas – como são exemplo a marginal Lisboa-Cascais, o Estádio Nacional, e a Fonte Luminosa, em Lisboa – a criação do Parque de Monsanto, e em parte a construção do aeroporto da Portela. Foi também,

³³ Em 1864, é criado o *Plano Geral de Melhoramentos* - embora não descrevesse nenhum projecto arquitectónico, trazia a criação de dois *boulevards*, um na frente ribeirinha, e outro na actual Avenida da Liberdade -, e em 1874, o plano de expansão das *Avenidas Novas*. Em 1911, Miguel Ventura Terra (1866-1919) propõe a grande avenida de Santos ao Terreiro do Paço, e em 1927, Jean Claude Forestier (1861-1930) apresenta a proposta para uma avenida marginal ao Tejo, e a extensão da Avenida da Liberdade ao Parque Eduardo VII. (Costa, 2018, p. 163)

³⁴ Lisboa Futurista – Projecções de Lisboa

o grande responsável pela organização da Exposição do Mundo Português, um dos maiores eventos político-sociais até à data, e que influenciou em muitos aspectos as décadas que se seguiram.

“Construir ruas largas porque um dia elas serão estreitas, ou construir para cem anos, (...), estas expressões espelham na atitude de Pombal e de Pacheco o verdadeiro sentido do exercício de poder: construir o futuro.” (Costa, 2018, p. 187)

Utopias Lisboetas

No início do século XX, outros textos lançaram previsões e sugestões para a capital da nação. Entre eles, destacam-se *Lisboa Monumental (1957)* de Fialho de Almeida (1857-1911), *Lisboa no ano 2000 (2013)* de Melo de Matos (1856-1915) – ambos publicados na revista *Ilustração Portuguesa* em 1906 - e *Reportagens Proféticas (1919)* de Reinaldo Ferreira (1897-1935)³⁵. Os três transparecem a vontade de “engrandecer” Lisboa, tornando-a monumentalmente idêntica a outras capitais europeias, registando juntamente com esses desejos, as necessidades e carências da época.³⁶

³⁵ Fialho diz-nos que a cidade crescia abruptamente e com pouca qualidade – o que se mantém fiel aos dias de hoje -, Melo de Matos descreve uma economia com algumas dificuldades, e Reinaldo Ferreira questiona a falta de cosmopolitismo de Lisboa por metro quadrado. (Graça Dias, 2001, pp. 9-10)

³⁶ “(...) para estes ‘futurólogos’ a cidade – Lisboa – nunca é encarada a partir daquilo *que é*, mas sempre a partir *do que não é*, do que *não chega a ser* (...)” (Graça Dias, 2001, p. 14)



Figura 23



Figura: 22

Estas - possíveis - *utopias* portuguesas, mostraram uma preocupação com o futuro e com o presente. No entanto, as respostas que apontavam eram formais, trazidas por imagens que chegavam de fora, plásticas, que em nada se preocupavam com a realidade. No entanto, é Fialho o único que mostra alterações urbanísticas na cidade aliadas a um novo regime político e a uma nova e mais justa organização social, sendo assim o que mais se aproxima dos textos utópicos europeus. (Barata, 2005)

“Revelam, ainda, da generosidade de ousar propor futuros diferente – mais urbanos, cosmopolitas e racionais – para Lisboa (e para os lisboetas). Reflexões porventura pouco determinantes, mas, ainda assim, tentativas de pensar contra a corrente, de o passar para a escrita e de o entregar aos outros, à reflexão, ao possível debate.” (Graça Dias, 2001, p. 12)

Lisboa do ano 2000

Melo de Matos, engenheiro, o que o move é a crença no progresso, na civilização e na máquina. Não lhe interessava a monumentalidade de Fialho. Escreve num registo quase *funcional*, com uma enorme vontade de racionalização, progressista, dedicando a maior parte dos seus textos ao porto de Lisboa. Acreditava que o progresso da cidade levaria a melhorias humanas, defendendo que a modernização levaria ao encurtar de processos para facilitismos do homem. (Graça Dias, 2001, pp. 18-19)

“Engenhoso (mas nunca ‘simples’), é o modo encontrado para compensar a atmosfera alterada pela descida a cem metros de profundidade (‘o túnel para a outra banda’)” (Graça Dias, 2001, p. 19)

Os desenvolvimentos tecnológicos da altura faziam prever certos cenários – Júlio Verne põe o Homem a ir à Lua, por exemplo. Os textos onde surge o túnel que propunha sob o Tejo, estavam recheados de descrições e situações problemáticas difíceis de resolver, talvez para afugentar algum cepticismo e demonstrar algum orgulho técnico da sua imaginação. É com o artigo de *Lisboa Bancária* que o engenheiro mais se aproxima da actualidade, segundo Manuel Graça Dias, havendo uma ideia muito moderna quando enuncia a reutilização funcional dos edifícios pombalinos, e uma certa premonição quanto à ideia de tornar a. Baixa num polo ligado à banca. (Graça Dias, 2001, pp. 20-22)

Lisboa Monumental

José Fialho de Almeida apresenta-nos uma imagem cenográfica de Lisboa. Escritor de neologismos, sempre sugestivo e crítico da cidade, de Portugal, da política e dos portugueses. Sendo ainda tema actual, Fialho traz uma Lisboa embelezada, monumental, de cariz higienista e cenográfico.

“Era também, no ponto especial que nos ocupa, uma questão de higiene e beleza.” (Almeida, 2001, p. 105)



Figura 25



Figura 26

Propunha, nas suas descrições, pontes, viadutos, avenidas e um parque urbano. No entanto, essas visões vinham associadas a imagens de outras capitais europeias, como Paris, e embora revelassem uma resposta a necessidades sociais, não eram lançadas com esse intuito.³⁷ São exemplo as pontes aéreas, viadutos pedonais que ligariam os viadutos de S. Pedro de Alcântara a Sant’Ana e daí ao castelo. Propunha ainda a “casinha portuguesa”, e uma cidade ao estilo dos pré-urbanistas utópicos, num princípio de “estilo português” que os anos quarenta viriam a explorar. (Graça Dias, 2001, pp. 27-28)

“Devem-se educar os arquitectos, de estudantes, no propósito de criarem a casa portuguesa, de cidade, praia ou campo, que é uma coisa de que em todos os países se trata, menos no nosso.” (Almeida, 2001, p. 29)

De Visão a Projecto

“A memória da utopia fini-oitocentista para erguer um *viaduto metálico* entre S. Pedro d’Alcântara o Campo Mártires da Pátria evoca de imediato ao texto de Fialho d’Almeida (...)”. (Silva, 2017, p. 107)

A utopia descrita por Fialho em 1906, já projectada por Miguel Pais (1825 -1888) em 1887, já houvera chegado a estado projecto a 1888. Surgia o projecto para um Aeroplano Cativo³⁸ (com cabines), que consistia na construção de torres na Graça, Castelo de São Jorge, Carmo e São Pedro

³⁷ “(...) sobre o facto de estabelecer entre os bairros periféricos uma grande circulação, rápida e mãos curta (...) tinha ainda o predicado raro de cortar as casarias monótonas desta cidade sem cúpulas nem torrelas, com um magnífico jogo de obras de arte.” (Almeida, 2001, p. 95)

³⁸ Esta ponte seria de 2.750 metros, com 16 metros de largura mínima e com altura máxima de 50 metros.

de Alcântara. Em 1991, surge uma proposta de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, - no âmbito do programa VALIS – alusiva ao projecto de Miguel Pais. Também ela não realizada.

“O projecto das “avenidas aéreas” de Lisboa acabaria por ficar no imaginário urbanístico da cidade. Ficaria como mais uma das utopias que o engenheiro Miguel Pais teve a ousadia de propor para o engrandecimento da capital que, ao contrário de outras como a ponte sobre o Tejo, nunca viria a ser realizada.” (Barata, 2018, p. 134)

Reportagens Proféticas

Reinaldo Ferreira, jornalista – entre outros officios –, conhecido como Repórter X, escreve as crónicas de uma Lisboa do futuro. Apoiado em vários registos, mostra a sua vontade cosmopolita para Lisboa, uma cidade que queria ver no seu esplendor, diversificada e repleta de luzes e movimento.³⁹ Dá-nos uma ideia contemporânea da modernização de Lisboa, mas resolve os problemas de higiene de Lisboa incendiando os bairros de Alfama, Mouraria e Bairro Alto, e arrasa edifícios da baixa para deixar passar multidões. (Graça Dias, 2001, pp. 31-33)

Em *Reportagem Imaginaria à Cinelândia Portuguesa no ano de 1947* (1929), o Repórter X sugere uma indústria cinematográfica em Alcabideche, no intuito de criar um polo de atracção e progresso. Propõe, à semelhança de Fialho, várias pontes para vencer as colinas, chegando ao extremo da “ponte transatlântica”. (Graça Dias, 2001, p. 36)

³⁹ Referência de várias viagens que fez, como Paris, Madrid, Berlim e Londres.

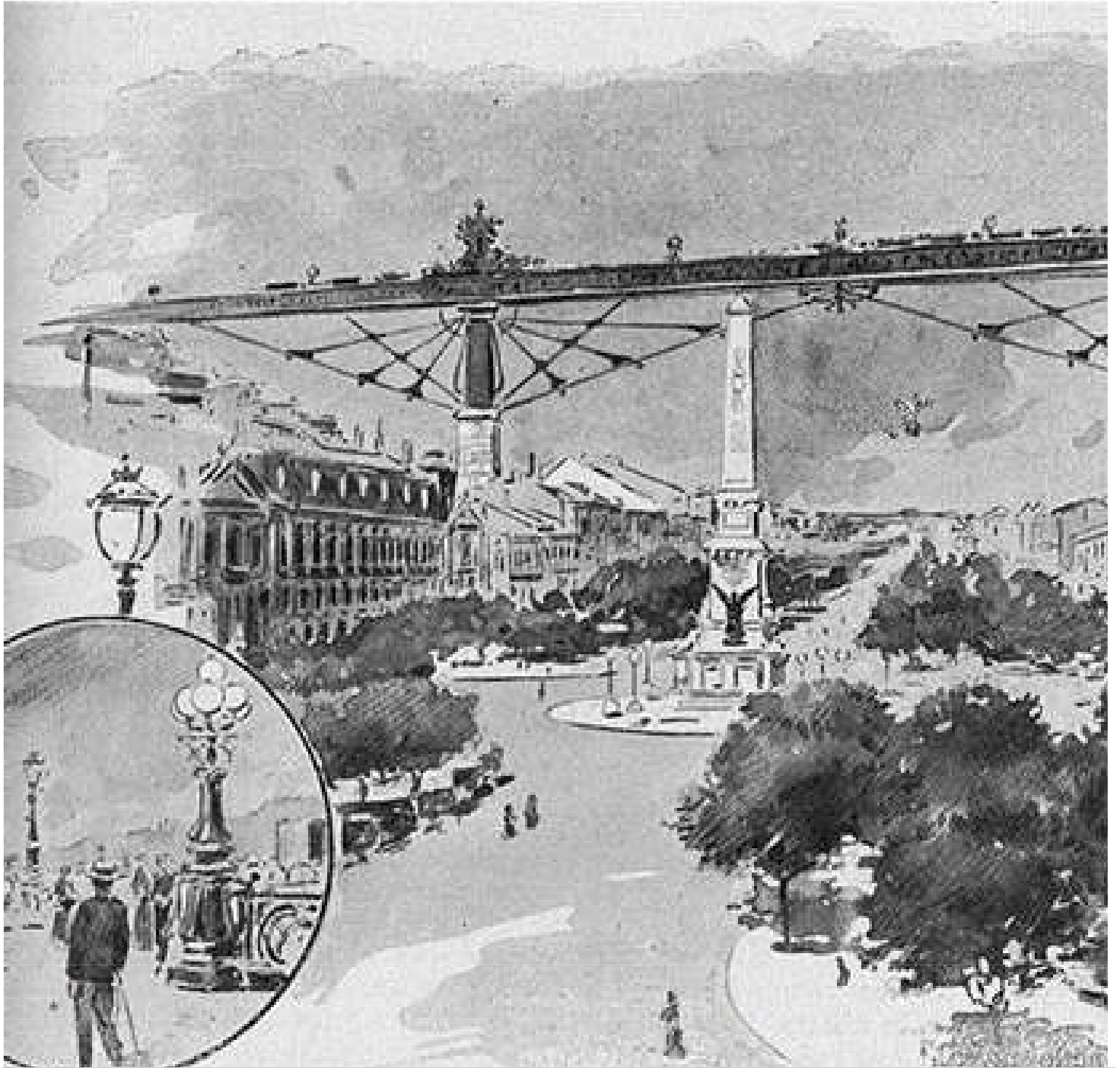


Figura 27

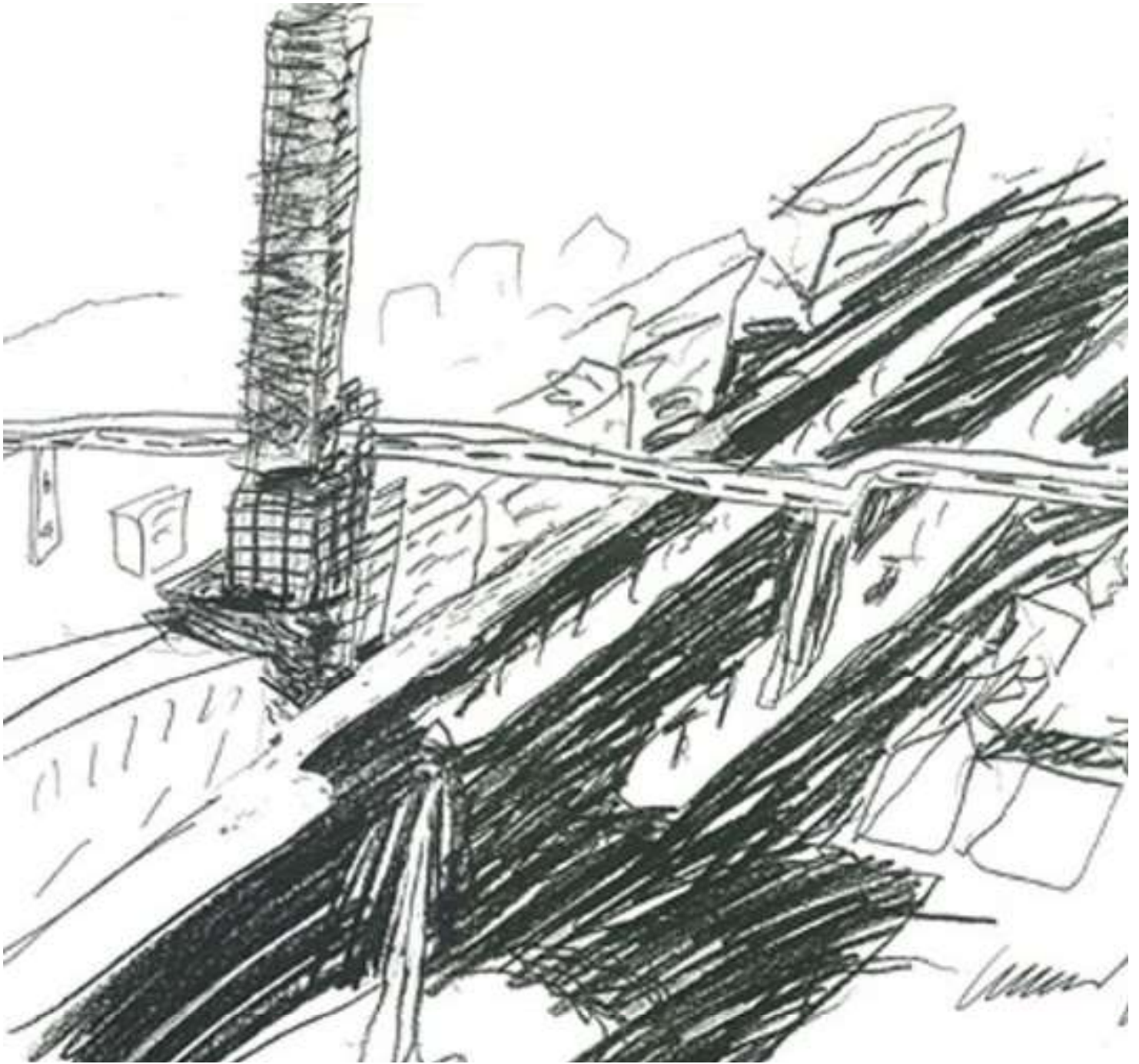


Figura 28

Em 1930, Cassiano Viriato Branco (1897-1970), com ou sem conhecimento da *Reportagem Imaginaria à Cinelândia*, projecta a *Cidade do Filme Português*. Este projecto *futurista* que nunca saiu do papel, aliado ao plano da Costa da Caparica, é talvez o exemplo mais marcante da utopia portuguesa. O projecto de Cassiano⁴⁰ para a Costa da Caparica, - que passava por uma cidade de lazer, com equipamentos lúdicos, desportivos e culturais – já não era o *futurismo* de Marinetti ou Sant’Elia, mas aproxima-se mais das visões de Tony Garnier, em 1904, para a “Cidade Industrial”. (Graça Dias M. , 2018, pp. 153-155)

“O atraso que estes projectos modernistas têm relativamente à realidade europeia, impedindo a sua equivalência temporal ao pensamento *futurista*, deve-se principalmente ao facto de que esta geração modernista houvera recebido uma formação, segundo Nuno Portas, “defasada da ‘revolução cultural’ da arquitectura europeia.”⁴¹ (Graça Dias M. , 2018, p. 156)

⁴⁰ Cassiano apenas demonstrará o seu testemunho *futurista* no seu projecto para o *Éden Teatro*, com a sua inconfundível escadaria interior.

⁴¹ Portas 1969

Lisboa sofria transformações, e uma Lisboa imaginária ia sendo construída de vontades de algo, não melhor, mas mais moderno. A possível concretização de um *futurismo* português foi tardia, uma vez que o Estado Novo se iria encarregar de envolver os arquitectos modernistas num dos maiores “gritos” nacionalistas, a Exposição do Mundo Português. (Graça Dias M., 2018, p. 157)

“Fazendo finca-pé no pragmatismo, acho que não temos sonho, mas sim realidade... uma resposta constante por vezes atabalhoada e manhosa, à pressão da realidade. (...) Sabemos que a Baixa Pombalina teve uma dimensão utópica, mas não de sonho, foi uma resposta concreta a uma catástrofe (...) Há permanentemente uma cidade que se justapõe. E essa justaposição, por vezes caótica, determina a cidade e a sua fisionomia, existe toda uma cidade e um “fazer cidade” que se vai cosendo...”⁴²

⁴² Alexandra Gago Câmara e Teresa Campos Coelho [Entrevista a José Sarmento de Matos “Em Lisboa as coisas ajeitam-se...”](#) - Arquivo



Figura 29

COSTA DE CAPARICA

PRIMA ATLANTICO



Figura 30

3.2 Exposições ou Utopias?

O cenário internacional europeu, desde a ascensão dos regimes autoritários no início do século XX, assistiu ao desenvolvimento de uma arquitectura ideológica, onde imagem monumental ultrapassava a sua funcionalidade.

O final do século XIX, início do século XX, marcou um período negro e pesado em Portugal. O Estado Nacional caía e impunha-se a ditadura do Estado Novo, com António de Oliveira Salazar. Deus, pátria, autoridade, família e trabalho, eram as palavras de eleição deste novo regime salazarista. Com Duarte Pacheco como presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e nomeado membro dos Centenários, Salazar propunha em 1940 a Celebração do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal. Uma iniciativa de propaganda do estado, com a pertinência temporal certa – a Europa enfrenta um pós-guerra com uma instabilidade política, económica e social, e em Espanha rebentava uma guerra civil -, que reforçava o prestígio do país.

A sua visão dividia o contexto Português em duas partes: Lisboa como capital do império, afirmando uma imagem de modernidade; e o contexto provinciano, exibindo o compromisso do rural tradicional com os ideais do regime. Totalmente distintas, são enunciadas duas manifestações comemorativas no País: O Portugal dos Pequenitos e a Exposição do Mundo Português.

A arquitectura tradicional é promovida, com uma das obras do Estado que exemplifica o tema da arquitectura portuguesa, desenhado por Bissaya Barreto e projectado pelo arquitecto Cassiano Branco, *Portugal dos Pequenitos*. Inaugurado a 1940, seguia a imagem da arquitectura portuguesa e da sua presença no mundo.

Exposição do Mundo Português

Inaugurada em Belém, a 23 de Junho, pelo Presidente da República – o General Oscar Carmona -, e encerrada a 2 de Dezembro de 1940, a Exposição do Mundo Português tinha como objectivo comemorar a data da Fundação do Estado Português (1140) e a Restauração da Independência (1640). Tratava-se de afirmar o Estado Novo, enaltecer uma tradição histórica e os valores conservadores do passado na maior exposição realizada no país até então. Em 11 meses foi construída uma cidade de estuque, papel, gesso e madeira. Com uma implantação de mais de 500 mil metros quadrados, assumindo a margem direita do rio Tejo até ao Mosteiro dos Jerónimos, este projecto levou à renovação da zona ocidental de Lisboa⁴³.

Não se evoca apenas a Lisboa do passado e do presente, mas visionava-se a Lisboa do futuro. Sendo uma exposição de grande dimensão, é apresentada uma lista de treze obras públicas. A arquitectura nacional renasce instrumentalizada e representante de valores ideológicos do regime, tendo sido demolida a maioria do edificado, permanecendo como referência o actual Museu de Arte Popular e o Monumento aos Descobrimentos.

⁴³ Para a execução deste projecto, a linha férrea na Avenida da Índia sofreu alterações, foram expropriados terrenos, demolidos edifícios, e desalojados moradores.



Figura 31



Figura 32

“(…) buscou, pela mão dos artistas e a pena dos historiadores, difundir, com ‘a clareza’ possível, essas linhas invisíveis da continuidade, que uniam a grandeza do passado, do presente e do futuro de Portugal. (...) Evocação histórico-ideológica dos momentos edificantes, recheados de heróis e lições exemplares. Espécie de fábula contada em imagens, símbolos, frases e palavras.” (Barros, 1996)

Dada a escala do programa⁴⁴, a comissão⁴⁵ traçou um plano distribuído por várias áreas, desde Exposições de Arte, Congressos, Festas e Espectáculos, Manifestações históricas, religiosas e cívicas, Turismo e Propaganda. O Ministro e Presidente da Câmara de Lisboa, Duarte Pacheco, encarregue do plano de edificação, tem Cottinelli Telmo a seu lado como arquitecto-chefe nomeado. Variados projectos para parques, estádios olímpicos, arcos triunfais e grandes avenidas, assinalavam a vontade de certos arquitectos num novo rumo para a arquitectura portuguesa.

“Com o final dos da década de 30 o acento monumentalista exposto no programa das obras públicas do regime aproxima-se de um vocabulário de novo historicista e regionalista, apostando numa narrativa de raiz clássica próxima dos modelos nazi e fascistas da época.” (Tostões, 2004, p. 118)⁴⁶

⁴⁴ O plano para a exposição dividia-se em: História, Etnografia e Mundo Colonial. A Praça do Império, ao centro, estava ladeada de pavilhões: o Pavilhão da Honra e de Lisboa, de autoria do arquitecto Luís Cristino da Silva ; o Pavilhão dos Portugueses no Mundo de Cottinelli Telmo; o Pavilhão da Fundação, Formação e Conquista de Rodrigues Lima; o Pavilhão da Independência e o Pavilhão dos Descobrimientos de Pardal Monteiro; o Pavilhão da Colonização por Carlos Ramos; o Pavilhão de Portugal, dirigido por António Ferro; o Pavilhão de Etnografia metropolitana com a reconstrução das “Aldeias Portuguesas”, de Jorge Segurado; o Pavilhão da Vida Popular por Veloso Reis e João Simões; e o Pavilhão do Brasil por Raul Lino.

⁴⁵ A Comissão Nacional dos Centenários tinha vinte e seis membros, desde arquitectos, representantes de estruturas e organismos do Estado, com o secretário geral António Ferro, e com Alberto Oliveira como presidente.

⁴⁶ . (Tostões, 2004), Ana, (coordenação científica); “Arquitectura Moderna Portuguesa (1920-1970)”, textos de vários autores; 2004 p. 118.

O final da II Guerra Mundial, em 1945 e a consequente queda dos principais regimes totalitários (nazi e fascista), tiveram um significativo impacto no regime português, apesar da sua posição neutra. Com o final da II Guerra Mundial, a queda de outros sistemas totalitários, e a morte de Duarte, o exercício da arquitectura conquistou por fim um rumo de contestação contra o compromisso com o regime e a nacionalidade implícita, absorvendo novos conceitos de cidade moderna tomando consciência do problema da habitação social.

“De facto, é só no quadro do pós-guerra que alguma vez em Portugal os arquitectos se organizaram em grupos unidos por ideais comuns. Isto é, com consciência que só um trabalho colectivo pode ser eficaz como plataforma difusora da ideologia moderna.” (Tostões, 2004, p. 118)

A Exposição do Mundo Português foi a maior do seu género, até à Expo 98.

Expo 98

Lisboa assume-se como ponto de encontro de culturas e vontades. Em 1990, inicia acções de reabilitação e reconversão, saindo de um modelo de reinvenção para um modelo regenerativo e de incentivo a uma nova Utopia. (Rosa L. V., 2018, p. 271)

“(…) já não *‘a ilha imaginária da sociedade e governo perfeito do séc. XVI’*, já não de ordem cósmica, mas mantendo a ordem estética, a ordem técnica e científica, a utopia alicerçada na *‘sustentabilidade’*, ditada por razões éticas e progressivamente caracterizada por Lewis Mumford na cidade região (…)” (Rosa L. V., 2018, p. 271)



Figura 33



Figura 34

Em 1992⁴⁷, Lisboa tinha o objectivo de chegar a Capital Atlântica da Europa, cumprindo um programa que lhe dava as competências necessárias para chegar ao destino desejado. Como já tinha acontecido em outras capitais europeias, - e assim como a zona ocidental de Lisboa tinha sido transformada e reabilitada pela Exposição do Mundo Português - a zona oriental de Lisboa viria a ganhar uma nova centralidade com a realização da Expo 98.

“Lisboa tem uma tradição de arquitectura de simplicidade formal associada à luz, à cor, à textura dos materiais – a rua, o largo, o miradouro, o mosaico das calçadas, o alinhamento das árvores, constituem o seu ambiente urbano pontuado por sítios, edifícios, texturas, singularidades e zonas verdes de referência.” (Rosa L. V., 2018, p. 272)

Esta exposição contava com 350 hectares de frente ribeirinha, e foram necessários apenas 10 anos para que esta se tornasse uma nova centralidade consolidada. Surgia a oportunidade de uma regeneração urbana, e de poder constituir um novo polo dinamizador da política de cidades que viria a ser concretizado de 2000 a 2006, através do programa Polis.

“A Exposição Mundial de 1998 representou a oportunidade de concretizar, de forma consistente e coerente com o ordenamento da cidade e da região, a operação urbanística de dar a esse espaço uma identificação metropolitana assente na imagem urbana, na adesão sociocultural, na memória do evento, na capacidade de funcionamento urbano e consequentemente de passar do efémero ao não efémero e consolidado.” (Rosa L. V., 2018, pp. 273-274)

São concretizados diversos programas, desde a Ponte Vasco da Gama; a Estação do Oriente da autora de Santiago Calatrava; o Pavilhão de Portugal, de Siza Vieira e o Pavilhão do

⁴⁷ A Câmara Municipal de Lisboa lança o Plano Estratégico, Visão Estratégica para 2012.

Conhecimento e dos Mares, de Carilho da Graça (ambos distinguidos com o prémio Valmor em 1998), o Oceanário, de Peter Chermayeff; o Pavilhão Multiusos Atlântico, de Regino Cruz; o Parque Tejo Trancão, de Hargreaves e João Nunes.

O plano da Expo teve consequências que se alastraram para além do seu limite de intervenção, com cariz humanista ambicionando uma regeneração da sua periferia, e tornando real a ideia de modernização da capital de Portugal. Estava a ser projectada não só uma nova zona da cidade, mas sim uma nova imagem associada à mesma. No entanto, nem todos concordaram com esta visão de permeabilidade e expansão progressiva. Em 2010, Lisboa chegava mais perto da hipótese de ser reconhecida como a metrópole do Século XXI. (Rosa L. V., 2018, pp. 276-277)

“Mas hoje, a utopia urbana transformou-se na sua antítese, a ‘máxima’ valorização do território segundo um pretenso modelo de desenvolvimento.” (Rosa L. V., 2018, p. 277)

A Expo traz a confirmação da integração portuguesa na Europa, modernizando a capital e desenvolvendo a sua frente ribeirinha. Mas a relação com o oceano, este crescer sempre para dentro e nunca além-mar, continua a ser a utopia lisboeta. Exemplo dessa verdade é o projecto de Manhattan de Cacilhas⁴⁸ (1999), de Manuel Graça Dias⁴⁹ e Egas Vieira. Mais uma vez fica, a dúvida

⁴⁸ Projecto de regeneração dos estaleiros abandonados na Margueira.

⁴⁹ “Fico lisonjeado que achem as minhas ideias subversivas, mas são ideias já testadas e a funcionar.” (Dias, A Lisboa de Fialho no boulevard de Graça Dias, 2012)

se este projecto pertence ou não ao leque de utopias denominadas de utopias com justa causa, ou se não se enquadra apenas numa visão ou provocação que não se concretizou (ainda).

“Lisboa continua a viver a utopia de um território imaginado, mas para o qual não tem capacidade de dar a conformação pretendida. A Travessia do Tejo materializada na Ponte 25 de Abril levou 90 anos a passar da utopia, (1876, Miguel Pais), à realidade, 1966 (...)” (Rosa L. V., 2018, p. 278)

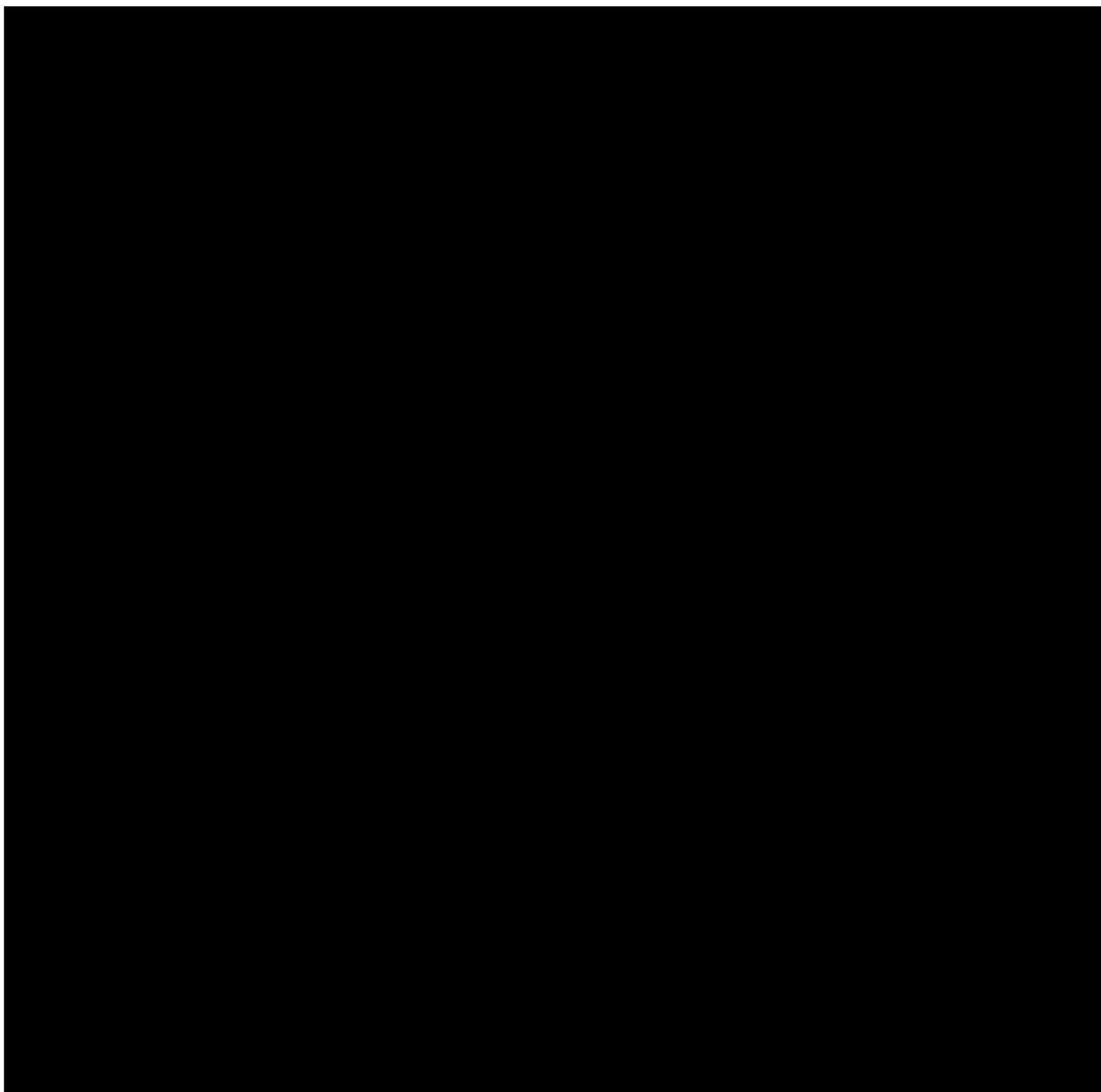
Chegámos à Utopia por uma conversa⁵⁰, e o que se procura ao sair, é esse desejo – e a sua inevitável frustração. A sua versão de horror foi facto, bem como a sua tradução numa melhoria das condições de vida do Homem.

⁵⁰ (More, Utopia, 1973) Thomas More, *Utopia*

DAS UTOPIAS

*Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!*

(Mário Quintana)



4. Glossário de Utopias

A palavra e o conceito, associado às suas provocações políticas, ao nascer de teorias filosóficas e manifestações em todos os sectores, ao impacto na mentalidade social... Estas – e tantas outras – questões, trouxeram a certeza de que a elaboração de um glossário fosse essencial para este trabalho.

Eutopia ou utopia positiva – Recorre a uma estratégia positiva, oferecendo uma imagem de um Futuro melhor (mais claro) que podemos alcançar se trabalharmos para isso, enquanto nos mostra o Passado que foi necessário para chegarmos onde estamos. Sociedade inexistente descrita em pormenor e normalmente situada no tempo e no espaço. No uso corrente, “utopia” é definida neste sentido e considerada equivalente a “eutopia” (Vieira).

Distopia⁵¹ utopia negativa⁵² - Não é o oposto de Utopia⁵³. A distopia leva-nos também a agir em prol de algo melhor, mas mostra-nos uma realidade que se não for alterada nos levará a uma catástrofe ou a um desfecho negativo. Recorre a uma estratégia negativa, oferecendo uma imagem

⁵¹ *“Esse outro lado da utopia, sua face oculta, torna a concluir que nem tudo, em seus domínios, é essa suposta terra amena, do mel e do vinho. Mesmo porque há utopias que são claramente ‘más’. É o caso do Admirável Mundo Novo e 1984”* (Coelho, 1980, p. 44)

⁵² Utopias e Distopias estão juntas no mesmo grupo. Anti Utopismo é totalmente diferente. Anti utopia é diferente de Distopia, também no seu objectivo. Encontramos inúmeras utopias positivas até ao século XX, e é notável o domínio das distopias a partir da primeira guerra mundial (1914-1918). Estamos perante sociedades altamente regulamentadas, onde o lugar do “eu” não está garantido.

⁵³ *“O meu olhar é pessimista, mas é este que quer mudar o mundo.”* (Saramago, 2001)

de um Futuro pior (mais escuro) que só podemos prevenir se alterarmos o Presente.⁵⁴ Sociedade inexistente descrita em pormenor e normalmente situada no tempo e no espaço que o autor pretendia que o leitor contemporâneo perspectivasse como sendo muito pior do que a sociedade no qual ele vivia (exemplo de *Brave New World*, 1984) (Vieira).

Anti utopia⁵⁵ – Sociedade inexistente descrita em pormenor e normalmente situada no tempo e no espaço que o autor pretendia que o leitor contemporâneo perspectivasse como sendo uma crítica ao utopismo ou a alguma eutopia em particular. Não vale a pena pensar em alternativas que levem a sociedades totalitaristas (Vieira).

Projecto - Aquilo que alguém planeia ou pretende fazer. Esboço de trabalho que se pretende realizar. Primeira redacção de uma lei, de estatutos ou de outro texto, que se submete a uma aprovação. Plano gráfico e descritivo.

Planeamento - Acção ou efeito de planear. Plano de trabalho pormenorizado. Serviço de preparação do trabalho ou das tarefas.

Devaneio - Quimera, fantasia. Ideia de quem devaneia.

Loucura - Alienação mental, Insensatez, imprudência, extravagância. Doidice, acto descontrolado ou irreflectido.

⁵⁴ “Distopia literária utiliza os dispositivos narrativos da utopia literária, incorporando em sua lógica os princípios da ucrónia (ou seja, imaginando como será o mesmo lugar - o lugar onde o utopista vive - em outro tempo - o futuro), mas prevê que as coisas acabarão mal; é, portanto, essencialmente pessimista em sua apresentação de imagens projetivas”. (FV p17)

⁵⁵ O Comunismo levou ao Boom do Anti-Utopianismo.

Heterotopia – Utopias e distopias representam o “mundo impossível”, ainda que recorrendo a projecções do mundo real em cenários extremistas. Já as heterotopias representam momentos utópicos realizáveis no espaço, embora sejam impossibilidades, se projectadas no eixo temporal. Heterotopias e utopias são, de diferentes modos, simulações de um desejo de mundo, ou de receios no caso das distopias. São discursos literários ligados à época em que se inserem, precisamente pelos motivos pelos quais pretendem afastar-se dela.⁵⁶ Heterotopia (aglutinação de hetero = outro + topia = espaço) é um conceito da geografia humana, elaborado pelo filósofo Michel Foucault⁵⁷, que descreve lugares e espaços que funcionam em condições não hegemónicas. Foucault usa o termo heterotopia para descrever espaços que têm múltiplas camadas de significação ou de relações a outros lugares e cuja complexidade não pode ser vista imediatamente. Estes são os espaços das alteridades, que não estão nem aqui nem lá, que são simultaneamente físicos e mentais, tais como o espaço de uma chamada telefónica ou o momento em que alguém se vê ao espelho. Existe: Heterotopia de crise⁵⁸; Heterotopias de desvio⁵⁹; Heterotopias temporais; Heterotopias de purificações; Heterotopia de ilusão; e Heterotopia de compensação. (Vieira)

⁵⁶ Os seis princípios definem heterotopias: Todas as culturas formaram heterotopias por toda a história da humanidade; Heterotopias variam em funcionalidade com o passar do tempo e de acordo com a cultura; Heterotopias podem unir múltiplos espaços incompatíveis entre si; Heterotopias podem conectar diferentes períodos de tempo; Heterotopias são locais separados da sociedade e com regras limitando a entrada e saída; Heterotopias têm uma função relacionada ao espaço ao redor.

⁵⁷ Para Foucault, a heterotopia por excelência é o navio.

⁵⁸ Refere-se a lugares privilegiados, sagrados ou proibidos, reservados para indivíduos que estão em estado de crise em relação à sociedade em que vivem, destinados a expressão de comportamentos socialmente indesejado longe dos olhos da sociedade.

⁵⁹ Instituições onde são internados indivíduos cujo comportamento é indesejado.

Eugenia - Conjunto dos métodos que visam melhorar o património genético de grupos humanos; teoria que preconiza a sua aplicação.

Ucronia – género de narrativa fantástica, baseada na premissa de que a história do mundo havia seguido um curso alternativo ao real. O conceito de ucronia (*tempo de felicidade*) começou nos finais do séc. XVIII em França.

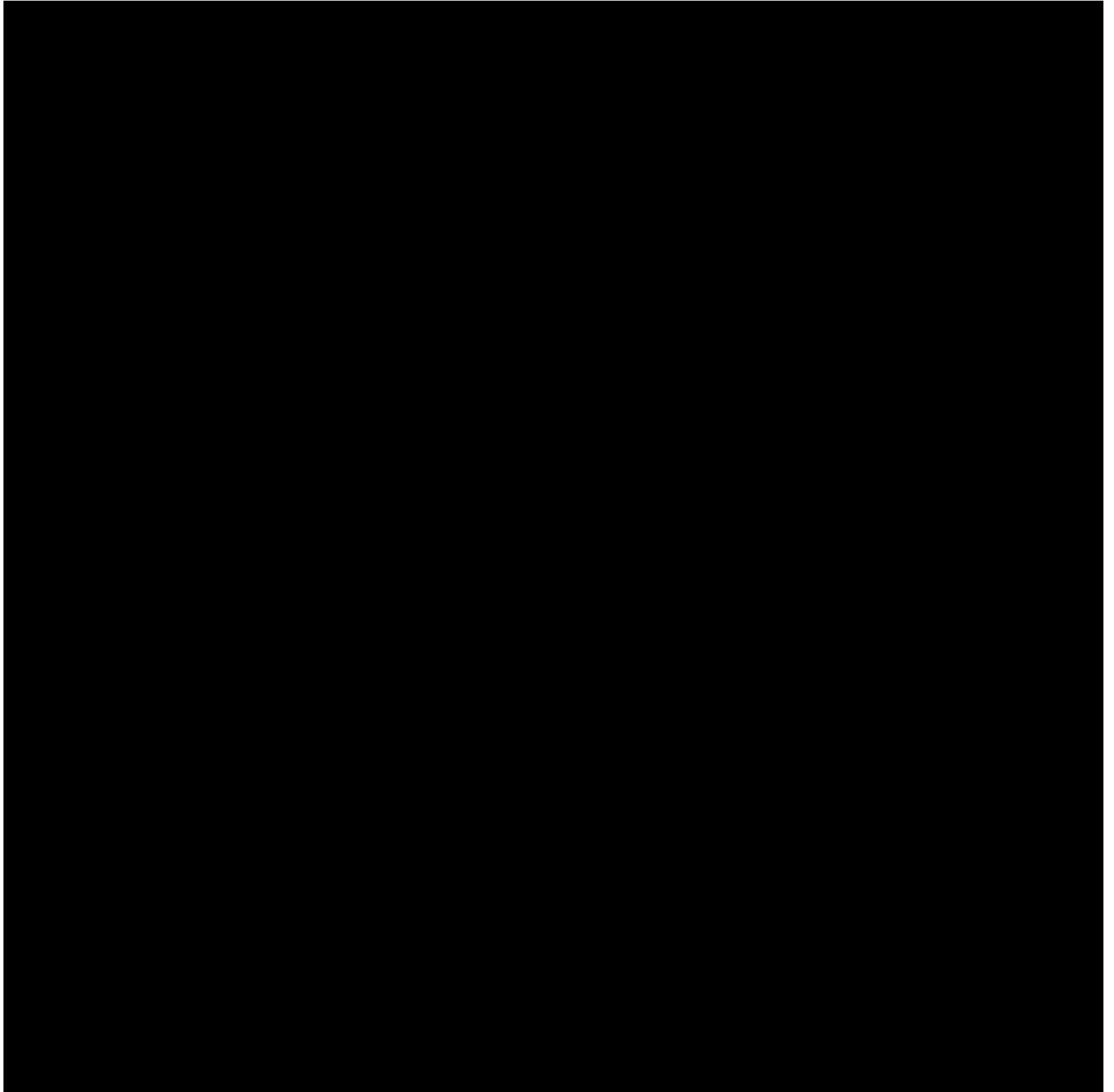
Quimera - Coisa resultante da imaginação. Conjunto heterogéneo que resulta da combinação de elementos diferentes. Esperança irrealizável.

Utopismo – sonho social.

Sátira utópica – sociedade inexistente descrita em pormenor e normalmente situada no tempo e no espaço que o autor pretendia que o leitor contemporâneo perspectivasse como sendo uma crítica da sociedade contemporânea. (Vieira)

Utopia crítica – sociedade inexistente descrita em pormenor e normalmente situada no tempo e no espaço que o autor pretendia que o leitor contemporâneo perspectivasse como sendo melhor do que a sociedade contemporânea, mas com falhas que a sociedade descrita poderá ou não ser capaz de resolver e que apresenta uma visão crítica do género utópico. (Vieira)

Distopia crítica – sociedade inexistente descrita em pormenor e normalmente situada no tempo e no espaço que o autor pretendia que o leitor contemporâneo perspectivasse como sendo pior do que a sociedade contemporânea, mas que normalmente inclui pelo menos um enclave eutópico ou mantém a esperança de que a distopia possa ser derrotada e substituída pela eutopia. (Vieira)



5. Considerações Finais

O que é a Utopia?

A Utopia, sem margem para dúvidas, faz parte da História do Homem, e do Mundo onde habita. Também a história da Arquitectura é feita de utopias e distopias, de ideias revolucionárias e visões futuristas, ou, na sua génese, de sonhos que se anseia concretizar.

Uma palavra escrita por Thomas More (1516), definiu um conceito, que se materializou na literatura e no pensamento humano, gerando diversas teorias e ideias. A utopia traz consigo uma crítica social - no sentido em que automaticamente cria uma sociedade ideal -, uma vontade funcional e o desejo de um futuro melhor. É escrita e descrita, pensada e repensada. Com a companhia de Platão na literatura, Karl Marx na *revolução* ou de Karl Mannheim na *ideologia*, utopia é escrita sob a forma de sociedades e suas cidades, ideias; é criticada pela sua ingenuidade e trocada pela revolução, ou muda de caminho e torna-se numa questão social fundamental.

Será possível realizar uma utopia?

As utopias (literárias) dependem do espaço urbano, a cidade tem reflexo na sociedade, e vice-versa. O projecto de arquitectura reflecte o imaginário do seu criador, a *utopia* do projecto reformulador de uma realidade ou de uma ideia, a sociedade onde se insere e noções temporais políticas e históricas. A utopia está presente em representações do Éden, na Antiguidade Clássica, e no Renascimento, na criação de cidades ideais tendo o homem no papel principal.

Ela existe, e no século XV, a presença da utopia começa a ser traçada por Leon Battista Alberti (1404-1472), António Filarete (1400-1465), e Leonardo da Vinci (1452-1519). A utopia anuncia-se no *Prólogo* de *De re aedificatoria* ao ser concedida à Arquitectura, *O Trattato di*

architettura, segundo o texto de 1461-64, de Antonio Averlino detto il Filarete apresenta a primeira proposta desenhada de cidade ideal, de natureza utópica, Sforzinda.

Começamos na Antiguidade Clássica, onde Platão (*A República*) descreve o Estado Ideal; na Idade Média, Santo Agostinho (*A cidade de Deus*) insinua uma sociedade ideal. No Renascimento, Thomas More (*Utopia*), mostra o seu ideal social representado espacialmente. No Iluminismo, Bacon (*Nova Atlantis*) escreve e a primeira utopia científica; no Modernismo, os socialistas utópicos aplicam o método utópico no mundo real.

O Movimento Moderno no século XX, acompanhado de Utopia, esteve a par de evoluções e revoluções. O pós-guerra trazia consigo a ideia depreciativa de que a utopia estaria intimamente ligada a ideais revolucionários, totalitários e extremistas. A escala de reconstrução da II GG trazia um novo (sem) limite para a arquitectura. Grandes utopias da cidade moderna e contemporânea partem da *Utopia* de Thomas More, texto matriz, aplicadas à reforma da cidade industrial que estava a nascer. Essas propostas utópicas surgem para que a cidade se desenvolva e ofereça condições dignas de vida.

O que faz de um projecto um projecto utópico?

Françoise Choay, classifica as correntes de pensamento urbanístico e pré-urbanístico em dois modelos: Modelo Culturalista, que davam efectivo valor à cidade (como por exemplo Ruskin, e William Morris); e o Modelo Progressista, que associava o progresso à austeridade (como por exemplo Owen, Fourier, Godin, Cabet e Richardson) (Choay, 2002). As propostas utópicas orientam-se segundo as duas direcções antagónicas do tempo – o passado e o futuro - na forma de nostalgia e progressismo.

Ao longo do tempo, são vários os arquitectos visionários que se destacam. No século XVIII, Étienne-Louis Boullée e Claude Nicolas Ledoux. No século XIX, o socialismo utópico surge de mãos dadas com Robert Owen em Inglaterra, e em França com Saint Simon e Charles Fourier. No final do século XIX, surge o Anti Urbanismo através de pensadores americanos.

Chegado o século XX, o progresso é essencial na definição utópica do tempo moderno, e nesse sentido, o avanço tecnológico é um dos principais meios do pensamento utópico na concepção de novas realidades e na construção de ideais futuros, essenciais ao imaginário utopista. A Nova Corrente Progressista aparece em 1928, seguidora de uma força internacional através das publicações do grupo C.I.A.M. Já no Novo Modelo Culturalista, são seguidores desta corrente Camilo Sitte, Ebenezer Howard, Raymond Unwin. Em 1930, o Novo Modelo Naturalista nasce da corrente anti urbana americana. Tendo com exemplo o Broadacre-City, de Frank Lloyd Wright. O Manifesto Futurista, escrito por Filippo Tommaso Marinetti (publicado a 20 de Fevereiro de 1909), trazia consigo o poder da máquina e abria o horizonte para novas possibilidades onde modernidade significava industrialização.

Com o terminar da II Grande Guerra, muitos países entraram num período de expansão económica e tecnológica, impulsionando o desenvolvimento de meios de transporte e comunicação. Os anos sessenta e setenta – aliados à descoberta de novas tecnologias até então impensáveis, a primeira viagem à Lua, Woodstock e o Movimento Hippie, o ambientalismo, o Muro de Berlim, o movimento de libertação das mulheres-, ocuparam um lugar inesquecível na história da humanidade.

Todos defendem que antes de qualquer concepção é necessário criar uma imagem da mesma, incorporando a importância do homem como elemento estruturador de organização do

espaço. Estes visionários utópicos contribuíram para um mundo melhor e para a evolução do Movimento Moderno, e todos eles construíram a história da Utopia e do Mundo.

O projecto é utopia sempre que ambiciona alcançar um qualquer futuro ideal, melhor, seja ou não construído, materializando-se física ou espiritualmente no real.

Existe tradição utópica em Lisboa?

Somos um país de “brandos costumes”, e de utopias... também?

Francisco d’Holanda, escreve o primeiro texto urbano sobre pensar a cidade de Lisboa. Com uma escala monumental, a tendência era equiparar Lisboa a outras cidades europeias. Ressano Garcia, no século XIX propõe planos para a cidade de Lisboa. Em 1864, é criado o Plano Geral de Melhoramentos - embora não descrevesse nenhum projecto arquitectónico, trazia a criação de dois boulevards, um na frente ribeirinha, e outro na actual Avenida da Liberdade -, e em 1874, o plano de expansão das Avenidas Novas. Em 1911, Miguel Ventura Terra (1866-1919) propõe a grande avenida de Santos ao Terreiro do Paço, e em 1927, Jean Claude Forestier (1861-1930) apresenta a proposta para uma avenida marginal ao Tejo, e a extensão da Avenida da Liberdade ao Parque Eduardo VII. A escala dos projectos era monumental, queriam resolver a cidade, mas com proporções desadequadas (como os acessos numa cidade de colinas, a habitação precária do proletariado) e sem propósitos sociais, apenas de afirmação nacional.

O final do século XIX, início do século XX, marcou um período conturbado em Portugal. A sucessão da monarquia constitucional, a primeira república e a primeira Grande Guerra conduziram ao golpe militar de 1926 e ao estado nacionalista e autoritário de 1932, com António de Oliveira Salazar. Deus, pátria, autoridade, família e trabalho, eram as palavras de eleição deste

novo regime. Estado Novo e Duarte Pacheco surgem reformulações urbanas à escala de Lisboa, – como são exemplo a marginal Lisboa-Cascais, o Estádio Nacional, e a Fonte Luminosa, em Lisboa – a criação do Parque de Monsanto, e em parte a construção do aeroporto da Portela. Foi também, o responsável pela Grande Exposição de 1942, um dos maiores eventos político-sociais até à data, e que influenciou em muitos aspectos as décadas que se seguiram.

Com Duarte Pacheco como presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e nomeado membro dos Centenários, Salazar propunha em 1940 a Celebração do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal. Uma iniciativa de propaganda do estado, com a pertinência temporal certa, que reforçava o prestígio do país. Não se evoca apenas a Lisboa do passado e do presente, mas visionava-se a Lisboa do futuro. Sendo uma exposição de grande dimensão, é apresentada uma lista de treze obras públicas.

A arquitectura nacional renasce instrumentalizada e representante de valores ideológicos do regime, tendo sido demolida a maioria do edificado, permanecendo como referência o actual Museu de Arte Popular e o Monumento aos Descobrimentos. Em 1992, Lisboa tinha o objectivo de chegar a Capital Atlântica da Europa, cumprindo um programa que lhe dava as competências necessárias para chegar ao destino desejado. Como já tinha acontecido em outras capitais europeias, - e assim como a zona ocidental de Lisboa tinha sido transformada e reabilitada pela Exposição do Mundo Português - a zona oriental de Lisboa viria a ganhar uma nova centralidade com a realização da Expo 98.

O plano da Expo ambicionava ter consequências que se alastrassem para além do seu limite de intervenção, com cariz humanista, proporcionando uma regeneração da sua periferia, e tornando real a ideia de modernização da capital de Portugal. Estava a ser projectada não só uma

nova zona da cidade, mas sim uma nova imagem associada à mesma. A Expo traz a confirmação da integração portuguesa na Europa, modernizando a capital e desenvolvendo a sua frente ribeirinha. Mas a relação com o oceano, este crescer sempre para dentro e nunca além-mar, continua a ser a utopia lisboeta. Exemplo dessa possibilidade é o projecto de Manhattan de Cacilhas (1999), de Manuel Graça Dias e Egas Vieira. Mais uma vez fica, a dúvida se este projecto pertence ou não ao leque de utopias denominadas de utopias com justa causa, ou se não se enquadra apenas numa visão ou provocação que não se concretizou (ainda).

No início do século XX, outros textos lançaram previsões e sugestões para a capital da nação. Entre eles, destacam-se *Lisboa Monumental* de Fialho de Almeida (1857-1911), *Lisboa no ano 2000* de Melo de Matos (1856-1915) Estas - possíveis - *utopias* portuguesas, mostraram uma preocupação com o futuro e com o presente. No entanto, as respostas que apontavam eram formais, trazidas por imagens que chegavam de fora, plásticas, que em nada se preocupavam com a realidade. No entanto, é Fialho o único que mostra alterações urbanísticas na cidade aliadas a um novo regime político e a uma nova e mais justa organização social, sendo assim o que mais se aproxima dos textos utópicos europeus.

Utopias ou Visões?

A utopia descrita por Fialho em 1906, já projectada por Miguel Pais (1825 -1888) em 1887, já houvera chegado a estado projecto a 1888, pelos vereadores de 1883. Surgia o projecto para um Aeroplano Cativo, que consistia na construção de torres na Graça, Castelo de São Jorge, Carmo e São Pedro de Alcântara. Em 1991, surge uma proposta de Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, - no âmbito do programa VALIS – alusiva ao projecto de Miguel Pais. Também ela não realizada.

Em 1930, Cassiano Viriato Branco (1897-1970), com ou sem conhecimento da *Reportagem Imaginaria à Cinelândia*, projecta a *Cidade do Filme Português*. Este projecto *futurista* que nunca saiu do papel, aliado ao plano da Costa da Caparica, é talvez o exemplo mais marcante da utopia portuguesa. O projecto de Cassiano para a Costa da Caparica, - que passava por uma cidade de lazer, com equipamentos lúdicos, desportivos e culturais - já não era o *futurismo* de Marinetti ou Sant’Elia, mas aproxima-se mais das visões de Tony Garnier, em 1904, para a “Cidade Industrial”. (Graça Dias M. , 2018, pp. 153-155)

O estudo da utopia está eternamente inacabado, pois se assim não o fosse deixaria de ser utópico. Chegámos à Utopia por uma conversa, e o que se procura ao sair, é esse desejo - e a sua inevitável frustração. A sua versão de horror foi facto, bem como a sua tradução numa melhoria das condições de vida do Homem. O mundo presente é maioritariamente urbano, o oposto da realidade vivida quando surgiram as primeiras utopias projectadas. A vida urbana era o ideal utópico, e a questão cidade/natureza mantém-se como tema utópico até aos dias de hoje.

Portugal era, e talvez continue a ser, um país de visões e pensadores, talvez pela chegada tardia de inovações, ou devido a constrangimentos financeiros. Somos, e permaneceremos, “*desenrascados*”, o que faz com que o nosso país não tenha uma corrente utópica Moriana.

A utopia pode ser usada com metodologia de projecto, tendo em conta factores sociais, culturais, económicos, políticos e de saúde pública. Se a Utopia é uma possibilidade de liberdade pode também ser um instrumento de reconstrução da realidade, que permite ultrapassar os constrangimentos do pragmatismo do quotidiano.

Surgem utopias de “boca em boca”, e muitas vezes erradamente denominadas. Confundimos a vontade de um futuro melhor com a vontade de sermos tão bons ou melhores que os outros. Marginalizamos o termo utopia, associamos a loucura ou devaneio e exageros, quando na realidade, somos apenas utopicamente ignorantes.

Daqui se depreende que este estudo toca apenas o contorno deste vasto tema e que poderá servir de ponto de partida para uma investigação mais profunda e detalhada, tanto no conceito de Utopia, como na sua aplicação e existência (ou não) no território português.

Vá Lá

Trago um bom conselho | Para a gente que aqui está / São duas palavrinhas / E quais são elas?

Vá lá!!

Vá lá, Portugal, portugueses / Mais um ano, doze meses / Não saímos do lugar...

Vá lá, nobre povo, Zé Povinho | Não há pão e não há vinho / E o que há vai acabar!

Vá lá, estivadores e leiloeiros | Espantalhos, sinaleiros | É inútil esbracejar...

Vá lá, marinheiros de água doce | Era bom mas acabou-se | Tá na hora, vai fechar!

Vá lá, patos bravos barrigudos | Sem vergonha e sem canudos | A aldrabar a construção...

Vá lá, novos ricos triunfantes | Em vivendas de emigrantes | Baluarte da nação!

Vá lá, batalhão de Chico Espertos | Esses olhos bem abertos | Que o país é para roubar...

Vá lá, devedores e caloteiros | Agarrados ao dinheiro | “Tá na hora de pagar!

Vá lá, rapazinhos da gravata | De atitude burocrata | E a fortuna do papá...

Vá lá, raparigas graduadas | Liberais, emancipadas | Do melhor que para aí há!

Vá lá, jogadores, viciados | Prostitutas e drogados | Quem vos traz o alvará?

Vá lá, traficantes, criminosos | Delinquentes, mafiosos | É agora, 'bora lá!
Vá lá, monarquia arruinada | Sempre bem alcoolizada | Com uma cruz a abençoar...
Vá lá, burguesia toda airosa | Que essa vida cor de rosa | Está em vias de ir ao ar!
Vá lá, Herculanos, Saramagos | Escritores aziagos | Quem assina a petição?
Vá lá, geração iluminada | Treinadores de bancada | Onde é que está a solução?
Já sabemos bem | Que a vida aqui está má | Com a morte ali ao fundo
Ai, Mãe, a sorte onde andará? | Só resta sermos nós a dar a volta | Assim, não dá
Por isso, pessoal, vá lá!!
Vá lá, carneirada cibernética | A doença é genética | Agarrados digitais...
Vá lá, manada de aluados | Cidadãos neutralizados | Pelas redes sociais!
Vá lá, estudantina abrutilhada | Malcriada, mal formada | Nota 20 a vomitar...
Vá lá, especialistas em calão | Calinada e palavrão | Vamos, toca a trabalhar!

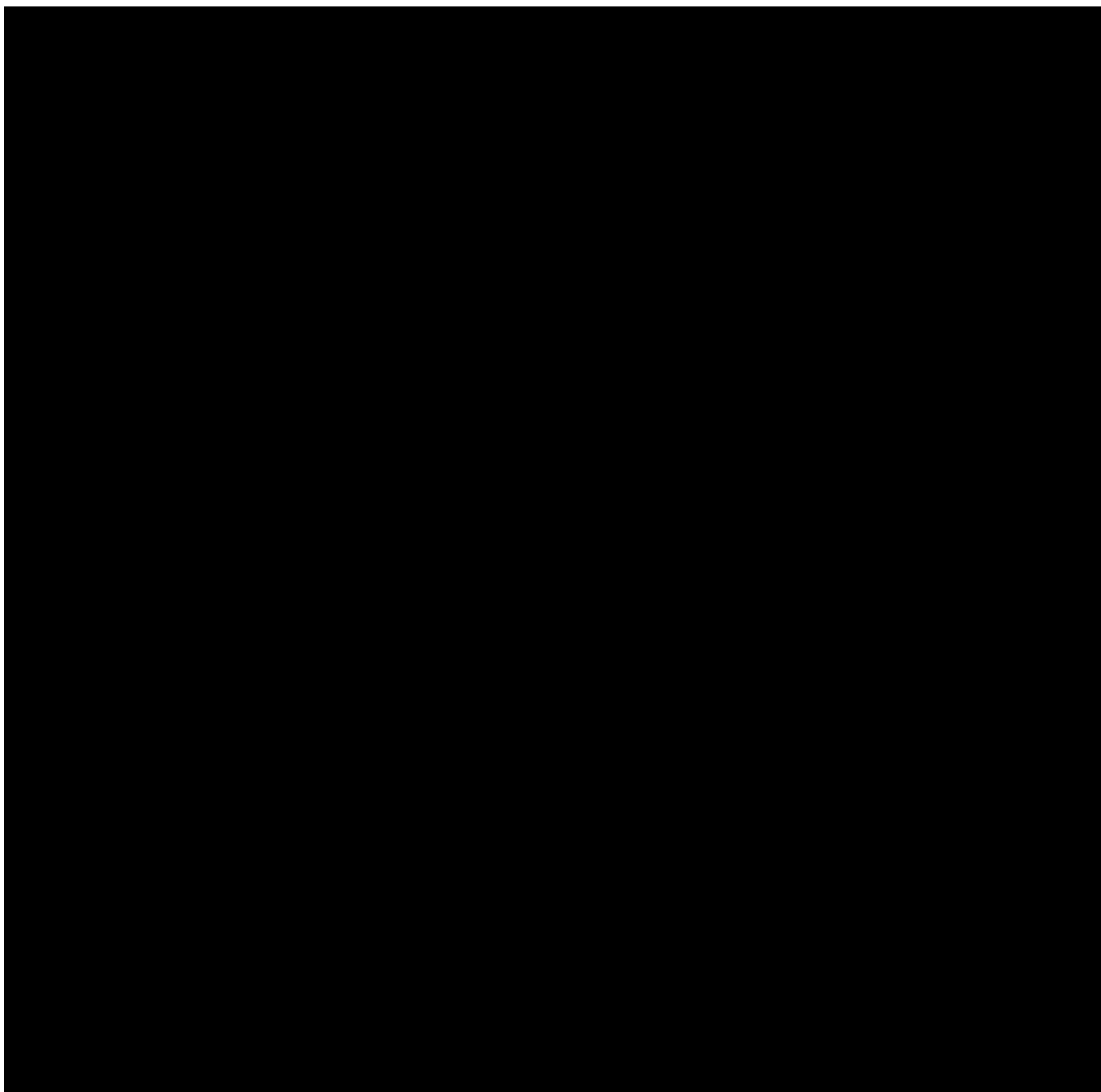
Vá lá, madames em topless | Da massagem anti-stress | E dieta natural...
Vá lá, brigada do pilates | Yôga e outros disparates | Que é que diz o mapa astral?...
Vá lá, reformados, pensionistas | O governo tem artistas | Pagos p'ra vos enganar...
Vá lá, moribundos, acamados | Incapazes, entrevados | Vamos, toca a levantar!
Já sabemos bem | Que a vida aqui está má | Com a morte ali ao fundo
Ai, Mãe, a sorte onde andará? | Só resta sermos nós a dar a volta | Assim, não dá | Por isso, Portugal,
vá lá!!

Vá lá, moderníssimos fadistas | A elite dos artistas | Do melhor que há no país...
Vá lá, costureiros e roqueiros | Dos modelos estrangeiros | E da coca no nariz!
Vá lá, capitães e generais | Mais as tias de Cascais | Na orgia do cifrão...
Vá lá, ministros, deputados | Com os bolsos recheados | Façam a revolução!

Vá lá, navegantes, triste fado | As glórias do passado | Não vos deixam navegar...
Vá lá, saudosistas praticantes | Isto está pior que dantes | Vade retro, Salazar!
Vá lá, Portugal, olha p'ra ti | Há quem diga por aí | Sem a guerra não há paz...
Vá lá, Portugal, nação valente | Que o futuro é um presente | E é para a frente e não para trás!

Vá lá!!⁶⁰

⁶⁰ Artista: Gimba, Álbum: Ponto G, Data de lançamento: 2018



6 Referências Bibliográficas

- Alberti, L. B. (1966). *L'architettura (De re aedificatoria, escrito entre 1443-52, impresso em 1485)*. Milão: Il Polifili.
- Almeida, F. d. (2001). Lisboa Monumental. Em M. G. Dias, *Passado Lisboa Presente Lisboa Futuro*. Lisboa: Parceria A.M. Pereira.
- António Lopes Ribeiro, O. B. (Produtor), & Lopes, A. (Realizador). (s.d.). *Documentário: A exposição do Mundo Português* [Filme]. Lisboa.
- Arantes, O. (1993). *O lugar da arquitectura depois dos modernos*. São Paulo: Nobel.
- Baczko, B. (1991). *Los imaginários sociales: memorias y esperanzas coletivas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.
- Barata, A. C. (Novembro de 2005). Rescrever a cidade: Lisboa, do Terramoto à actualidade. . *Rescrever a cidade: Lisboa, do Terramoto à actualidade. Lisboa em 1900. O eixo de crescimento da cidade para norte: Avenidas Novas e Almirante Reis. Ressano Garcia e Plano Geral de Melhoramentos de 1903. O eixo de desenvolvimento ribeirinho*.
- Barata, A. C. (Janeiro-Junho de 2018). Cadernos do Arquivo Municipal - A Lisboa Ausente : Da Memória do Património Desaparecido aos Projectos Utópicos para a Cidade. *Das colinas de Lisboa: as "avenidas aéreas" nunca construídas*.
- Barros, J. L. (1996). Exposição do Mundo Português. Em J. M. BRITO, *Dicionário de História do Estado Novo* (Vol. 1, pp. 325 - 327). Lisboa: Circulo de Leitores.
- Berman, M. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia, das Letras.

- Bloch, E. (1980). *Abschied von der Utopie?* Frankfurt: Hanne Gekle.
- Borrvalho, M. L. (2004). Não há Utopias Portuguesas? *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*(1).
- Calvino, I. (1994). *As Cidades Invisíveis*. Lisboa: Teorema Editorial.
- Choay, F. (2002). *O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia*. (5ª ed.). (T. D. Rodrigues, Trad.) São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Choay, F. (2013). O Corpo Utópico. Em F. Choay, *O Corpo Utópico, As Heterotopias* (pp. 7-18). N 1 Edições.
- Choay, F., & Souza, G. G. (1986). *A Regra e o Modelo : sobre a teoria da arquitectura contemporânea e do urbanismo*. Perspectiva.
- Coelho, T. (1980). *O que é a Utopia?* São Paulo - Brasil: Brasiliense S.A.
- Costa, S. V. (2018). Lisboa Modernista - a obra capital de Duarte Pacheco. Em J. Seixas, *Projeções de Lisboa - Utopias e estratégias para uma cidade em movimento perpétuo*. Lisboa: Caleidoscópico.
- Denis, J. P., & Nouchi, F. (s.d.). Heureux Les Utopistes. *Revista Le Monde, L'atlas des utopies*, 3.
- Denis, J.-P., & Nouchi, F. (s.d.). Heureux Les Utopistes . *Revista Le Monde, L'atlas des utopies*, 3.
- Dias, M. G. (Julho-Agosto de 2006). Há que encontrar modos diferentes de expressão. (L. S. Ventosa, Entrevistador) arq./a.

- Dias, M. G. (3 de Fevereiro de 2012). A Lisboa de Fialho no boulevard de Graça Dias. (R. Chantre, Entrevistador) Obtido de <https://www.publico.pt/2012/02/03/jornal/a-lisboa-de-fialho-no-boulevard-de-graca-dias-23861639>
- Galeano, E., & Borges, J. (1994). *Las palabras andantes*. Siglo XXI.
- Graça Dias, M. (2001). *Passado Lisboa Presente Lisboa Futuro* (Vol. Lado A: Passado Lisboa Presente). Lisboa: Parceria A.M. Pereira.
- Graça Dias, M. (2018). Lisboa Futurista - Prévia, célere, pouca e tardia. Em J. Seixas, *Projeções de Lisboa - Utopias e estratégias para uma cidade em movimento perpétuo*. Lisboa: Caleidoscópico.
- Lourenço, T. B. (Janeiro-Junho de 2018). A Mouraria da Velha Rua da Palma. Quatro séculos no ciclo de vida de um arruamento (1554-1959). *Cadernos do Arquivo Municipal - A Lisboa Ausente : Da Memória do Património Desaparecido aos Projectos Utópicos para a Cidade*.
- Mannheim, K. (1968). *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Marcuse, H. (1967). End of utopia. *Psychoanalyse und Politik*, (pp. 62-69). Universidade Livre de Berlim Ocidental.
- Martins, N. (Janeiro-Junho de 2018). Lisboa Desaparecida. Lisboa Utópica. *Cadernos do Arquivo Municipal - A Lisboa Ausente : Da Memória do Património Desaparecido aos Projectos Utópicos para a Cidade*.
- Miranda, A. (2017). Francisco d'Holanda e uma nova ideia de cidade. Em M. d. Lisboa, *A Lisboa que teria sido* (pp. 22-27). Lisboa: EGEAC.

- Moller, A. (28 de Maio de 2013). Archdaily. *Yes is More: A Filosofia do BIG*. Obtido de [www.archdaily.com: https://www.archdaily.com.br/br/01-116507/yes-is-more-a-filosofia-do-big](https://www.archdaily.com.br/br/01-116507/yes-is-more-a-filosofia-do-big)
- More, T. (1916). *Utopia*.
- More, T. (1973). *Utopia*. publicações Europa America.
- Murphy, D. (14 de Junho de 2016). The end of utopia. Obtido de <https://www.architectural-review.com/essays/viewpoints/the-end-of-utopia/10006220.article>
- Neves, J. (2016).
- Pessoa, D. F. (Junho de 2006). *Utopia e cidades : proposições*. São Paulo: Annablume.
- Reis, B. (8 de Março de 2003). Gonçalo Ribeiro Telles, o homem que rouba ideias aos pássaros. *Público*. Obtido de <https://www.publico.pt/2003/03/08/jornal/goncalo-ribeiro-telles-198934>
- Riot-Sarcey, M. (s.d.). L'utopie puise son inspiration dans le réel. *L'atlas des utopies*.
- Rosa, L. V. (2018). Lisboa da Expo 98 : os anos 1990 e a projecção oriental. Em J. Seixas, *Projeções de Lisboa - Utopias e estratégias para uma cidade em movimento perpétuo*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Rosa, V. (25 de Maio de 2017). Gonçalo Ribeiro-Telles aos 95: um visionário utópico. *Observador*. Obtido de Observador: <https://observador.pt/especiais/goncalo-ribeiro-telles-aos-95-um-visionario-utopico/>
- Sant'Elia, A. (1914).

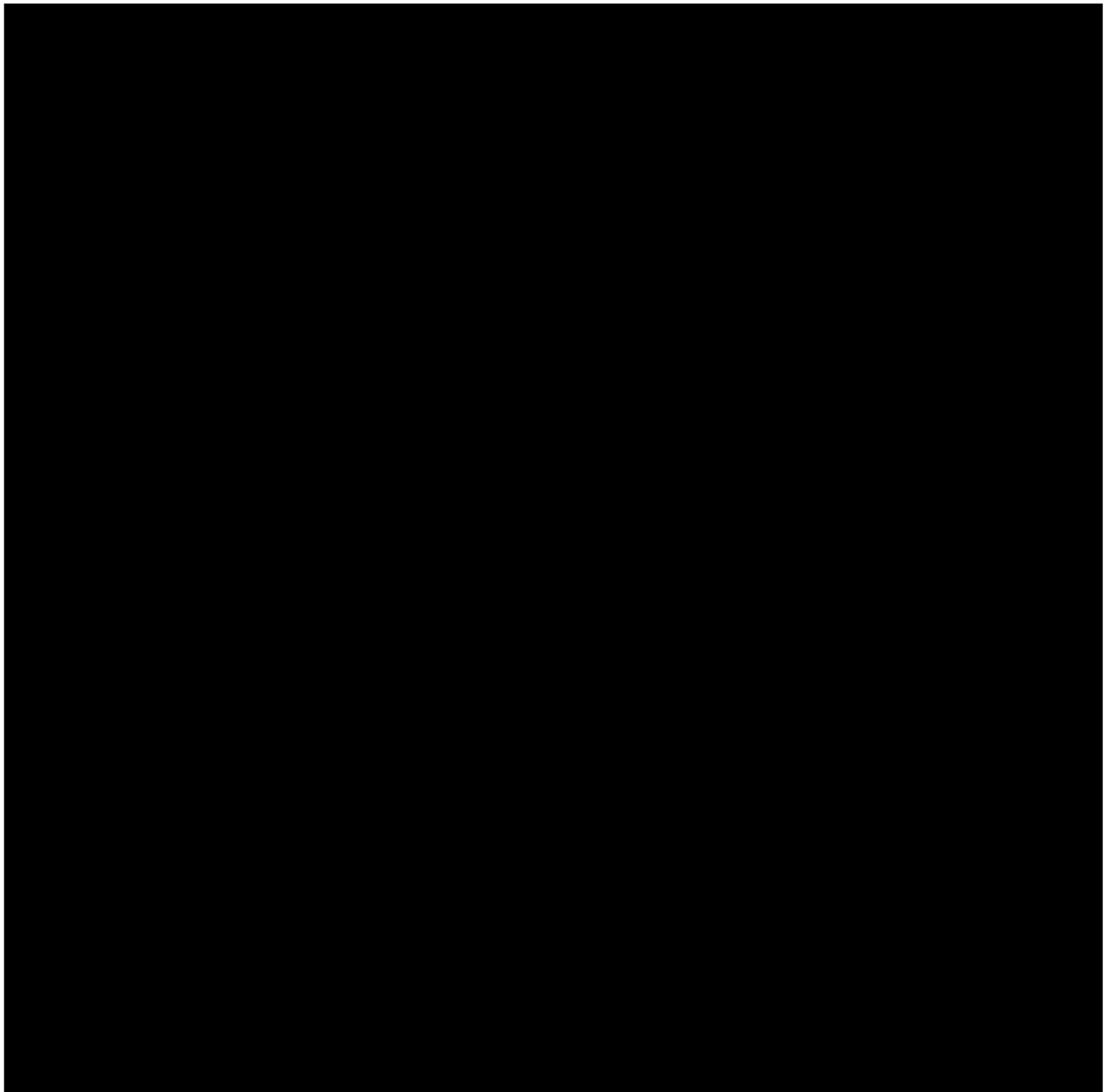
- Saramago, J. (2001). Saramago, o pessimista utópico. (J. D. Lasierra, Entrevistador) Turia, Teruel, nº 57.
- Seixas, J. (2018). Lisboa Projectada - Introdução. Em J. Seixas, *Projeções de Lisboa - Utopias e estratégias para uma cidade em movimento perpétuo*. (p. 6). Lisboa: Caleidoscópio.
- Silva, R. H. (2017). Vencer as colinas. Em M. d. Lisboa, *A Lisboa que teria sido* (pp. 107-113). Lisboa: EGEAC.
- Siza, Á. (Novembro de 2001). Desenhos. *Lugar do Desenho*. Exposição patente de 5 Dez. 2009 a 7 Fev. 2010 no LUGAR DO DESENHO – Fundação Júlio Resende (GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS). Obtido de <https://naul.wordpress.com/2009/12/17/alvaro-siza-esquissos-ao-jantar-5-dez-a-7fev/>
- Siza, Á. (2007). Entre Olhares e Leituras : Uma Abordagem da Bienal do Mercosul. *Bravo*. (G. Motta, Entrevistador) Zouk Editora. Obtido de <https://foleirices.blogs.sapo.pt/297013.html>
- Telles, G. R. (2002). 4X Gonçalo Ribeiro Telles. (J. Nunes, Entrevistador) Youtube. Obtido de <https://www.youtube.com/watch?v=OTINyCEx79w>
- Tostões, A. (2004). Arquitectura Moderna Portuguesa 1920-1970. Departamento de Estudos IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico.
- Vieira, F. (s.d.). Obtido de <https://www.apagina.pt/?aba=6&cat=566&doc=14392&mid=1>
- Vieira, F. (2010). The concept of Utopia. Em F. Vieira, *The Cambridge Companion to Utopian Literature* (pp. 3-27). Gregory Claeys.

Vieira, F. (s.d.). The concept of Utopia. Em G. Claeys (Ed.). *The Cambridge Companion to Utopian Literature*.

Wells, H. G. (1905). *A Modern Utopia*.

Wells, H. G. (s.d.). *A Modern Utopia*. Obtido em 13 de 10 de 2019, de <https://www.marxists.org/reference/archive/hgwells/1905/modern-utopia/ch09.htm>

Wild, O. (1891). *The Soul of Man Under Socialism*.



Anexos

Anexo A - Entrevista realizada à Doutora Fátima Vieira

O Conceito de Utopia

Inês Nascimento: Quais as características de uma ideia utópica? Para que serve?

Fátima Vieira: A ideia utópica – prefiro chamar-lhe “forma de pensar utópica” – afirma-se, antes de mais, pela sua vocação transformadora da realidade. O seu ponto de partida é o presente, analisado criticamente, mas ela abre-se para o futuro, para um ponto que é visto como objecto de desejo e, que indica, portanto, uma direcção a seguir. Esse ponto não é, contudo, fixo – é verdade que assim o era, para o utopismo dogmático que caracterizou o século XIX, mas não o é em relação ao utopismo contemporâneo, que se caracteriza por pragmatismo, maleabilidade e capacidade de adaptação. A forma de pensar utópica pressupõe que o caminho que se opta por tomar em relação ao ponto que, no futuro, é visto como objecto de desejo, resulta de uma reflexão crítica sobre os diferentes caminhos possíveis; e que a partilha da ideia utópica com outros indivíduos tem a capacidade de influenciar o desejo desses indivíduos e o futuro que está por vir. É, ainda, caracterizada por uma vontade de acção – e é tudo menos irrealista. A forma de pensar utópica é ambiciosa, e por isso é tão importante: obriga-nos a sonhar com ambição e assim nos leva mais longe.

IN: A Utopia é uma ideia eminentemente europeia? Haverá utopias em sociedades não-ocidentais?

FV: Há vários estudos sobre este tema que têm vindo a mostrar que o desejo por uma sociedade diferente, veiculado através de uma história fictícia, poderá ser encontrado em sociedades não ocidentais – é o caso de *Peach Blossom Spring*, a narrativa imaginativa que Tao Yuanming escreveu no ano de 421 sobre uma comunidade ideal, onde os indivíduos vivem em harmonia com a natureza. Nesse sentido, a Utopia não é exclusiva do mundo Ocidental. Mas a forma de pensar utópica que acima descrevi é, na verdade, uma metodologia de pensamento que parte de uma análise da realidade e da identificação dos problemas existentes para a reflexão sobre caminhos possíveis – e essa metodologia de pensamento está claramente inscrita na matriz da identidade europeia. Na verdade, Thomas More, quando escreveu a *Utopia*, em 1516, criou uma forma de pensar que reconhece ao ser humano capacidade de agenciamento do seu próprio destino, isto é, foi o fundador de uma discursividade, ele desenhou um ponto de vista a partir do qual reagimos aos problemas contextualizando-os, abordando-os de forma holística, crítica e criativa.

IN: **A ideia de Utopia poderá ter características ou graus diversos em culturas diversas? E será que algumas utopias poderão ser consideradas como tal em determinado contexto e não o sendo, simultaneamente, caso esse contexto se altere?**

FV: A Utopia tem uma irmã gémea – a Distopia – e rapidamente se passa de uma para a outra. Na verdade, não é preciso sequer passar de um contexto para outro, bastará pensarmos em diferentes pontos de vista. Para mim, aquilo que é uma Utopia, poderá ser facilmente visto por outra pessoa como uma Distopia – a percepção da sua natureza é subjectiva. Mas quando passamos dos conceitos – Utopia e Distopia – para a consideração dos processos – a forma de pensar utópica e distópica -, somos capazes de perceber que têm muito em comum: o modo de pensar utópico leva-

nos a imaginar, com ambição, um ponto no futuro onde gostaríamos de chegar – e impele-nos por esse processo, à acção; o modo de pensar distópico imagina um futuro terrível, apresentado através de um raciocínio extrapolativo das condições presentes – e impele-nos também por esse processo à acção de forma a evitarmos a sua concretização. Quanto à variação da Utopia em culturas diversas, ela torna-se mais visível em função de diferentes circunstâncias: a Utopia é, por excelência, um instrumento de expressão de desejo e de ambição para uma sociedade (e por isso a encontraremos a grassar em sociedades livres e desenvolvidas, que almejam uma situação ainda melhor), mas é também um instrumento de contestação (e, nesse sentido, encontraremos a Utopia como meio de oposição à Ideologia (remeto, a este propósito, para os interessantíssimos estudos de Karl Mannheim e Paul Ricoeur)).

Questão 4: Actualmente, nas sociedades contemporâneas, há ainda alguma utilidade a desempenhar pelas Utopias? Ou tememos a sua *morte*?

FV – Falou-se muito da morte da Utopia nas décadas de 50 e de 60 do século XX, mas tal aconteceu porque na altura se confundiu um projecto político (marxista-comunista) com o modo de pensamento utópico. A Utopia enquanto modo de questionamento e de indagação inscreve-se na índole desejante do ser humano e por isso, ao contrário da utopia-projecto, não morrerá. Quer como instrumento de desejo/ambição, quer como instrumento de contestação, a Utopia permanecerá. Não precisamos de temer a sua morte.

IN: Ao mesmo tempo, actualmente, estará o termo banalizado? Isto é, haverá um abuso, aplicado, por exemplo, a realidades simplesmente fantasiosas ou de escala inusual, resultando num desprendimento da conotação crítica original?

FV: Sim, claramente. Proscrita nos anos 50 e 60 do século XX, precisamente por causa do projecto político que encerrava, e novamente nos anos 80, quando o raciocínio distópico se voltou a impor, a Utopia está hoje na moda, sendo recorrentemente evocada de forma descontextualizada e pouco informada. É, por essa razão, muitas vezes utilizada no sentido de sonho, de ideal a atingir, perdendo-se frequentemente a ideia de processo crítico, de uma metodologia de indagação de soluções que ela propõe. Por isso deve ser promovida nas escolas enquanto metodologia de reflexão e construção de uma sociedade melhor.

A Utopia e a Cidade

IN: O pensamento utópico propôs cidades que espelhavam territorialmente uma reorganização social. Esta idealização correspondia a uma ambição extrema de transformação de circunstâncias presentes. Que utopias urbanas ou citadinas persistem por se cumprir no momento presente? Por exemplo a cidade equilibrada com o meio-ambiente? A cidade equitativa, sem forma definida? Ou esta questão não se coloca actualmente?

FV: Não nos podemos esquecer de que a Utopia evoluiu, ao longo dos séculos. Com Thomas More, no século XVI, foi-nos proposta a ideia de uma sociedade ordeira, organizada, perspectivando-se a cidade simultaneamente como espelho e instrumento para a imposição de uma ordem. A configuração espacial rígida correspondia a uma sociedade estática, sem evolução. Não é por acaso que a cidade inventada por More se chama Amaurota – etimologicamente, a cidade sem habitantes. Na Utopia renascentista, pensa-se primeiro na estrutura, e só depois nos indivíduos.

Já a Utopia contemporânea idealiza a cidade como dinâmica, heterogénea, descentralizada e relacional – o reflexo da fragmentação humana pós-moderna. Por essa razão, é uma cidade maleável, aberta a modos de habitar distintos, à criação de espacialidades diferentes. A Utopia contemporânea tem em conta a noção de Terceiro Espaço definido por Soja, prevendo que na cidade vivida pelos seus habitantes se criem espacialidades de geometria variável que dêem expressão às relações (de simultaneidade, de justaposição) entre os indivíduos e entre estes e os lugares – uma Utopia que presta atenção e que fomenta a alteridade constitutiva dos espaços.

Claro que, para além desta Utopia de uma cidade saudavelmente constituída por camadas, sobrepostas e justapostas, que assim dá expressão à complexidade da existência humana, há ideais que funcionam transversalmente, como os que referiu. Neste momento, precisamos de uma “sociedade equilibrada com o ambiente” – este não é, aliás, um desejo, é um imperativo se pretendemos assegurar a sobrevivência da nossa sociedade. Quanto à “cidade equitativa”, é uma ideia que informa, naturalmente, a Utopia urbana contemporânea, que integra aliás a ideia da “igualdade na diversidade”.

IN: Ou, com a declinação do termo utópico, haverá hoje em dia, projectos “parcialmente utópicos”, ou, mesmo, projectos que sejam “falsas-utopias”, pelo uso inapropriado ou parcial da ideia? Consegue dar exemplos?

FV: Para mim, as “falsas utopias” são aquelas que não têm a ambição transformadora da sociedade. É o que acontece quando não se opõem à ideologia dominante. Um bom exemplo é o que está a acontecer com a discussão da possibilidade de implementação de um Rendimento Básico Incondicional (RBI). Esta ideia tanto é promovida pela esquerda, que vê o RBI como um

instrumento capaz de dar alguma base económica aos mais desfavorecidos, como pela Direita, que acredita que indivíduos desfavorecidos com maior poder económico poderão fortalecer a sociedade de consumo (não é por acaso que os maiores apoiantes do RBI são as empresas de Silicon Valley). As ideias que reforçam a ideologia dominante, em vez de a contestarem, são falsas utopias.

IN: Em Portugal, as contingências da realidade aparentam refrear a ambição utópica. Paradoxalmente, olhando para a história do país, a própria realidade aparenta ter um entendimento utópico, dando lugar a uma sucessão de desígnios e projectos não concretizados ou não entendidos. Concorda com esta perspectiva? Será que os projectos de cidade utópica em Portugal são “pequenas utopias” (uma infra-estrutura, qualquer coisa cuja escala seja inusual)? Ou não são utopias de todo? E quais serão as razões para este cenário?

FV: Não concordo que “as contingências da realidade” estejam a “refrear a ambição utópica”. Acredito que estamos a viver um momento explosivo de utopias, em grande parte associadas à ambição da construção de uma sociedade sustentável e inclusiva – sente-se, inequivocamente, a reclamação de um *direito à cidade*, tal como o definiu David Harvey, um processo transformador das cidades que tem simultaneamente como causa e efeito a transformação dos seus habitantes.

Desde o 25 de Abril que o nosso país afirma a sua vocação utópica, que foi sendo traduzida em diversos projectos arquitectónicos. O facto de não existir um *projeto global* não me preocupa – acho até saudável. Acredito que a transformação se faz através de Utopias (no plural) que apontam para direcções diversas e que vão dando expressão às diferentes camadas que constituem a espacialidade complexa das nossas cidades/sociedades. As heterotopias são excelentes

laboratórios de experimentação com alta capacidade de contaminação – é nelas que devemos apostar.

IN: Considera que há exceções a esta limitação? Quais? Porquê?

FV: Claro que há projetos utópicos que acabaram por não ser concretizados ou cuja dimensão transformadora não foi adequadamente entendida. Mas não é mau que nem todos sejam concretizados. O próprio debate utópico é que interessa enquanto metodologia para o desbravamento de novos caminhos. E depois há excelentes projetos que foram concretizados e que são inspiradores para as novas gerações de arquitetos e urbanistas.

Acredito, na verdade, que os arquitetos e os urbanistas têm vindo a dar cada vez maior expressão, nos seus desenhos e planos, a um entendimento humanista da cidade, cruzando ideias de cidadania e democracia. Esse entendimento é especialmente visível em equipamentos públicos e em projetos de habitação social. Neste sentido, o trabalho de Álvaro Siza Vieira e Alcino Soutinho, por exemplo, tem-se revelado importante para as novas gerações.

A Utopia e a Arquitectura

IN: Terá a arquitectura capacidade para poder ser considerada utópica? Que características terá uma arquitectura utópica? Que exemplos podemos invocar?

FV: Já respondi em parte (acima) a essa questão. Não tenho qualquer dúvida quando afirmo que a arquitetura pode (e deve) ter uma dimensão utópica, uma vez que tem como missão primeira a organização dos espaços. No Renascimento, a ideia utópica de sociedade alicerçava-se numa ideia

estática e hierarquizada de arquitetura e urbanismo – a cidade imaginada por Thomas More depende das ruas bem desenhadas, das casas sem cozinha, dos espaços comunais para as refeições de todos os habitantes, dos espaços fora da cidade onde os escravos abatem os animais... Por outro lado, a arquitetura utópica contemporânea dá expressão a uma ideia de sociedade distinta, que acolhe a diferença e dá espaço para a expressão da simultaneidade das redes e conexões que os seus habitantes vão construindo. O discurso que é oferecido pelos equipamentos públicos (cf. exemplo de Álvaro Siza Vieira e Alcino Soutinho) é bem o reflexo dessa vontade descentralizadora que hoje impera, que se abre à participação cidadã com um convite à transformação dos próprios espaços.

IN: Em sentido inverso, a declinação e ambiguidade do termo poderá ter levado a existirem arquitecturas erradamente conotadas como utópicas (usando inapropriadamente o termo)? Que exemplos?

FV: Na linha do que tenho vindo a expor, tudo o que não tem intuito transformador não é utópico. É errado pensar-se um arranha-céus como utópico (o que não quer dizer que ele não possa ser utópico se, por exemplo, integrar um projeto de jardins verticais, como acontece cada vez mais frequentemente em projetos arquitetónicos estrangeiros).

IN: Será possível haver um projecto utópico (cidade e arquitectura) que tenha sido construído? Que exemplo? Ou será um paradoxo impossível de realizar?

FV: Há cidades que nasceram como projetos utópicos (Brasília é, talvez, o exemplo mais flagrante), mas que depois não foram concretizados. Mas há pequenas comunidades que nasceram desses

projetos e que foram bem-sucedidas, ainda que apenas por algumas décadas. Estou a lembrar-me da Vista Alegre, em Ílhavo, que, mais do que uma fábrica de porcelana, se afirmou como uma comunidade justa, equilibrada, educada, graças ao projeto utópico de Pinto Basto. Mas claro que estamos a falar, neste caso, de heterotopias.

Como disse já, as heterotopias são importantes porque são laboratórios de experimentação de ideias e projetos, com grande capacidade de contaminação. Julgo, contudo, que essas heterotopias são mais interessantes quando, ao contrário da Vista Alegre, são desenvolvidas dentro de um contexto urbano mais abrangente – quando as heterotopias se afirmam enquanto projetos de ruas ou de bairros (a proximidade potencia a sua capacidade de contaminação).

Em relação à última parte da sua pergunta – se é um paradoxo uma utopia realizada – não poderia responder com mais convicção: sim, é. A Utopia contemporânea, porque se encontra em constante construção e adaptação, fornece apenas uma direção a seguir, não uma etapa final. Aceita e convida à apresentação de novas ideias que integra na ideia filosófica de uma sociedade mais justa.

IN: Haverá em Portugal (e em Lisboa) exemplos de produção utópica (real e efabulada, de cidade e arquitectura)? Que exemplos?

FV – A cidade de Lisboa, tal como hoje a conhecemos, é produto de um plano utópico – na sequência do terramoto de 1755, o Marquês de Pombal encarregou um grupo de engenheiros portugueses e estrangeiros de traçar o perfil de uma nova cidade, abandonando as referências antigas das velhas ruas e traçando avenidas largas e praças que dessem expressão à ambição de Lisboa de se apresentar como uma cidade “esclarecida”, iluminista. A reconstrução de Lisboa

implicou a criação de novos padrões de vida urbana com um significado estático, hierárquico, ideológico e moral bem definido. É, para mim, o melhor exemplo de uma utopia realizada em grande escala. Temos hoje dificuldade em classificar o projeto iluminista do Marquês de Pombal como utópico porque tentamos compreendê-lo à luz da nossa ideia de Utopia. Mas foi, sem dúvida, à época, um projeto transformador.

A Utopia e o Nós

IN: Alguns teóricos defendem que a Utopia é essencial para a construção e reconstrução das sociedades e cidades actuais. Acha que o pensamento utópico é crucial ao desenvolvimento positivo das mesmas?

FV: Sim, inequivocamente. Não se trata agora, contudo, de impor padrões (como fez o Marquês de Pombal), mas de criar cidades que não esmaguem mas que libertem, que estabeleçam relações de reciprocidade com os indivíduos – transformando-os mas sendo também por eles transformadas –, que saibam acolher o imprevisível e integrar o imaginário e que utilizem as novas tecnologias de forma utópica (leia-se transformadora) e não distópica (controladora e impositiva de ritmos de vida). No momento em que vivemos a ansiedade de resolução de problemas vitais como as alterações climáticas, a integração de migrantes ou a falta de trabalho para os mais jovens, é essencial que as cidades tenham a capacidade de oferecer novas possibilidades de vida em comunidade.

IN: Será a disciplina Utopia, no sentido em que engloba domínios sociais inerentes à vivência urbana, essencial para a formação de uma geração cada vez mais tecnológica e com resultados cada vez mais imediatos?

FV: Sem dúvida. A Utopia enquanto metodologia de pensamento capaz de gerar narrativas exploratórias de novos caminhos, atribuindo aos cidadãos papéis de agenciamento, deve ser promovida e ensinada. Ela é prospetiva (obriga-nos a definir os objetos de desejo), crítica (leva-nos a refletir sobre os caminhos possíveis), holística (faz-nos compreender que as sociedades funcionam como sistemas e que, por isso, temos de ter sempre em consideração todas as consequências das nossas escolhas) e criativa (forçando-nos a procurar novas soluções, que muitas vezes passam por uma re-hierarquização das nossas prioridades). Trata-se de uma metodologia produtiva, com excelentes resultados educativos, como se pode ver com o projeto “Valongo, Cidade Utópica”, que o meu grupo de investigação (CETAPS / Utopia500) tem vindo a implementar (<https://www.utopia500.net/valongo>).

IN: No caso português, acha que existe um estigma no uso da palavra, e por consequência, uma falta de aproveitamento das capacidades que o estudo utópico possa proporcionar?

FV: Ainda há muita gente que utiliza a palavra “utopia” no sentido de “sonho não realizável”, mas acho que a ideia de Utopia enquanto potenciadora de uma transformação social com significado se tem vindo a afirmar em Portugal, em grande parte pela sua capacidade de penetração na Academia. A área dos Estudos sobre a Utopia é multidisciplinar, e o trabalho que tem vindo a ser feito por alguns centros de investigação portugueses tem alguma expressão internacional (cf. lista de publicações elaborada em 2016:<https://www.cetaps.com/arus-portugal/>)

IN: Tendo em conta o seu contributo para este estudo, o que falta esclarecer quanto ao tema? E se fosse possível, qual seria a sua visão de uma Lisboa Utópica?

FV: Ainda há muita gente que pensa na Utopia como uma grande narrativa que impõe objetivos que terão de ser alcançados e que, por essa razão, perfilha os receios que Karl Popper exprimiu em *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos*. Mas essa é uma obra de 1945, que tem de ser compreendida no quadro das percepções coevas de um pensamento utópico impositivo e estático. O que falta ainda fazer é passar a ideia de Utopia como desejo libertador, exploratório, pragmático, adaptável e mobilizador.

A “minha” Lisboa utópica é uma cidade ambiciosa na sua preocupação com os cidadãos, acolhedora, inclusiva, respeitadora do ambiente; que se oferece como um espaço onde os cidadãos se podem situar, identificar e relacionar, dando expressão às múltiplas camadas (sobrepostas, justapostas) em que desenvolvem a sua existência; que escapa a configurações estáticas e hierárquicas – sugerindo novas possibilidades sem contudo as impor; que não esmaga mas antes liberta e inspira à imaginação, criatividade e inovação; que presta especial atenção às questões de mobilidade e co-dependência e sabe integrar harmoniosamente as novas tecnologias; que tem consciência do passado sem contudo a ele ficar presa; e que prepara o futuro assumindo a sua condição de cidade porosa, acolhedora de heterotopias transformadoras.

A arquitetura tem, sem dúvida alguma, um papel vital a desempenhar no desenho desta cidade: uma arquitetura ambiciosa, heterotópica, porosa. Uma arquitetura empenhada numa relação dialética com os indivíduos e os lugares: que se afirma pela sua capacidade transformadora, não esquecendo nunca o desígnio de se deixar apropriar, transformar e renovar.

Anexo B - Entrevista realizada ao Doutor Teixeira Coelho

IN: Quais as características de uma ideia utópica? Para que serve?

TC: Há, no ser humano, um programa central a comandar suas principais ações: viver melhor, se possível viver para sempre – em todo o caso, viver mais tempo na melhor condição possível. Esse é o programa central que o ser humano busca “rodar” neste imenso computador que é o mundo dentro do universo. A esse programa dá-se o nome de utopia. A ideia de utopia serve para o homem recordar-se constantemente desse programa (anteriormente, em tempos mais soltos, dizia-se “projeto”) e serve para que ele experimente cenários, como se diz, daquilo que poderia vir a ser. Essas experiências o homem realiza em situação de realidade virtual, quando pode verificar as possibilidades, as marcas positivas e negativas e os impasses do que projeta antes de passar para sua concretização. Um arquiteto, por exemplo, rodará num computador uma possível solução arquitetural ou urbanística de modo a examinar como ela se comporta sob tais e tais ângulos, em tais e tais condições climáticas, urbanísticas ou outras. Um escritor experimenta no papel (ou no arquivo doc de seu programa Word) as possibilidades da utopia que imagina. A utopia é um ensaio geral anterior à execução do projeto. O problema é que no papel tudo parece funcionar bem (o arquiteto parece ter mais condições de experimentar com o real possível caso alimente seu programa com todas as variáveis perceptíveis, o que o escritor nem sempre faz).

Mas, atenção: as palavras sempre nos dizem, se nela soubermos ler, o que de fato significam. Utopia significa lugar algum, nenhum lugar. Em outras palavras, a utopia não existe e não pode existir. Se vier a existir, será necessário atribuir-lhe nova designação. É uma questão de ética da terminologia: cada termo aponta para um objeto fora dele, de tal modo que, mudando-se o termo, deve-se mudar o objeto e, alterando-se o objeto, deve-se alterar o termo. A utopia não se concretiza jamais. É uma miragem a perseguir. A cenoura à frente do burro. Se lograr existir, não será utopia. No caso feliz, será a eutopia, o lugar do bem-estar, o lugar bom, o lugar da comodidade, do bom ajuste. Como em eutanásia, a morte boa. E no caso infeliz, será a distopia. Esta é mais frequente do que a aquela. Todos os programas políticos, à esquerda e à direita do espectro ideológico, que lograram implantar-se, diziam-se animados pela ideia utópica – e nunca entregaram nada que não fosse a mais obscura distopia. A ideia de utopia é o recurso humano diante do abismo do caos e da incerteza. O ser humano comum não pode viver em meio ao caos e à incerteza, precisa reduzi-la a níveis aceitáveis. Não pode tampouco viver em meio à ordem total e à certeza absoluta. No caos máximo não há vida, no oposto ao caos máximo –que é a ordem máxima—não há vida. Esse é um princípio inabalável da informação: os extremos se equivalem. O ótimo, que é o melhor nas circunstâncias existentes, está em algum ponto entre esses extremos. Na linguagem, por exemplo –considerando- se as línguas indoeuropeias--, a eutopia é função de uma ordem, o ponto onde termina o caos. A função da linguagem é permitir a melhor comunicação (uma utopia). Essa comunicação ocorre quando o caos, a incerteza é reduzida a algo entre 44 e 47% de uma mensagem. Quer dizer, 53-56% de ordem asseguram a comunicação, a utopia da comunicação. É um grau de utopia bem baixo... Talvez os defensores da utopia conseguissem algo mais concreto se abajassem o nível de sua expectativa: uma utopia a 53% já seria fantástico. Mas os fanáticos utópicos querem 100% -- e 100% é o desastre. Porque no máximo de inovação não

há comunicação, se se tratar de uma linguagem, assim como no máximo de inovação, não há vida. Do mesmo modo, com sinal contrário, no máximo de ordem não há vida. Utopistas baratos, horrorizados com a desordem das sociedades, querem a ordem – e a ordem máxima é a morte máxima. A cidade de Le Corbusier, que Niemeyer concretizou em Brasília, é a morte da cidade: aqui, a burocracia; ali, as compras; mais além, a moradia; mais além do além, a universidade; acolá, o esporte... Brasília é a negcidade. Ou era: o caos já toma conta dela – e parece que cidades que foram extremamente ordenadas têm menos anticorpos para combater o caos que se instala. Brasília nunca foi uma cidade, corre o risco de nunca ser uma cidade. Resumindo: a utopia é um exercício em realidade virtual daquilo que o ser humano gostaria que fosse. Quando esse projeto aterrissa na realidade, ele se transforma em eutopia ou em distopia. Esta é muito mais frequente do que aquela. Na verdade, a eutopia não ocorreu ainda, o que existe é um princípio eutópico com viés de alta (possibilidades de melhorar, de implantar-se) ou com viés de baixa. O Brasil é um país com viés de baixa, nesse sentido.

IN: Será possível haver um projecto utópico (cidade e arquitectura) que tenha sido construído? Que exemplo? Ou será um paradoxo impossível de realizar?

TC: Já mencionei Brasília acima. As pirâmides são exemplo do pensamento utópico que antecedeu sua construção. Não são utopia porque existem concretamente num lugar concreto; são ilustrações de uma eutopia desejada. Para mim, que não sou crente de coisa alguma, são distopias: são o lugar da morte, da anti-vida – e não me interessa se são a melhor arquitetura possível para aquele momento e aquela condição: não me servem de nada. Como já escrevi acima, a utopia não pode realizar-se porque ela não está em lugar algum, é um sonho, imaginário. Só pode existir como

eutopia ou distopia. O que se tem na maior parte das vezes, na maior parte da história, é a distopia. Há cidades melhores, melhores (Paris combina a ordem possível --o projeto-- e a diversidade que surge --o acaso) e piores (Calcutá, M'xico DF). A China está ensaiando a eutopia possível, veja Shenzhen, do outro lado do caos que é Hong-Kong. Conhece os planos e as realizações concretas da dupla Shusaku Arakawa e Madeline Gins? Se não, coloque os nomes num browser e reflita sobre o que encontrar. A Atlântida era a utopia urbana da antiguidade: chegou a existir? Foi destruída? Eldorado existiu? Ou é a cenoura que a inteligência artificial está agora colhendo? A cidade era a utopia do campo; hoje, o campo é a utopia da cidade – mas quando as pessoas forem para o campo, só encontrarão uma terra arada e desmatada... As mitologias dizem muito sobre o princípio utópico, não dá para pensar utopia em arquitetura e urbanismo sem o recurso à mitologia. E ao imaginário. E à literatura.

Escola de Tecnologias e Arquitectura
Departamento de arquitectura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitectura

Inês Costa Santos de Sousa Nascimento

Trabalho submetido como requisito parcial para obtenção do grau Mestre em Arquitectura

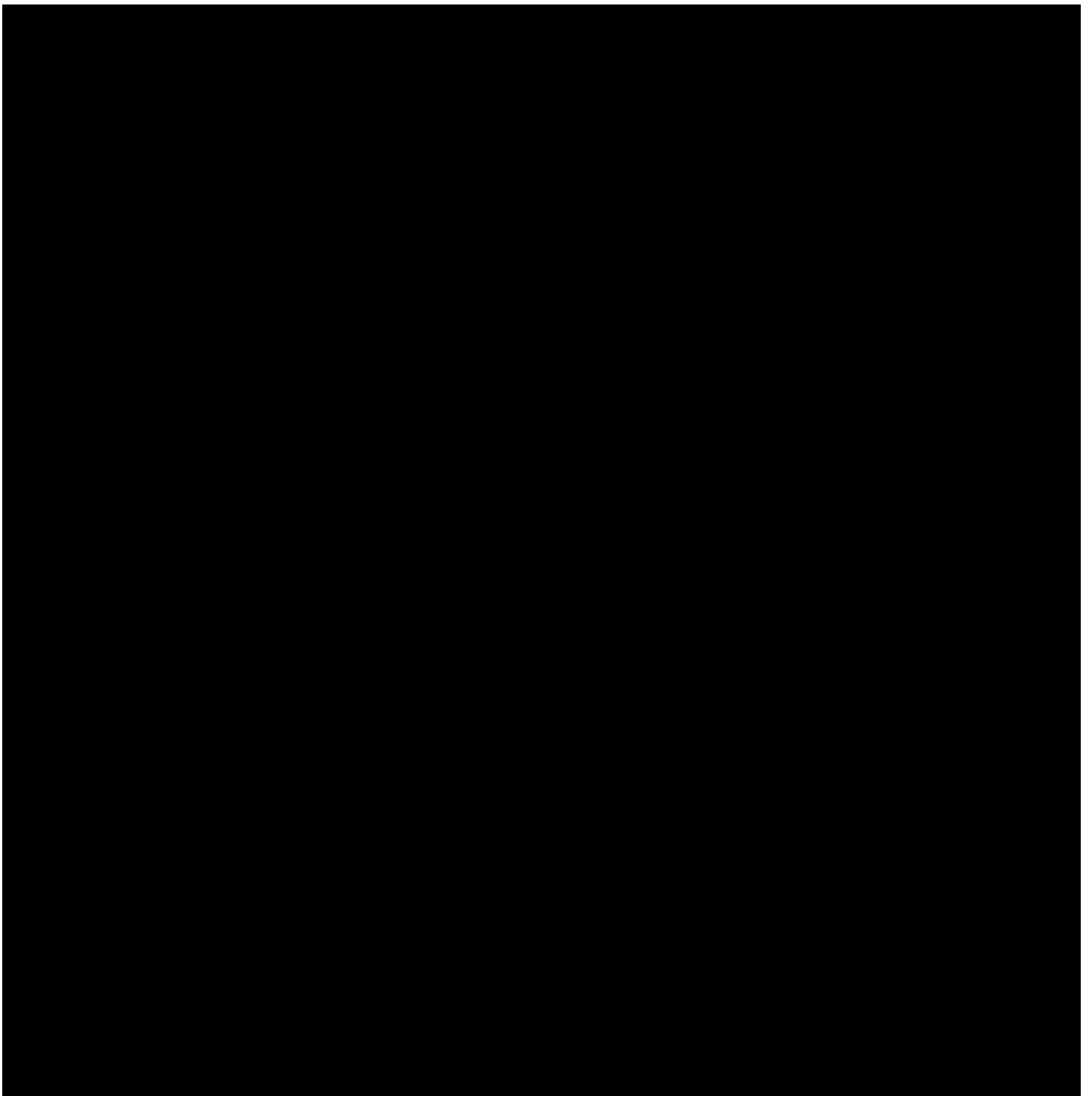
As Novas Portas de Lisboa 2029:
Algés (Uma Nova Centralidade)

Vertente Projectual

Orientador(a):

Professora Doutora Mónica Ribeiro Moreira Pacheco Navarro, Professora Auxiliar do
ISCTE-IUL

Outubro de 2019



Estratégia de Grupo
As Novas Portas de Lisboa 2029 : Algés
(Uma Nova Centralidade)

Índice

1 . Estratégia de Grupo

1.1.	Escala do Problema	11
1.2.	Realidades	14
1.3.	Criação de Modelos	17
1.4.	Princípios Estruturantes	21
1.5.	Cronologia e Localização	25
1.6.	Proposta Urbana	29
1.7.	Referências	33
1.8.	Resultados	37
2.	Estratégia Individual	
2.1.	Alterações Urbanas	41
2.2.	O Nome	43
2.3.	Sobre Algés	45
2.4.	A Praia	52
2.5.	A Ribeira	56
2.6.	A Praça de Touros	66
2.7.	A Estratégia	75
2.8.	O Projecto	92

Índice de Imagens

Imagem 1 : Imagem retirada do enunciado de Projecto Final de Arquitectura, Mónica Pacheco 2019

Imagem 2 : Diagramas

Imagem 3 : Fotomontagem Provocatória de 10 Torres das Amoreiras no parque de estacionamento do Iscte-IUL

Imagem 4 : Diagramas

Imagens 5 e 6 : Mapas de Análise

Imagem 7 : Diagramas

Imagem 8 : Diagramas

Imagens 9 e 10 : Mapas de Análise

Imagem 11 : Diagramas

Imagem 12 : Diagramas

Imagens 13 e 14 : Mapas de Análise

Imagem 15 : Diagramas

Imagem 16 : Diagramas

Imagens 17 e 18 : Mapas de Análise

Imagem 19 : Diagramas

Imagem 20 : Diagramas

Imagens 21 e 22 : Mapas de Análise

Imagens 23 e 24 : Mapa vde estações e Metro e Ilustração Programa Valis 1991

Imagens 25, 26 e 27 : Casos de Estudo

Imagens 28 : Mapa de Análise

Imagem 29 : Planta da Linha de Metro da Proposta de Grupo

Imagem 30 : Vista aérea de Algés 1942

Imagem 31 : Fotomontagem com Fotografia do Viaduto da CRIL em Algés (Triede), Fotografia da estrada da praia década de 40 (?)

Imagem 32 : Planta Altimétrica

Imagem 33 : Planta de Risco de Inundação

Imagem 34 : Planta do Sistema Rodoviário

Imagem 35 : Planta de Barreiras Físicas (CRIL e Linha Férrea)

Imagem 36 : Fotografia CRIL Monsanto 2019

Imagem 37 : Fotografia Linha Comboio 1940, Arquivo Municipal de Lisboa

Imagem 38 : Fotografia de António Passaporte, Praia de Algés, Anos 50

Figuras 39 e 40 : Fotomontagem da praia de algés com fotografias reais e Evolução Praia Algés (1938, 1971, 1993, 2019)

Imagem 41 : Planta Topográfica de Lisboa 1 C de 1908, com a ribeira de Algés e as Portas de Algés (actualmente CRIL) in

Imagem 42 : Fotografia da Ribeira, Portas e Ponte de Algés - CML

Imagem 43 : Fotografia do encanamento da Ribeira de Algés, 1957, in Arquivo CML

Imagem 44 : Fotografia Aérea 1848

Imagem 45 : Fotografia Aérea 1944

Imagem 46 : Cartas com a ribeira de Algés (1848, 1893, 1923, 1932 e 2019)

Imagem 47 : Situação actual da ribeira (encanada e a céu aberto)

Figura 48 : Ribeira a céu aberto no Parque Urbano de Miraflores

Figura 49 e 50 : Ribeira a céu aberto no Parque Urbano de Miraflores

Imagem 51 : Fotografia da Praça de Touros e ribeira de Algés - Gazeta de Miraflores

Imagem 52 : Fotografia da Praça de Touros 1930 - Manuel Barros Marques in AML

Imagem 53 : Fotografia da Praça de Touros 1930- Gazeta de Miraflores

Imagem 53 : Fotografia da Praça de Touros 1930- Gazeta de Miraflores
Imagem 54 : Fotografia da Praça de Touros - Gazeta de Miraflores
Imagem 55 e 56 : Fotografia da Praça de Touros vazia e com espectadores - Gazeta de Miraflores
Imagem 57 : Praça de Toiros, Algés, 1961 - Arnaldo Madureira, in arquivo CML
Imagem 58 : Fotografia da Demolição da Praça de Touros em 1974 - Gazeta de Miraflores
Imagem 59 : Fotomontagem
Imagem 60 : Planta da Estrutura Verde a ligar
Imagem 61 : Planta da Mancha Verde Proposta
Imagem 62 : Planta do Parque Urbano, Ciclovia, Linha do Comboio, Linha de Metro de Superfície e Estações (Miraflores e Algés)
Imagem 63 e 64: Vista da CRIL Monsanto com túnel e Vista da Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés
Imagem 65 e 66 : Fotomontagem da CRIL Monsanto com túnel e Fotomontagem da Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés
Imagem 67 : Fotomontagem conceptual do Parque Verde, da Ribeira e da Praia de Algés
Imagem 68 : Fotomontagem conceptual do Parque Verde, da Ribeira e da Praia de Algés
Imagem 69 : Situação proposta para a ribeira (encanada e a céu aberto)
Imagem 70 : Panorama de cheias ou inundações
Imagem 71 : Planta do Plano Estratégico
Imagem 71 : Fotomontagens de diversas possibilidades
Imagem 72 : Planta aproximada à Praça de Touros



NOVAS PORTAS CIDADE : LISBOA 2029



10

Imagem 1 : Imagem retirada do enunciado de Projecto Final de Arquitectura, Mónica Pacheco 2019

1.1. Escala do Problema

Colocada a questão da falta de 10 000 camas para os estudantes universitários de Lisboa este ano, 2019, e no contexto atual da cidade a nível socioeconómico (gentrificação como consequência da enorme especulação imobiliária devido à bolha de Turismo e a realidade atual do estudante ser o quarto como habitáculo), pretendemos perceber a escala do problema proposto - as dez mil camas em falta. Para tal utilizamos um edifício icónico de referência – uma torre do complexo das Amoreiras da autoria do Arq. Tomás Taveira – expoente da enorme densidade de construção no centro da cidade.

Com esta análise, seriam necessárias dez torres das Amoreiras (para uma média de 20 metros quadrados por estudante) para resolver as dez mil camas em falta, e concluímos que a escala da resposta não se adequaria a uma única intervenção - quer no espaço quer no tempo – nem tão pouco na cidade de Lisboa – já bastante consolidada e alvo de especulação – sugerindo então a Área Metropolitana de Lisboa (AML) como potencial zona de intervenção.



NÚMEROS ACTUAIS

ESTUDANTES LISBOA

117.800 ESTUDANTES TOTAL
48.500 ESTUDANTES CIDADE UNIVERSITÁRIA
30.000 ESTUDANTES SEM "CAMA"

ESTUDANTES DESLOCADOS

56.000 ESTUDANTES DESLOCADOS TOTAL
16.000 ESTUDANTES ERASMUS

UNIVERSIDADES

117.800 ESTUDANTES TOTAL
48.500 ESTUDANTES CIDADE UNIVERSITÁRIA
30.000 ESTUDANTES SEM "CAMA"

RESIDÊNCIAS

Nº RESIDÊNCIAS PÚBLICAS : 28 (2.427 Estudantes)
Nº RESIDÊNCIAS PRIVADAS : 106 (1.906 Estudantes)

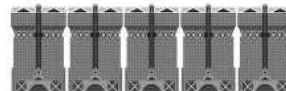
* Área de referência do plano e desta cidade



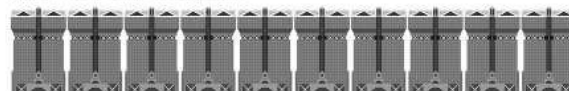
1º Piso (20m x 30m) = 1.226 m² = 61 camas (20m² cada)



15 Pisos = 1 T. Amoreiras = 20.200 m² = 1.100 camas (20m² cada)



90 Pisos = 6 T. Amoreiras = 110.500 m² = 5.512 camas (20m² cada)



100 Pisos = 10 T. Amoreiras = 202.000 m² = 11.020 camas (20m² cada)

Imagem 2 : Diagramas



Imagem 3 : Fotomontagem Provocatória de 10 Torres das Amoreiras no parque de estacionamento do Iscte-IUL

1.2. Preocupações e Realidades

De forma a entender esta área, tendo em consideração alguns fatores determinantes para o que estabelecemos ser a qualidade de vida de um estudante, tais como o Tempo (30 minutos no máximo em cada deslocação – total de 1 hora diária) e o Preço (evitar as zonas de grande especulação imobiliária e atualmente muito consolidadas).

Contemplámos paralelamente a este horizonte temporal alargado preocupações a nível Sustentável (Aquecimento Global, poluição e congestionamento automóvel, concentração de investimento, etc.) e á tendência de concentração da população nas ditas cidades (em 2050 prevê-se que mais de 80% da população irá viver em apenas 2% do território do planeta).

No contexto atual da mutação da cidade de Lisboa, interessou-nos a ideia de limite, não só da cidade convencional como também das áreas em maior transformação. O próprio programa proposto de residências universitárias é, a nosso ver, um catalisador desta mesma regeneração urbana. Tentámos encontrar uma zona in-between da cidade, entre a malha urbana extremamente consolidada e o Sprawl característicos das periferias com grandes urbanizações pós-Revolução 25 de Abril. É neste espaço sobranete e desconexo, normalmente limitado por grandes estruturas rodoferroviárias que tentamos estabelecer uma charneira de novas sinergias e ligações, promovendo a ligação das distintas realidades.



TEMPO LIMITE

30 MINUTOS

PONTO CHEGADA

CIDADE UNIVERSITÁRIA

COMBOIO

Linha Sintra cumpre até estação Monte Abraão
Linha Setúbal cumpre até estação Prazer
Linha Azambuja cumpre até estação Oriente
Linha Cascais não cumpre com o tempo

METRO

Linha Amarela é privilegiada
Linha Verde cumpre o tempo estúpida
Linha Azul cumpre até estação Carmo e
Linha Vermelha cumpre estação Oriente

BICICLETA

Raio de 6KM

A PÉ

Raio de 2,5 KM



PREÇO IMÓVEIS

COMPRA

Leiria	5.404 €
Oeiras	1.885 €
Amadora	1.305 €
Odivelas	1.369 €
Loures	1.591 €
Almada	1.339 €
Barcelos	854 €

ARRENDAMENTO

Leiria	9,62 € / m ²
Oeiras	7,40 € / m ²
Amadora	6,48 € / m ²
Odivelas	6,17 € / m ²
Lousã	6,10 € / m ²

Almada	6,00 € / m ²
Barcelos	4,55 € / m ²

■ 912 a 2315 €
■ 620 a 912 €
■ 440 a 620 €
■ 118 a 440 €

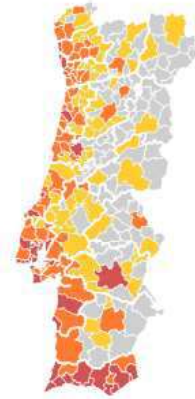
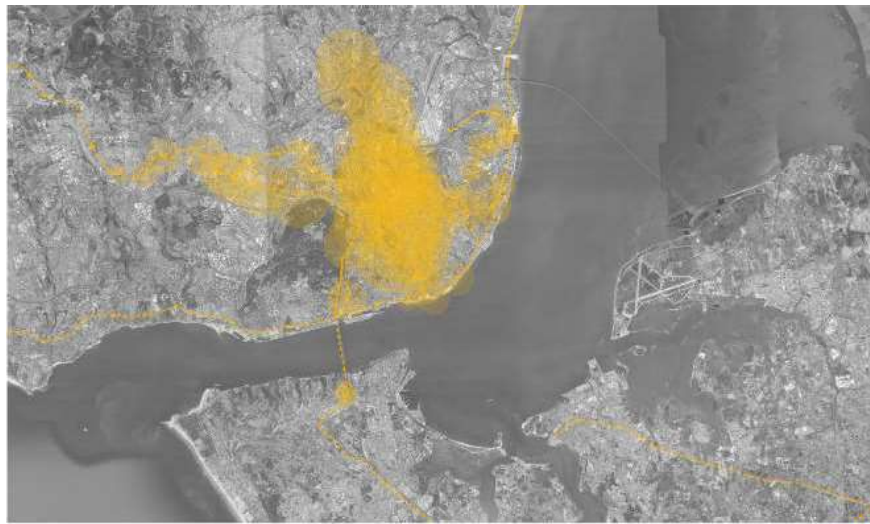


Imagem 4 : Diagramas



Imagens 5 e 6 : Mapas de Análise
16

1.3. Criação de Modelos

O resultado deste estudo direcionou-nos para limites ambíguos, tanto na coroa norte de Lisboa como nas zonas ribeirinhas da Margem Sul, sendo que esta última estará dependente da construção de grandes infraestruturas (Terceira e Quarta Travessias do Tejo e Aeroporto no Montijo).

Assim sendo, a nossa proposta implica respostas múltiplas e coordenadas, tanto a nível geográfico (criação de novas polaridades limítrofes), temporal (previsão do desenvolvimento de Lisboa com a construção pendente de grandes infraestruturas públicas) e de carácter programático (necessidades do local onde se insere e dos diferentes programas/ tipos de estudante).



Imagem 8 : Diagramas



Imagens 9 e 10 : Mapas de Análise

1.4. Princípios Estruturantes

Atualmente a nível de transportes, a distribuição da cidade de Lisboa funciona num sistema multilinear, ou seja, a rede de metro e comboio está desenhada com as suas conexões concentradas a Sul, não existindo qualquer eixo ligação entre as diversas linhas a Norte e Poente.

A nossa proposta de reestruturação da AML visa a transformação/criação de novos corredores ecológicos que incorporam as principais vias de distribuição periféricas. Criam-se assim dois anéis tangentes, um que atua na coroa periférica e outro que regenera uma área já consolidada do centro da cidade.

O Anel Periférico começa em Algés, com a introdução de um metro leve de superfície que facilita a mobilidade periférica, até então inexistente, com um grande corredor ecológico, prolongando-se pela CRIL até Sacavém atravessando o rio pela ponte Vasco da Gama seguindo pela frente ribeirinha da Margem Sul que vai até à Trafaria, onde a Quarta Travessia liga novamente a Algés.

O Anel Interno é também ligado por esta estrutura que volta a cruzar o rio pela Ponte 25 de Abril, reestrutura e suprime a linha de comboio pesado do centro de Lisboa até Chelas, onde encontra o projeto proposto da Terceira Travessia do Tejo que liga ao Barreiro e retorna à Ponte 25 de Abril num circuito é fechado.



TRANSPORTES PÚBLICOS

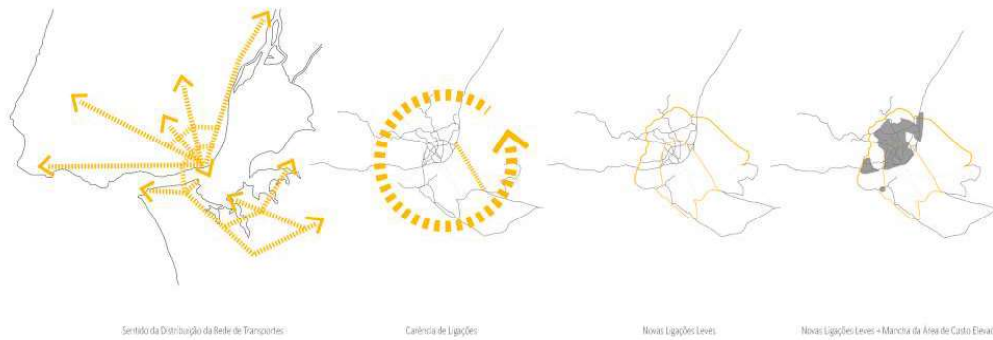


Imagem 11 : Diagramas



ESTRUTURA VERDE

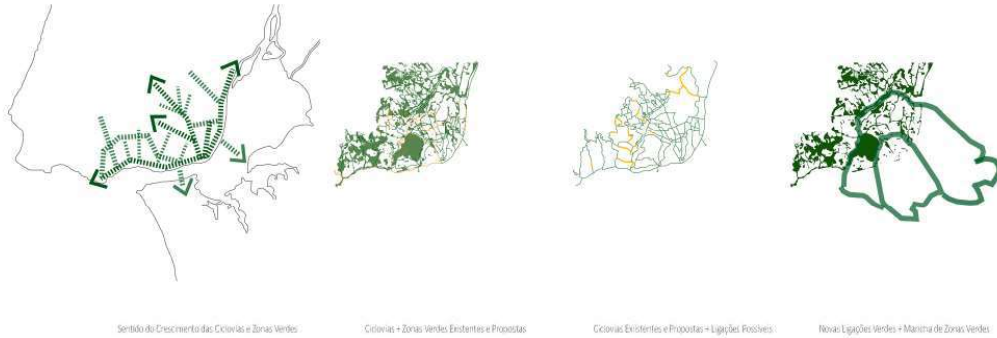


Imagem 12 : Diagramas



— Cor Verde estruturada e em expansão
— Populações e pontos

ESTRUTURA ECOLÓGICA



— Transporte Público (ônibus, metrô, trem)
— Transporte alternativo

REDE PÚBLICA



Imagens 13 e 14 : Mapas de Análise

1.5. Cronologia e Localização

Ao longo desta intervenção desenvolvemos vários ponto-chave que funcionam como interfaces e conectores urbanos, sendo estes o núcleo destas novas polaridades que visam regenerar estes territórios nomeadamente aos níveis:

- Programático de residência universitária e com um carácter público complementar que serve também a população;

- Mobilidade (ligação de dois transportes em massa, ciclovias, pedonais, bolsas de estacionamento, sistemas de car/bike sharing);

- Ecológico (corredor verde, ciclo da água, arquitetura biofílica, etc.);

- Unidade de paisagem urbana (boulevard periférica, hortas urbanas, referências no percurso na CRIL).



CRONOLOGIA URBANA

2022

Aeroporto Montijo
Expansão Metro - Linha Amarela

2025*

Anel Interior : Comboio para Metro Leve
Terceira Travessia Tejo Chelas - Barreiro

2027

Quarta Travessia do Tejo Algés - Trafaria
Expansão Total do Metro (Margem Norte)

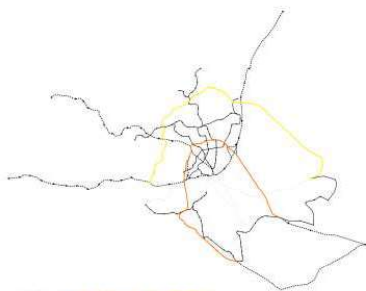
2029*

Anel Periférico : Implantação Metro Leve
Expansão Total do Metro (Margem Sul)

*data de referência



Lisboa 2019 - Anel Interior



Lisboa 2029 - Anel Interior e Anel Periférico

Imagem 15 : Diagramas



CRITÉRIOS DE LOCALIZAÇÃO

MOBILIDADE

Ligação a dois transportes em massa :

METRO / COMBOIO / METRO LEVE.

QUALIDADE VIDA

30 MINUTOS - CIDADE UNIVERSITÁRIA

INFRAESTRUTURAS PRÓXIMAS :

SUPERMERCADO, EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS, EDIFÍCIOS CULTURAIS.

ECOLÓGICO

LIGAÇÃO DE CICLOVIAS

CORREDORES VERDES

EXPLORAÇÃO DE FRENTES DE RIO

CONCEITO DE HORTAS URBANAS / REFLORESTAÇÃO

SOCIAL

INTEGRAÇÃO COM DIVERSAS CLASSES SOCIAIS

REGENERAÇÃO DAS PERIFÉRIAS - NOVAS POLARIDADES

PROGRAMAS DE APOIO A COMUNIDADES

ECONÓMICO

POTENCIAR MAIS VALIAS NOS DIFERENTES POLOS :

DESPORTIVO

FAMILIAR

ARTÍSTICO

TECNOLÓGICO

SOCIAL



▬ Perímetro Urbano
▬ Áreas Protegidas e Reservas de CDD das Propriedades
▬ Parque Urbano
▬ Áreas de Densidade

ESTRUTURA ECOLÓGICA



▬ Perímetro Urbano
▬ Áreas Protegidas e Reservas de CDD das Propriedades

CRONOLOGIA

Imagens 17 e 18 : Mapas de Análise

1.6. Proposta Urbana

Do ponto de vista urbano e pedonal, a CRIL funciona como uma “muralha contemporânea” da cidade e a nossa proposta visa redefinir as novas “Portas de Lisboa”.

Assim sendo, definimos 10 zonas fulcrais com maior carência a nível de ligações e serviços, tais como: Algés (conexão com Comboio – Linha Cascais, barco e 4ªTT), Miraflores (conexão com Metro Linha Vermelha), Damaia (Comboio Linha de Sintra), Amadora (Metro Linha Azul), Odivelas (Metro Linha Amarela), Camarate e Sacavém (Comboio Linha Azambuja e Metro Linha Vermelha). Na Margem Sul desenvolvemos os interfaces do Montijo (Aeroporto), Barreiro (3ªTT e TGV) e Pragal (Comboio Linha Setúbal).

Este é um sistema que permite no futuro, e consoante o desenvolvimento e dinâmicas da cidade, criar novas polaridades com distintos caracteres. Cria-se assim uma rede de subsistemas e centralidades programáticas (Social, Desportivo, Tecnológico, Artístico, Familiar, etc.) que têm influência sobre uma área bem mais vasta do que o próprio corredor programático proposto.



LIGAÇÕES METRO LEVE

SISTEMA RODOVIÁRIO

ANEL PERIFÉRICO

ANEL INTERNO

ALGÉS - Interface

Barco + Comboio (Linha Cascais) + Metro Leve

ODIVELAS - Interface + Residências

Metro (Linha Amarela) + Metro Leve

BARREIRO - Interface + Residências

Barco + Metro Leve

MIRAFLORES - Interface + Residências

Metro (Linha Vermelha) + Metro Leve

CAMARATE - Residências

-

ALMADA - Interface + Residências

Metro + Metro Leve

DAMAIA - Interface

Comboio (Linha Sintra) + Metro Leve

SACAVÉM - Interface

Comboio (Linha Azambuja) + Metro Leve

TRAFARIA - Interface

Barco + Metro Leve

AMADORA - Interface + Residências

Metro (Linha Azul) + Metro Leve

MONTIJO - Interface

Barco + Metro Leve

SISTEMA RODOVIÁRIO



CRIL - Vista do caíro



Bifurcações



Ocupação de Viadutos



Ruralidades



Urbanidade Miraflores



Curso de Água



Topografia e Paisagem



Novas Ligações Pesado - Leve



Megaestrutura Sacavém

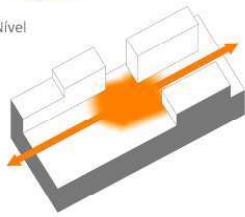
Imagem 19 : Diagramas



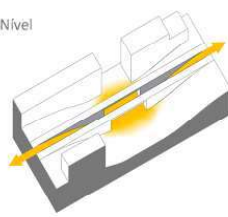
TIPOLOGIAS ESTAÇÕES

ANEL INTERNO

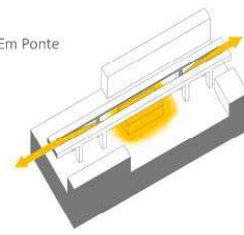
De Nível



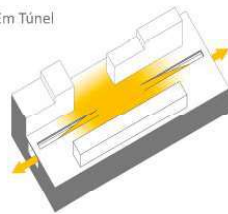
De Nível



Em Ponte



Em Túnel



Enterrada

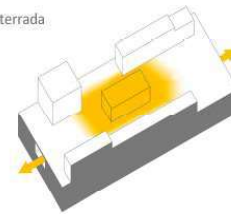
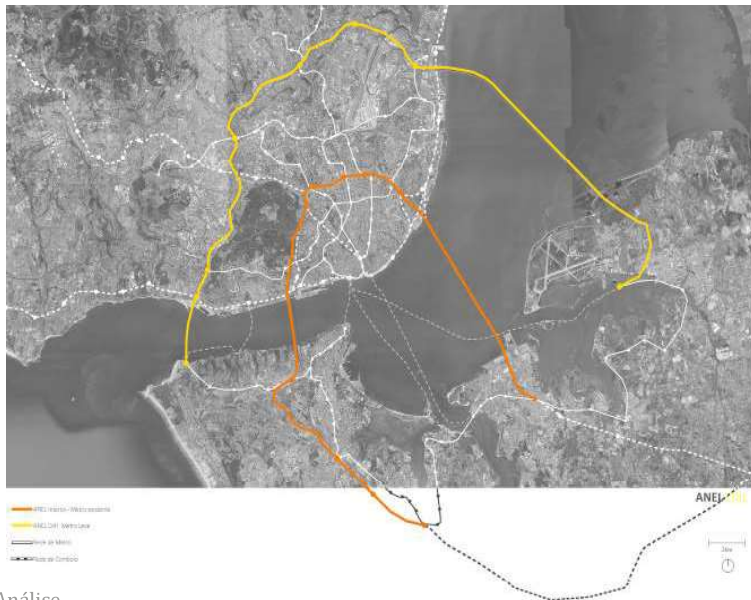


Imagem 20 : Diagramas



Imagens 21 e 22 : Mapas de Análise
32

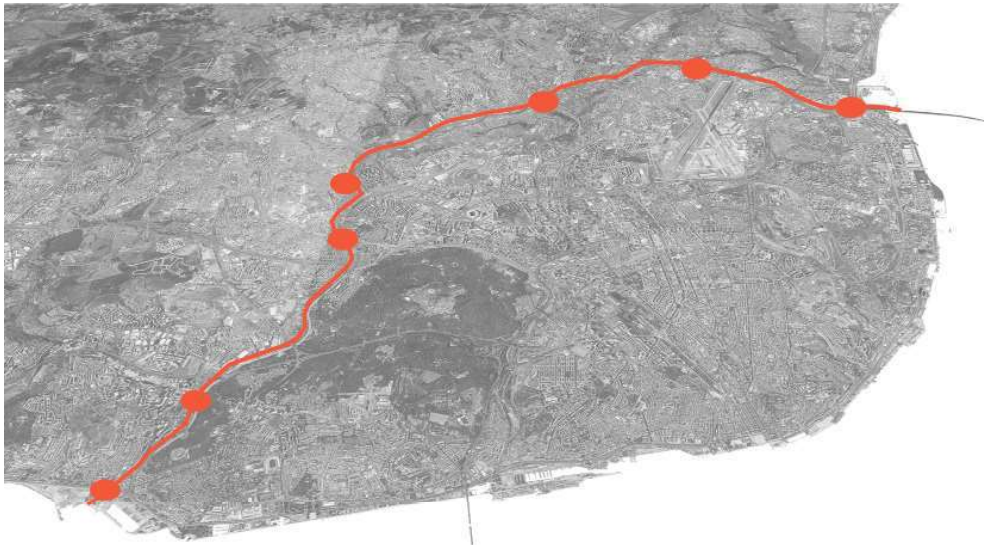
1.7. Referências

Como maior referência, estudámos o projeto Loop City dos BIG, onde uma grande infraestrutura urbana liga as periferias de Copenhaga, através de um transporte em massa, ganhando novas dimensões e adaptando a sua morfologia às diferentes realidades com que se cruza (rural, urbano, etc.).

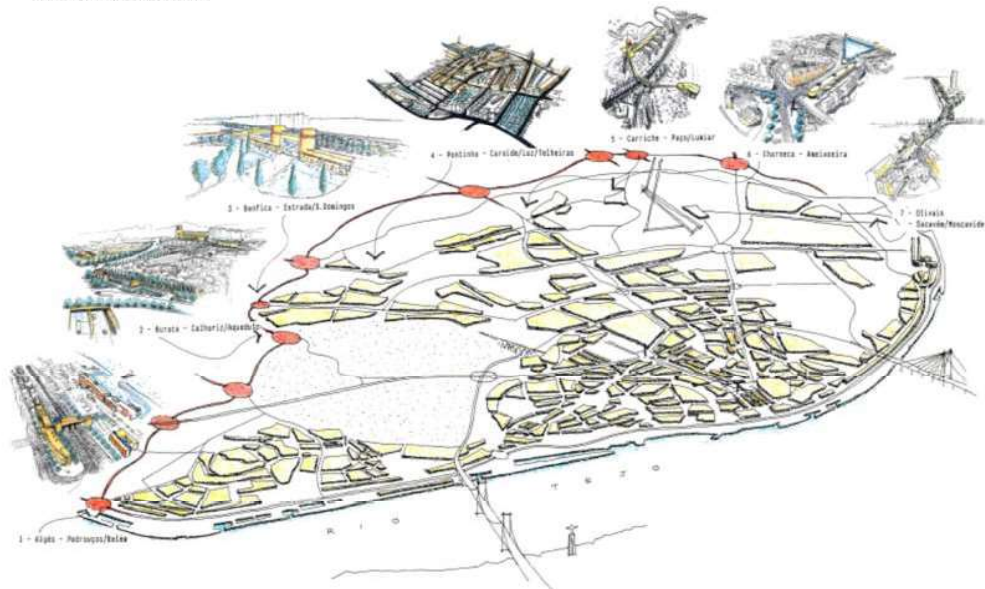
Também foi analisado o projeto Skygardem dos MVRDV, na Coreia do Sul. O aproveitamento da estrutura rodoviária para a implantação de um parque linear urbano, que proporciona uma nova experiência na cidade a nível social, estrutural e ecológico.

O projeto do Programa Valis intitulado As Portas da aldeia de Lisboa, propunha novas portas na cidade, quebrando o eixo da CRIL.

Já o projeto Segunda Circular de Nuno Raimundo resume-se na inserção de um metro leve nas faixas rodoviárias centrais da segunda circular. Este projeto teria como objetivo diminuir o congestionamento rodoviário criando uma expansão da rede metropolitana de Lisboa.



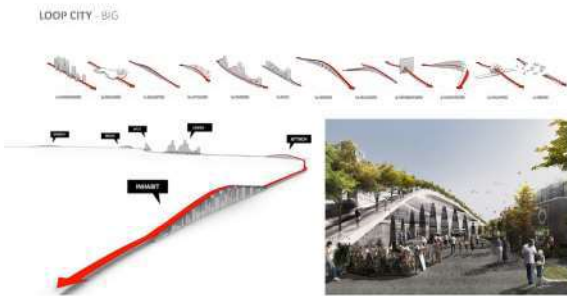
PTA - As Novas Portas de Lisboa - Lisboa 2020



Imagens 23 e 24 : Mapa de estações e Metro e Ilustração Programa Valis 1991



SEGUNDA CIRCULAR - MUNDO RAIMUNDO



Imagens 25, 26 e 27 : Casos de Estudo



Torre Amoreiras - Residências

ESCALA RESIDÊNCIAS



Imagens 28 : Mapa de Análise

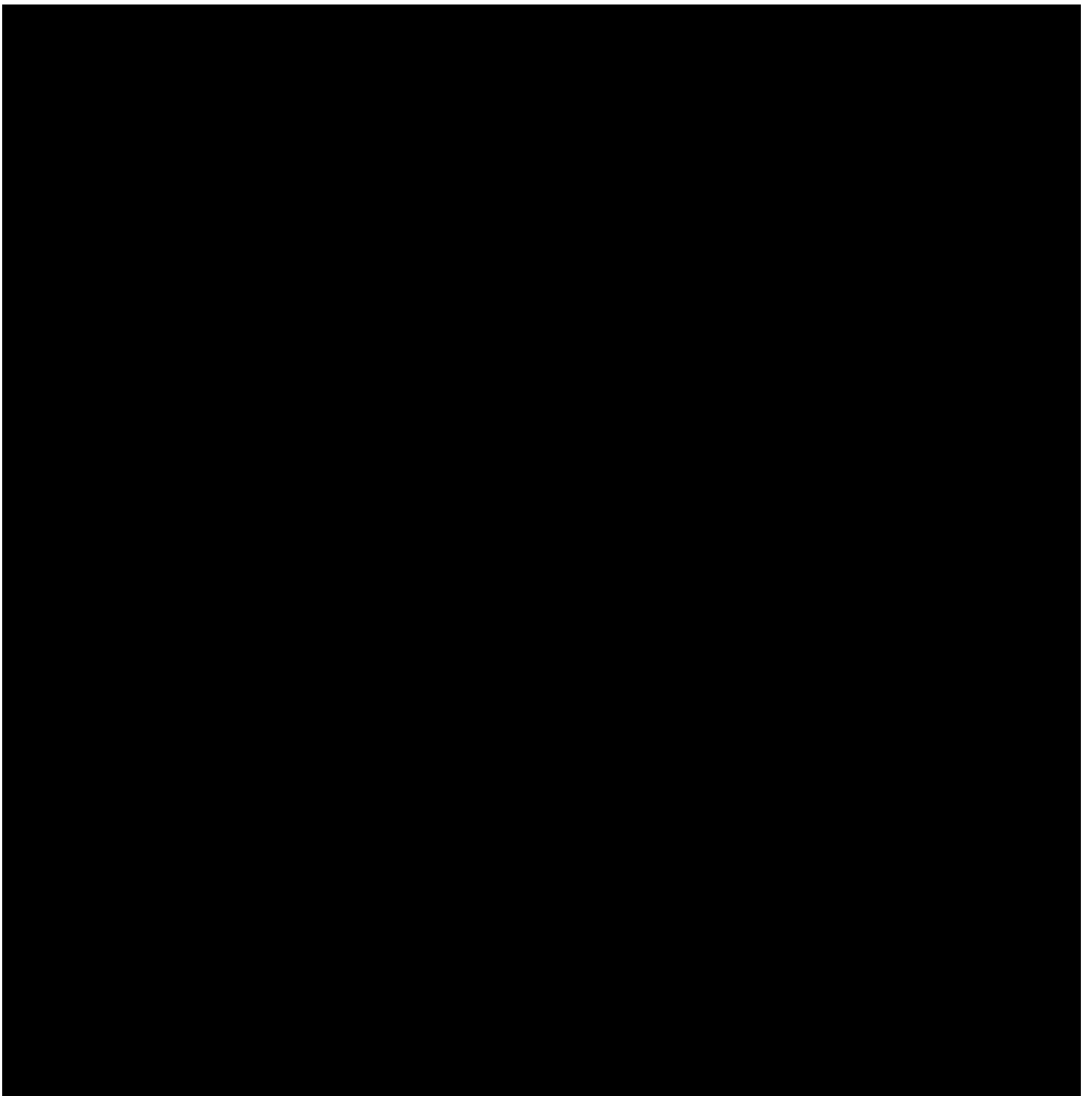
1.8. Resultados

Em suma, interessou-nos estudar a nova realidade e vivência do estudante universitário, não só a nível de ocupação de espaço e comunhão com os demais mas também a sua interação com a instituição Universidade, originando diversas respostas.

No fundo, pretendemos criar novas dinâmicas e conseqüentemente uma nova imagem em todo esse corredor de cintura de Lisboa, promovendo o seu atravessamento como uma nova experiência, tanto a nível de paisagem, como rodoviário, pedonal e ciclável. Esta grande artéria será também, a nosso ver, uma referência na expansão da cidade e catalisador de nova urbanidade.

Quisemos oferecer uma proposta que conjugasse um leque de sugestões globais que se adequassem à nossa realidade, à realidade nossos estudantes.

Um sistema que pudesse servir estes 10 000 alunos, mas que a cidade também pudesse tirar partido, sem sofrer conseqüências negativas. Quem sabe se em 2029 não será esta nossa proposta, uma realidade...



2 . Estratégia Individual



- 1 - Estação de Miraflores
- 2 - Estação de Algés

Imagem 29 : Planta da Linha de Metro da Proposta de Grupo

2.1. Alterações Urbanas

Depois da apresentação da proposta de global, é facto de que a estação de Algés ocuparia um lugar de extrema importância na estrutura que o novo metro leve da CRIL iria oferecer.

Não só é coincidente com a estação ferroviária de Algés, como se transforma nas portas de Lisboa de quem chega do Tejo, e a despedida de quem sai da cidade para cruzar o Tejo rumo à Trafaria.

Para além de ganhar estas novas definições, Algés também sofre uma enorme alteração. Tanto a CRIL como a linha férrea constituem barreiras impeditivas do contacto de Algés com Monsanto e com o rio Tejo, respectivamente. O troço da CRIL em tunel irá permitir, a sul, que o viaduto que cruza o nó na freguesia desapareça. Mas não é tudo. Com essa mesma alteração, a sul, a linha que separa Monsanto da cidade também poderá desaparecer, dando lugar a um espaço urbano que se estende até ao rio.

Algés poderá respirar de novo, e aqui surgirá uma nova centralidade.



Imagem 30. Vista aérea de Algeciras 1942

2.2. O Nome

“Não há uma certeza, embora prevaleça uma hipótese apresentada pelo arabista David Lopes (1867-1942) que fez derivar Algés de Algeç, que quer dizer gesso em árabe. Mas esta explicação é prejudicada pelo facto de a geologia da área nunca ter revelado nela a existência desse mineral, sulfato de cálcio hidratado, a partir do qual é produzido o gesso, que tem em Espanha o nome de yeso, mas também o de algez.

Uma outra explicação, podemos tentá-la se aproximarmos Algés de topónimos como Aljezur, no Algarve, Aljezar, Aljezares, Aljuicer, etc., em Espanha, e Argel, no norte de África, conjunto de nomes que os etimologistas fazem derivar do árabe aljazira, a ilha. Para Aljezur, que terá sido um porto de mar noutros tempos, essa ilha pode ser encontrada no tombo das terras do concelho, de 1684, que dá notícia de um “lizeirão de terra” no rio, ou esteiro, onde antigamente era o desembarcadouro. Ora, lizeirão, ou lezirão, bem como lezíria (inicialmente algizira), lezira, e ainda o termo alजार, referem-se a terras baixas e alagadiças, como as que conhecemos no Tejo, são palavras provenientes também do árabe aljazira. Quanto a Algeciras, deve o seu nome a uma ilhota existente na sua baía. E Argel, teve até 1520, diante da cidade, uma série de ilhotas que acabaram por ser ligadas a terra e a que se dava em árabe o nome, um plural, de “aljazair” - as ilhas.

Esta hipótese de o nome de Algés poder assim pressupor qualquer espécie de ilha fluvial que tenha existido nas suas imediações, afigura-se naturalmente estapafúrdia, mas talvez não tanto, se já tivermos ouvido falar na dinâmica flúvio-marinha, transporte e acumulação de sedimentos fluviais, etc. Um esteiro — braço de mar ou de rio, navegável pela terra dentro — que terá havido em Aljezur, e existiu no rio Jamor até ao terramoto, de 1755, pode também ter precedido o trajecto final da ribeira de Algés, hoje tristemente encanada. E nesse esteiro ter sobressaído algum cabeço, banco areia, ou ilhéu, constituído por sedimentos fluviais, que no tempo da ocupação árabe teria motivado o nome de Algés, ou então, em frente ou perto foz da ribeira. Porque não?

Ou quantos algesinos, entre os menos idosos, saberão que o Jamor já teve sua foz diante do palácio Ribamar, onde hoje está instalada a Biblioteca Municipal de Algés? E saberão os nossos leitores que a ribeira de Algés, outrora caudolosa no Inverno, chegou a desembocar, na segunda metade do séc. XVII, diante do Mosteiro do Bom Sucesso, em Belém, área em que causou danos o originou o assoreamento do braço de rio entre a Torre de Belém e a terra, por onde, antes, podia passar uma caravela?

Não julguem, pacientes leitores, que estamos delirando! Desse comportamento anômalo do Jamor apresentamos aqui, como prova irrefutável, uma fotografia aérea feita no verão de 1944, para o então chamado Instituto Geográfico e Cadastral, e na qual se vê a ribeira, encaixada entre a orla ribeirinha e uma grande língua de areia que prolongava a praia Cruz-Quebrada até diante da praia de Algés. Situação idêntica motivada pela dinâmica flúvio-marinha explicará a chegada da corrente da ribeira de Algés a Belém.”

(Jaime Casimiro - “Elucidário de alguma Oeiras”, 2010)



Imagem 31 : Fotomontagem com Fotografia do Viaduto da CRIL em Algés (Triede), Fotografia da estrada da praia década de 40 (?)

2.3. Sobre Algés

Algés é a sede da União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada Dafundo. É também a porta de entrada do concelho de Oeiras para quem chega de Lisboa, e dada a sua proximidade e acessibilidade, foi dos primeiros lugares do Concelho de Oeiras a transformar-se em área residencial de grande densidade.

A origem de Algés remonta ao tempo da ocupação árabe, tendo sido ocupada primeiramente na zona hoje conhecida por Algés de Cima. As principais atividades desenvolvidas eram a agricultura, que iriam abastecer a zona de Lisboa. A ocupação dos terrenos da encosta até ao vale da Ribeira de Algés dá-se por volta do século XVI, momento em que se inicia a construção de fortificações ao longo da margem direita do Rio Tejo.

O aterro de 1890, destinado à instalação da via-férrea, criou as condições para a ocupação da parte mais baixa de Algés, dinamizando o crescimento deste aglomerado urbano. Por esta altura, Algés começa a ser procurada por banhistas, como local para recreio e lazer, consequência da melhor acessibilidade.

O nascer da linha do comboio (1889) e a do eléctrico (1901), a abertura de avenidas na baixa de Algés e pela construção da Estrada Marginal nos anos 40, todos estes factores foram responsáveis pela promoção da sua ocupação urbana e pela definição do perfil funcional deste lugar (União ALCD). No ano 2000, foi construído o viaduto da Cril sob o nó de Algés.



Imagem 32 : Planta Altimétrica

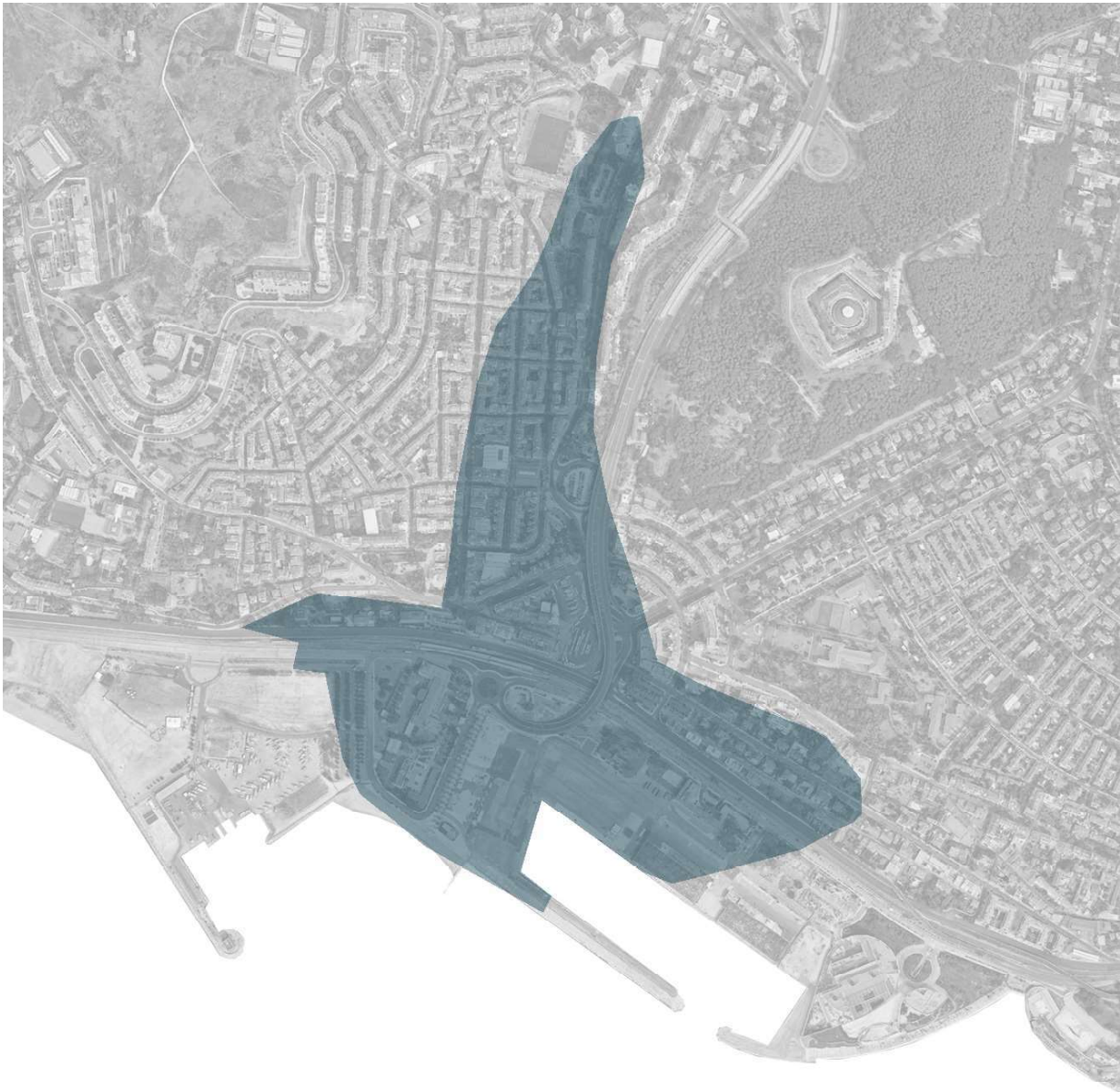


Imagem 33 : Planta de Risco de Inundação



Imagem 34 : Planta do Sistema Rodoviário



Imagem 35 : Planta de Barreiras Físicas (CRIL e Linha Férrea)



Imagem 36 : Fotografia CRIL Monsanto 2019



Imagem 37 : Fotografia Linha Comboio 1940, Arquivo Municipal de Lisboa

2.4. A Praia

Chega o mês de junho
E logo o sol nos vem chamar
São as férias grandes a chegar
Vamos embora!
Vai toda a família
P'ra uma estância balnear
Dolce fare niente, descansar...
Ai, é tão bom molhar os pés
Em Pedrouços ou Algés
Céu azul, sol a queimar
E um amor à beira mar!
Quem quiser a vida boa
Só precisa ter à mão
As praias de Lisboa
E um amor no coração!
Todas as manhãs
Lá vamos nós para o areal
Com as tias e as criadas de avental
Vamos a banhos!
Entra o mês de Agosto
Dias lindos, de água e sal
E à noite há sempre um baile ou um sarau
Quem quer ir folgar
Para a Côte de'Azur ou p'ra Capri
Com as praias de Lisboa logo aqui?
Onde é que há no mundo
Água como a do Dafundo?
Transparente e salutar
Tem rio e tem mar!
Já nem vale a pena
Ir para o Estoril ou para Cascais
Se as praias de Lisboa
Juntam muito mais casais!
E assim, com mil doçuras
Foi passando mais um verão
Adeus, até para o ano!
Outra paixão!
(Gimba - As Praias de Lisboa)



Imagem 38 : Fotografia de António Passaporte, Praia de Algés, Anos 50

2.4. A Praia

Até à década de sessenta do século passado, altura em que foi construída a ponte sobre o rio Tejo, a praia de Algés era uma das mais concorridas dos lisboetas. O comércio local desenvolveu-se (também) graças aos banhistas.

Formada por um areal que se estendia até à cruz quebrada, a praia de Algés era atravessada pela ribeira de Algés que ali desaguava, encanada . Da antiga praia resta atualmente uma fraca e solitária tira de areia junto ao acesso ao viaduto.

O costume de ir a banhos surgiu a partir de meados do século XIX, primeiro pelas famílias brguesas que construíram nas suas proximidades os seus palacetes e residências de verão, e depois pelas as classes populares que podiam assim usufruir de um lazer barato. (Carlos Gomes)

A praia de Algés desapareceu ao longo do tempo, tendo-se tornado um fanstasma para quem por lá (ainda) passa.



Figuras 39 e 40 : Fotomontagem da praia de algés com fotografias reais e Evolução Praia Algés (1938, 1971, 1993, 2019)

2.5. A Ribeira

“Expusemos nesta coluna a hipótese de que o nome de Algés pudesse provir de uma palavra árabe que queria dizer ilha e se explicasse pela existência, ao tempo da ocupação árabe, de uma qualquer formação de sedimentos fluviais, com configuração de ilha, no troço final da ribeira de Algés, que então estaria alargada em esteiro. Esteiro em que um desembarcadouro daria acesso mais fácil à antiga povoação de Algés. Essa espécie de ilha poderia eventualmente ter existido na foz da ribeira ou suas imediações, já no rio Tejo.

O fenómeno de geração de bancos e barreiras de areia, ou restingas, é aliás processo frequente nas margens estuarinas do Tejo, para o qual contribuem não só os sedimentos transportados pelas ribeiras, como também e sobretudo a movimentação de areias empurradas pelas correntes de maré e a refração de ondas oceânicas no interior do estuário. Cremos que assim se explicará a barreira de areia prolongando a praia da Cruz Quebrada até diante da praia de Algés, para onde se transferira a foz da ribeira do Jamor, como mostrava uma fotografia aérea de 1944, abaixo reproduzida.

Aliás, se observarmos documentação cartográfica antiga, concluímos que situações idênticas que nela aparecem assinaladas, com maior ou menor rigor, ocorreram no passado. Essa barreira de areia e o leito ocasional e anómalo da ribeira do Jamor, após o seu aterro, dilataram para o lado do Tejo o território da freguesia de Algés. Nessa nova área algesina encontramos agora a curiosa torre inclinada do Centro de Controlo do Tráfego Marítimo, o Instituto Nacional de Investigação Agrária e das Pescas, a Secretaria de Estado da Juventude e Desportos e um restaurante.

Também a ribeira de Algés passou, no século XVII, por aventura semelhante de alteração de curso. Com data de 3 de Outubro de 1675, a Câmara de Lisboa dirigiu uma “consulta” ao príncipe-regente D. Pedro dando-lhe conta do “dano” causado às «praias de Belém, com o qual estava quase de todo entupida a estrada pública (para Oeiras) e se iam arruinando os melhores edifícios daquele distrito, chegando já a perda ao real mosteiro de Belém» (Jerónimos) e informava que segundo o vereador do pelouro das obras, o rio de Algés, mudando o curso que levava antigamente, ocasionou toda esta ruína, porque desembocando junto ao Mosteiro do Bom Sucesso, acumulou grande quantidade de areia à Torre de Belém, naquele lugar por onde ia a corrente do Tejo, de modo que, passando antigamente entre a Torre e a terra uma cara-vela, hoje se vai da terra à Torre a pé enxuto, espraçando-se por este impedimento o rio sobre aquelas areias e fazendo sobre elas vários redemoinhos as levavam, deixando sem alicerce os edifícios e sem terra a estrada, e que o remédio só era tornar a encanar o rio de Algés, pela sua antiga corrente...” E porque a estacaria necessária para encanar o rio de Algés exigiria muita madeira, a Câmara pediu ainda ao Regente que ordenasse providências para a obtenção dessa madeira. Sua Alteza Real anuiu.

Ao pelouro das obras pareceu que se havia de “abrir a corrente do rio de Algés direito ao mar, fazendo uma estacada e acumulando a areia para a parte do curso que hoje tem”: Foi desse lado que, na área ganha ao rio, veio a surgir no século passado a Docapesca. Também muito mais tarde urna solução idêntica foi adoptada para o Jamor, embora com outros materiais, que não estacas de pinho.”

(Jaime Casimiro - “Elucidário de alguma Oeiras”, 2010)

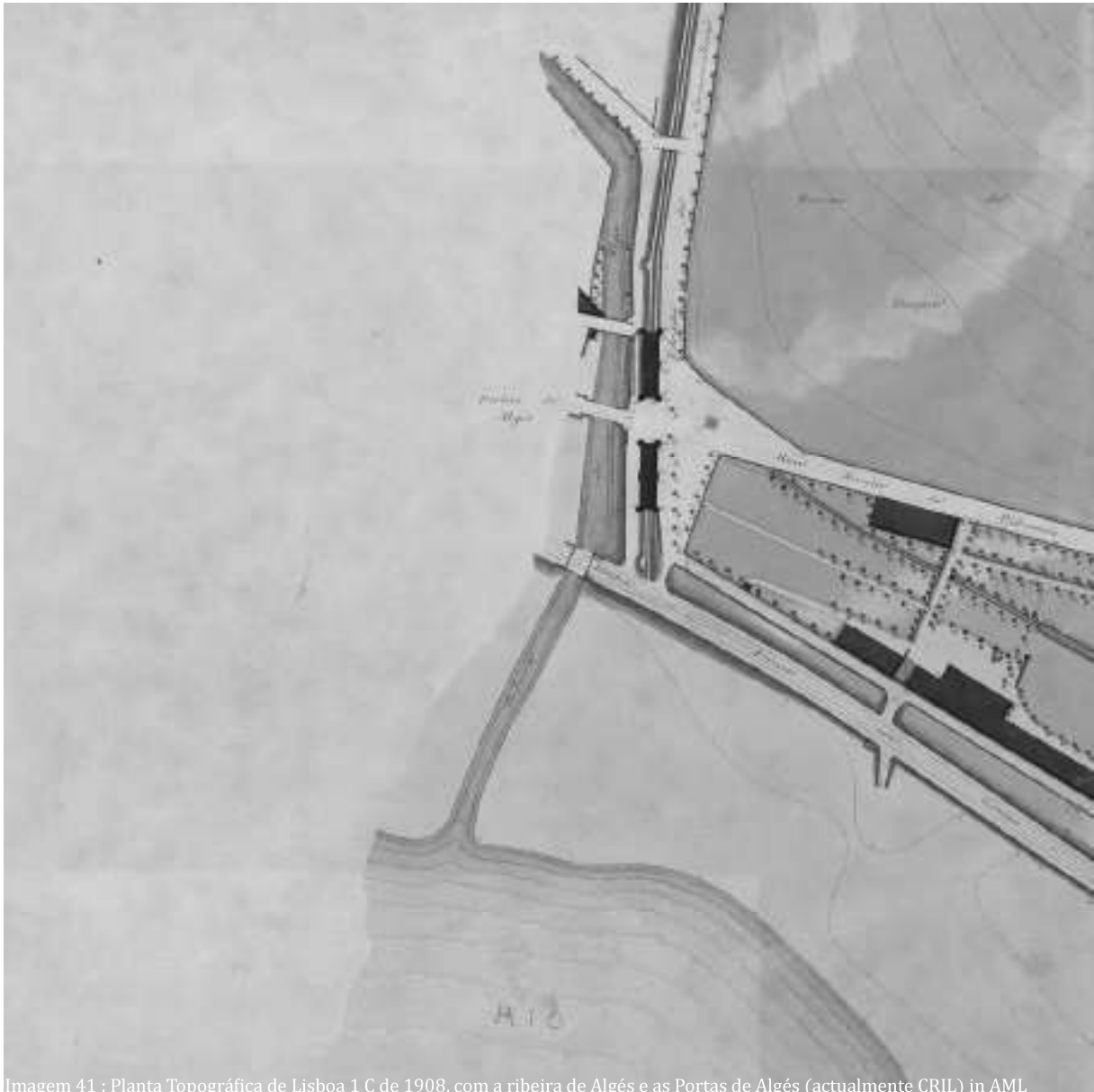


Imagem 41 : Planta Topográfica de Lisboa 1 C de 1908, com a ribeira de Algués e as Portas de Algués (actualmente CRIL) in AML



Imagem 13 - Fotografia da Ribeira, Portas e Ponte de Algés - CML

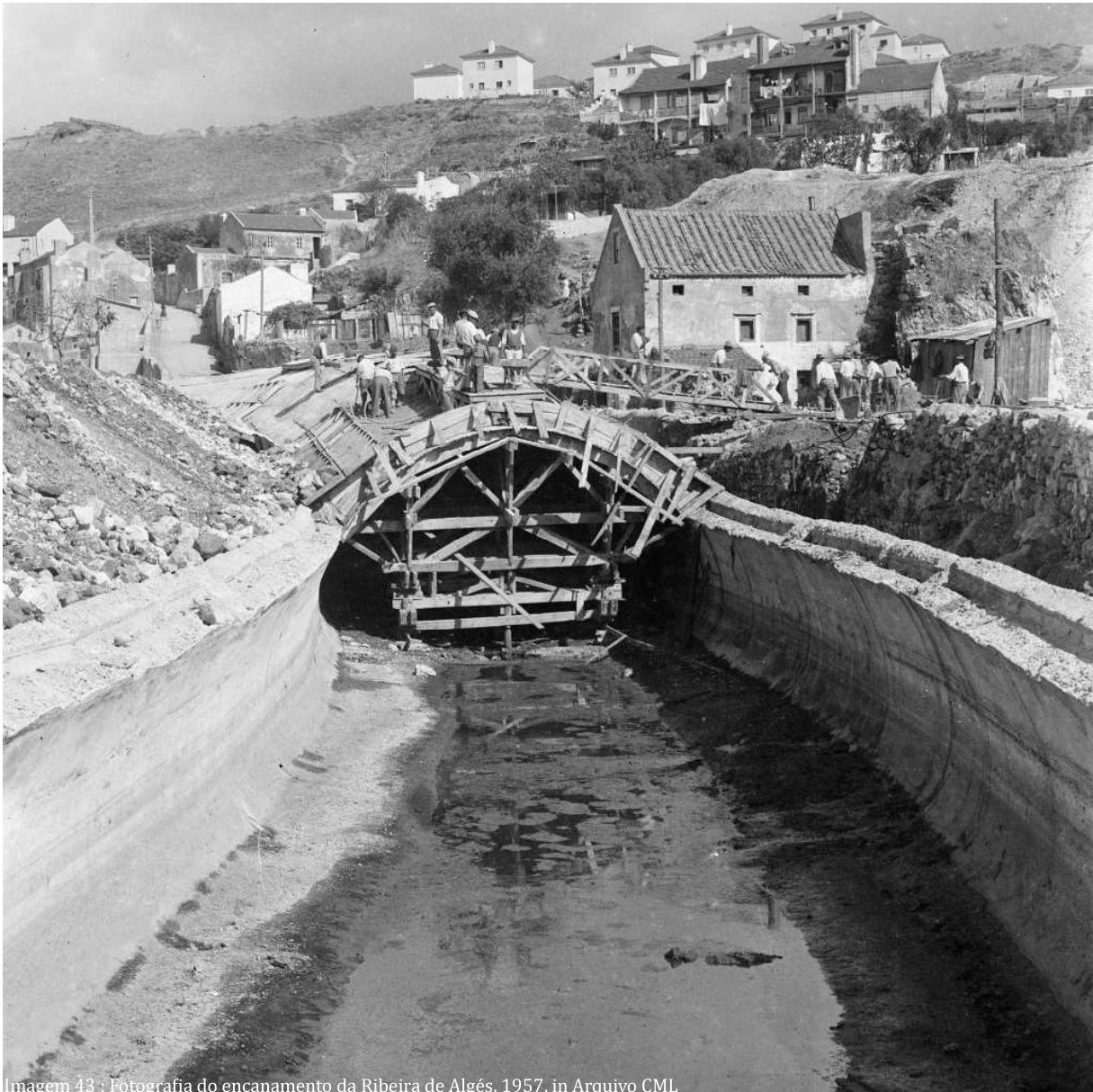


Imagem 43 : Fotografia do encanamento da Ribeira de Algés, 1957, in Arquivo CML

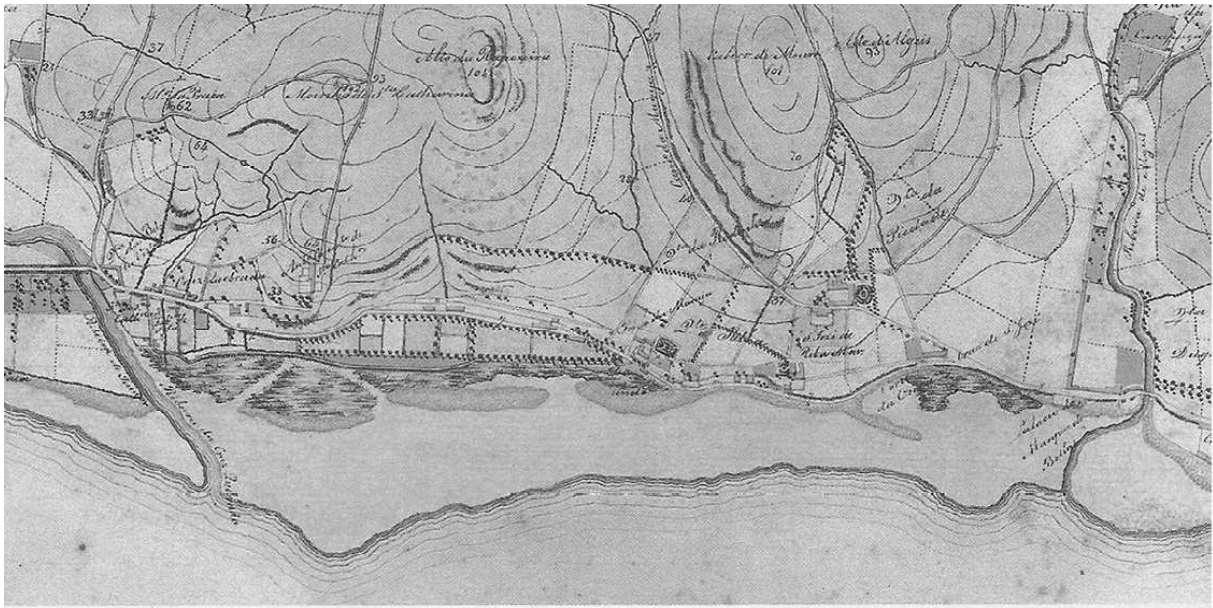


Imagem 44 : Fotografia Aérea 1848

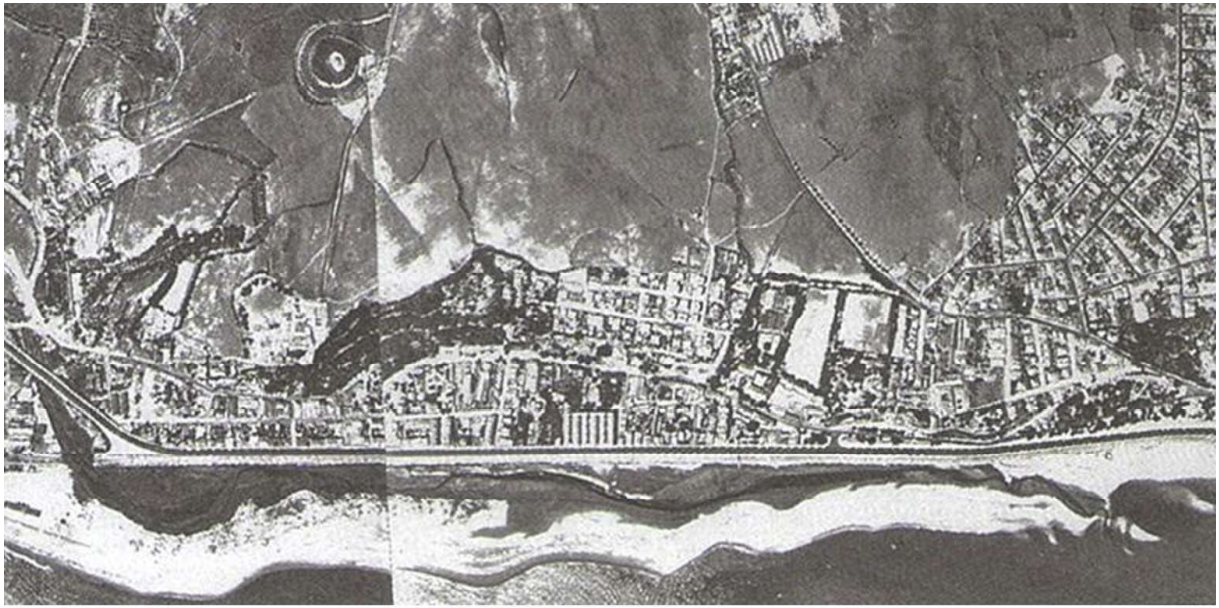


Imagem 45 : Fotografia Aérea 1944

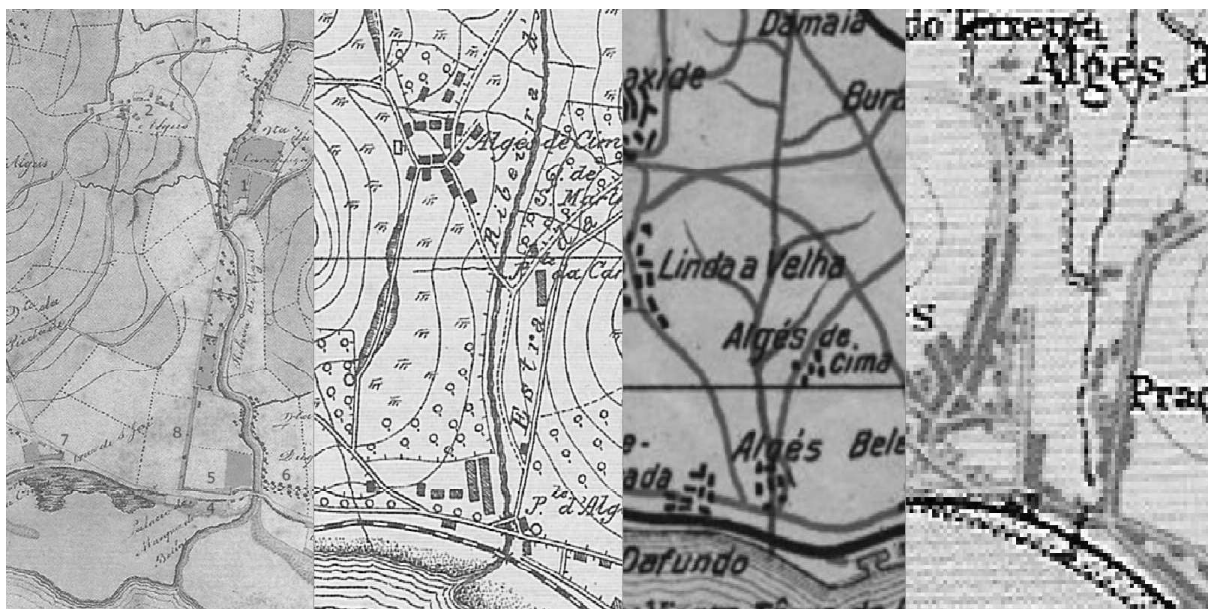


Imagem 46 : Cartas com a ribeira de Algés (1848, 1893, 1923, 1932 e 2019)



Imagem 47 : Situação actual da ribeira (encanada e a céu aberto)



Figura 48 : Ribeira a céu aberto no Parque Urbano de Miraflores.



2.6. A Praça de Touros

“ Vae construir-se muito brevemente em Algés ao norte da estrada real uma nova praça de touros. Consta-nos que será um vasto e bem construido circo. O seu custo está orçado em cinquenta contos de rês. A praça fica n' un sitio magnifico de onde se disfructa um lindo panorama de terra e mar – muito accessivel e para onde ha transportes faceis, commodos e baratos. Por tudo isto será ella 'preferida à do Campo Pequeno para onde os transportes são difficeis e caros.“
(A Gazeta de Oeiras, nº28, de 5 Novembro de 1893)

Inaugurada a 23 de Maio de 1895, e com capacidade para 7 500 espectadores, a Praça de Touros de Algés acabou por ser deixada ao abandono, acabando por se degradar e ser demolida em 1974.

“ Trabalha-se activamente nas obras d'esta praça afim de se poder dar a 1ª corrida no dia 23 d'este mez. O circo está elegantissimo. O seu risco é do distinto conductor o nosso illustre amigo o sr. Alfredo Bettencourt de Mello. É feito de cantaria e ferro tem 100 metros de raio e uma só ordem de camarotes. Circunda-o uma avenida de 20 metros de largura. Na sua construção foram introduzidos todos os modernos aperfeiçoamentos. O esplendido local onde está edificado, a facilidade de comunicações para lá e os atractivos do mar e da campina são de certo mais que muitos para atornarem a primeira praça de touros do paiz “
(A Gazeta de Oeiras , nº 107 de 12 de Maio de 1895)

Da praça, restou apenas uma rotunda de pó, que hoje em dia alberga uma “espécie de arena de automóveis” - um estacionamento privado. Actualmente o terreno foi adquirido pela Câmara Municipal de Oeiras, sem que se saiba ainda para que efeito.



Imagem 51 : Fotografia da Praça de Touros e ribeira de Algés - Gazeta de Miraflores

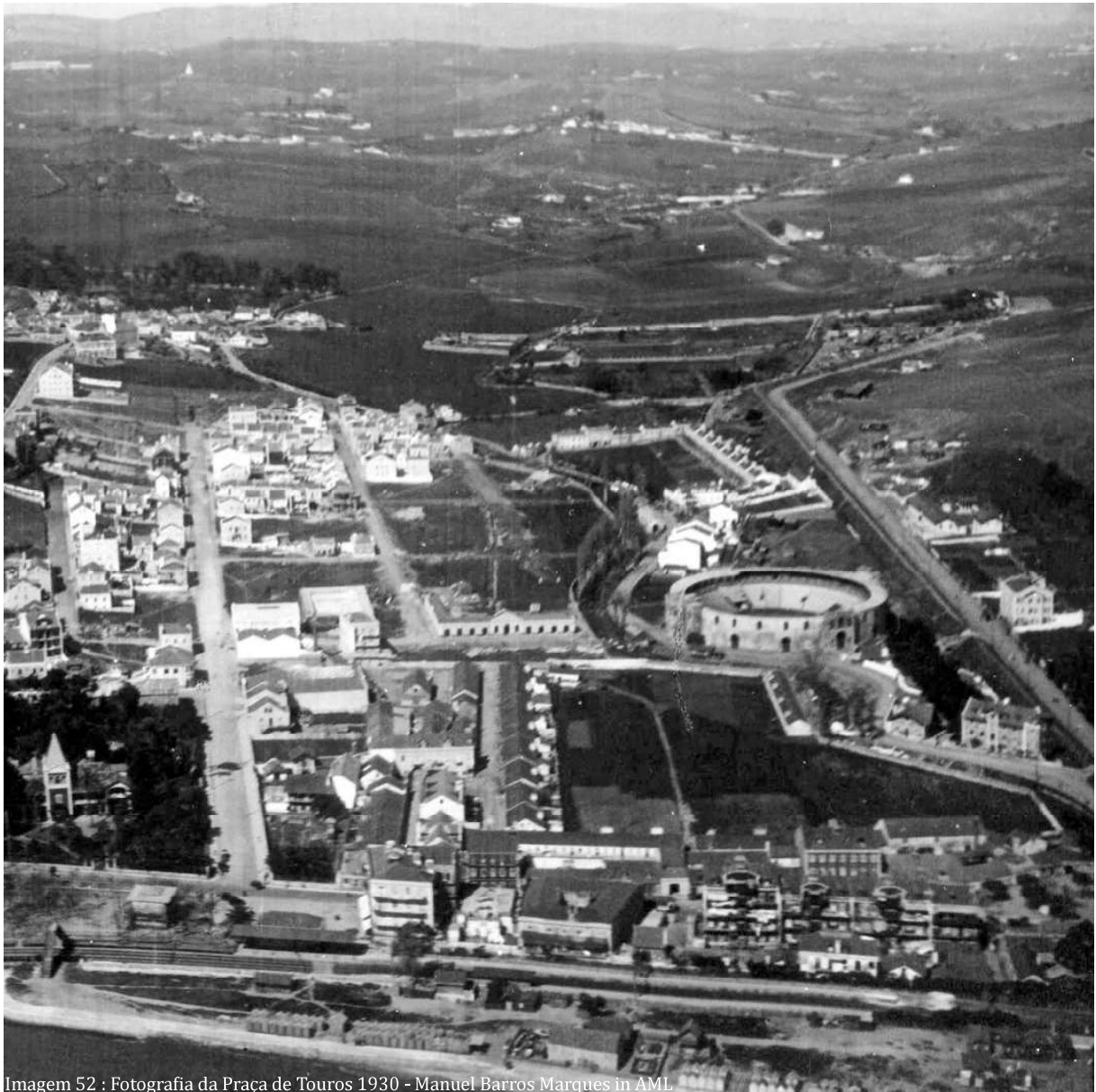


Imagem 52 : Fotografia da Praça de Touros 1930 - Manuel Barros Marques in AML



Imagem 53 : Fotografia da Praça de Touros 1930- Gazeta de Miraflores



Imagem 54 : Fotografia da Praça de Touros - Gazeta de Miraflores



Imagem 55 e 56 : Fotografia da Praça de Touros vazia e com espectadores - Gazeta de Miraflores



Imagem 57 : Praça de Toiros, Alges, 1961 - Arnaldo Madureira, in arquivo CML



Imagem 58 : Fotografia da Demolição da Praça de Touros em 1974 - Gazeta de Miraflores



Imagem 59 : Fotomontagem

2.7. A Estratégia

A estratégia para Algés parte de um devolver de referências e relações que Algés foi perdendo ao longo do tempo, mas que tem agora a oportunidade de recuperar não só em prol dos estufantes que poderão tirar partido desta mudança, mas também para os seus habitantes.

Pretende ser fiel aos princípios de regeneração urbana estabelecidos pelo plano proposto em grupo.

Surge então um novo Parque de Monsanto, um prolongamento deste que é o pulmão da cidade, criando novos espaços verdes de lazer e desporto, novos acessos e uma nova experiência.

Esta mancha regenerativa estende-se pelas suas ramificações até à Avenidados Bombeiros Voluntários (avenida essa que liga a estação de Miraflores à estação de Algés), transformando este eixo num boulevard verde, trazendo o eléctrico já prometido pela Câmara Municipal de Oeiras, criando assim uma nova dinâmica.

A Praça da Água, actual praça de algés que contém a estação de autocarros, ficariam com trânsito condicionado, permanecendo apenas a faixa de rodagem em volta dos limites da mesma para acesso de transportes públicos, biciletas e pessoas. O novo acesso ao interior de Algés seria feito pela Praça 25 de Abril e pela Rua Damião de Góis.



- 1 - Monsanto
- 2 - Parque dos Anjos
- 3 - Palácio Ribama
- 4 - Jardim de Algés
- 5 - Fundação Champalimaud
- 6 - Jardim da Torre de Belém

Imagem 60 : Planta da Estrutura Verde a ligar



- 1 - Linha Férrea - Metro Ligeiro
- 2 - CRIL descoberta
- 3 - CRIL enterada (tunel de travessia Algés/Trafaria)
- 4 - Novo viário a Algés (Praça 25 de Abril)
- 5 - Acesso a Algés ou Restelo (Rua Damião de Góis)
- 6 - Acesso Condicionado e paragem para autocarros

Imagem 61 : Planta da Mancha Verde Proposta

2.7. A Estratégia

Uma nova ciclovia é criada, indo ao encontro dos indicadores futuros que são cada vez mais visíveis hoje na nossa cidade.

Esta nova linha ciclável proporciona um novo desenho da cidade, criando novas dinâmicas e ligações, uma melhoria irrefutável não só para Algés, mas também para todas as zonas que a recebem.

O percurso para a bicicleta estende-se desde Linda-a-Velha, passa por Carnaxide, chegando a Algés que, por sua vez, distribui os utilizadores para o Restelo ou para a Avenida Marginal.

Esta nova inserção cria uma aproximação com o espaço urbano, com os parques e jardins existentes e propostos, e chega (quase) a tocar no rio Tejo.

Esta estratégia prevê que em 2029 o comboio da linha de Cascais tenha já sido alterado para metro leve ou qualquer outro meio de transporte eléctrico, retirando a barreira que hoje existe.



Imagem 62 : Planta do Parque Urbano, Ciclovía, Linha do Comboio, Linha de Metro de Superfície e Estações (Miraflores e Algés)



Imagem 63 e 64: Vista da CRIL Monsanto com túnel e Vista da Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés



Imagem 65 e 66 : Fotomontagem da CRIL Monsanto com túnel e Fotomontagem da Avenida dos Bombeiros Voluntários de Algés

2.7. A Estratégia

É também devolvida a praia a Algés, numa tentativa de recuperar a antiga linha de costa, com a inserção de um novo parque à beira do Tejo, com a possibilidade de receber novos programas de lazer, restauração ou feiras, e mantendo a aceitação de eventos que aí já sucederam (Volvo Ocean Race ou o Nós Alive, por exemplo). Uma reinterpretação das dunas de areia dá lugar a estacionamentos de bicilcetas que na sua cobertura oferecem pequenos miradouros do rio.

No seguimento desta vontade de abraçar a natureza e as mais valias que Algés tem por perto (ou por baixo), a ribeira de Algés volta a renascer e torna-se limpa a céu aberto desde a Praceta Manuel Martins até ao Tejo.

Ao longo das suas margens, um novo percurso pedonal é criado para reforçar este contacto privilegiado com a água e com o parque.



Imagem 67 : Fotomontagem conceptual do Parque Verde, da Ribeira e da Praia de Algés



Imagem 68 : Fotomontagem conceptual do Parque Verde, da Ribeira e da Praia de Algés

2.7. A Estratégia

A ribeira é encaminhada por pequenos muros, muros esses que podem desenhar apenas um curso de água, ou pequenas piscinas que podem servir ao seus visitantes, ou a organismos que se possam eventualmente desenvolver.

Este novo espaço é protegido por dois braços programáticos que se materializam em diversas hipóteses : balneários de apoio à praia e ao parque do Tejo, postos de informação, instalações sanitárias, pontes, bancos, rampa de acesso à cota da ribeira, escadas, etc.

Esta estrutura é desenhada a oeste como o pontão já existente, prolonga-se até à praça da água, e volta a este com uma espessura mais expressiva, dando lugar a um possível hotel e estação fluvial.

No caso de cheias ou inundações, estes braços protegem as margens de Algés onde toca, criando uma imagem de doca, ou ponto de encontro entre a ribeira e o Tejo.



Imagem 69 : Situação proposta para a ribeira (encanada e a céu aberto)



Imagem 70 : Panorama de cheias ou inundações

2.7. A Estratégia

O terreno e a memória da antiga Praça de Touros são recuperados, uma vez que este é nó de união de ciclovias a norte, o ponto de contacto do Metro proposto com Algés e possibilita um acesso directo ao novo tunel de travessia do Tejo.

Alguns arranjos urbanos são feitos ao longo do plano urbano, um volume estreito dedicado à habitação remata a Avenida dos Bombeiros Voluntários; com um desenho clássico, dois conjuntos habitacionais ladeiam as margens da ribeira; outros dois fecham a nova Praça da Água; e um edifício de escritórios surge junto à marginal.

Os armazém da Docapesca seriam reabilitados, podendo receber um centro náutico, usufruindo de uma piscina natural do mesmo tamanho das suas implantações.

Também na margem oeste, no limite do areal, são propostos dois pequenos programas de apoio à doca dos pescadores, podendo receber uma lota e um restaurante, ou possíveis serviços de apoio à área balnear.

Este pensamento global pretende um reconhecimento da história e raízes do local onde se insere, uma partilha de oportunidades para os novos estudantes e para todos aqueles que quiserem usufruir deste novo polo dinamizador.





Imagem 71 : Fotomontagens de diversas possibilidades

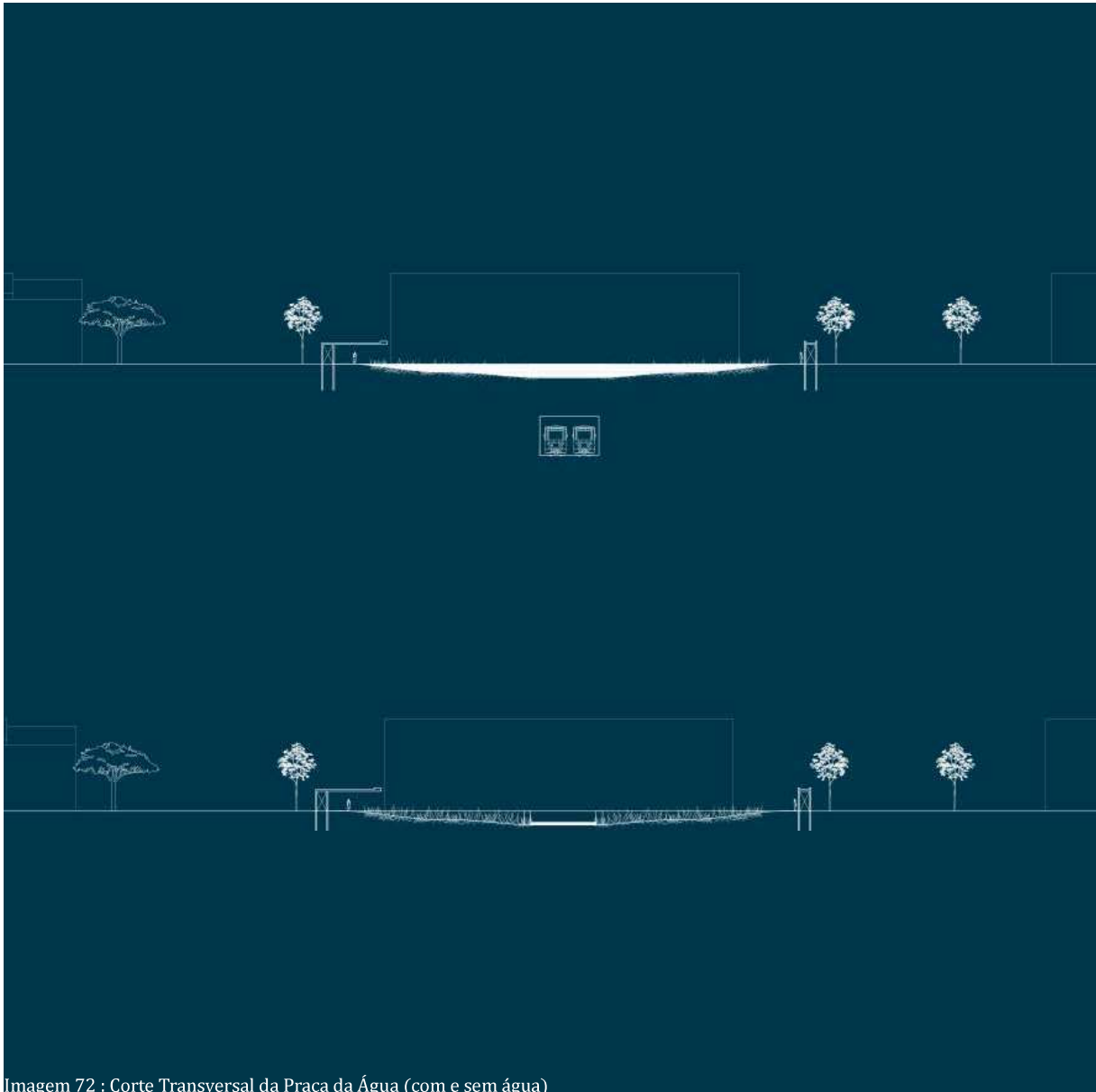


Imagem 72 : Corte Transversal da Praça da Água (com e sem água)

2.8. O Projecto

A nova estação de metro de Algés surge no antigo terreno da Praça de Touros. Este localiza-se num ponto de ligação chave entre diversas zonas envolventes, bem como se encontra junto ao Mercado de Algés e da sua avenida principal.

Como programa, esta estação irá receber um silo automóvel, vez que recebe a via que segue da Trafaria para o tunel de Monsanto e a via que chega da Avenida Marginal do sentido de Cascais.

Também é ela o ponto de contacto entre a ciclovia de Oeiras e a de Monsanto, podendo ser ponto de troca de automóvel para bicicleta, ou simplesmente receber o veículo de quem pretende seguir caminho via metro.

Como icon (hoje inexistente) de Algés, esta nova estrutura surge como um vazão de Monsanto, imagem alusiva à memória que ocupa um espaço. Por se manter descoberta, esta praça cria a oportunidade de receber eventos culturais - como concertos, feiras, espectáculos, etc.

O renascer deste novo centro urbano é fisicamente contestado pela sua carga estrutural, assumindo-se como uma muralha em volta de si mesma, uma recordação que não pretende (desta vez) ser apagada.



Imagem 73 : Planta aproximada à Praça de Touros

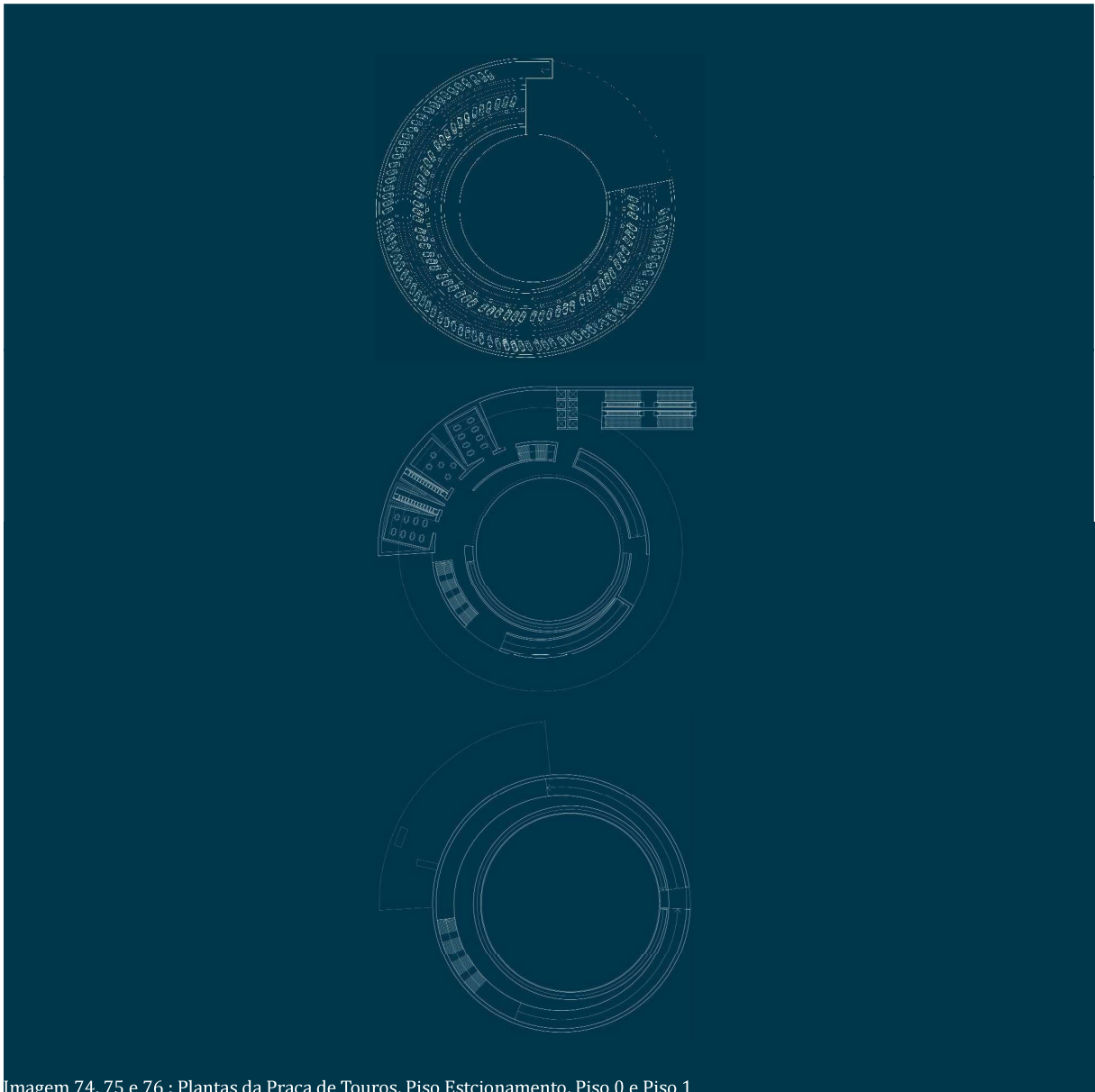


Imagem 74, 75 e 76 : Plantas da Praça de Touros, Piso Estacionamento, Piso 0 e Piso 1

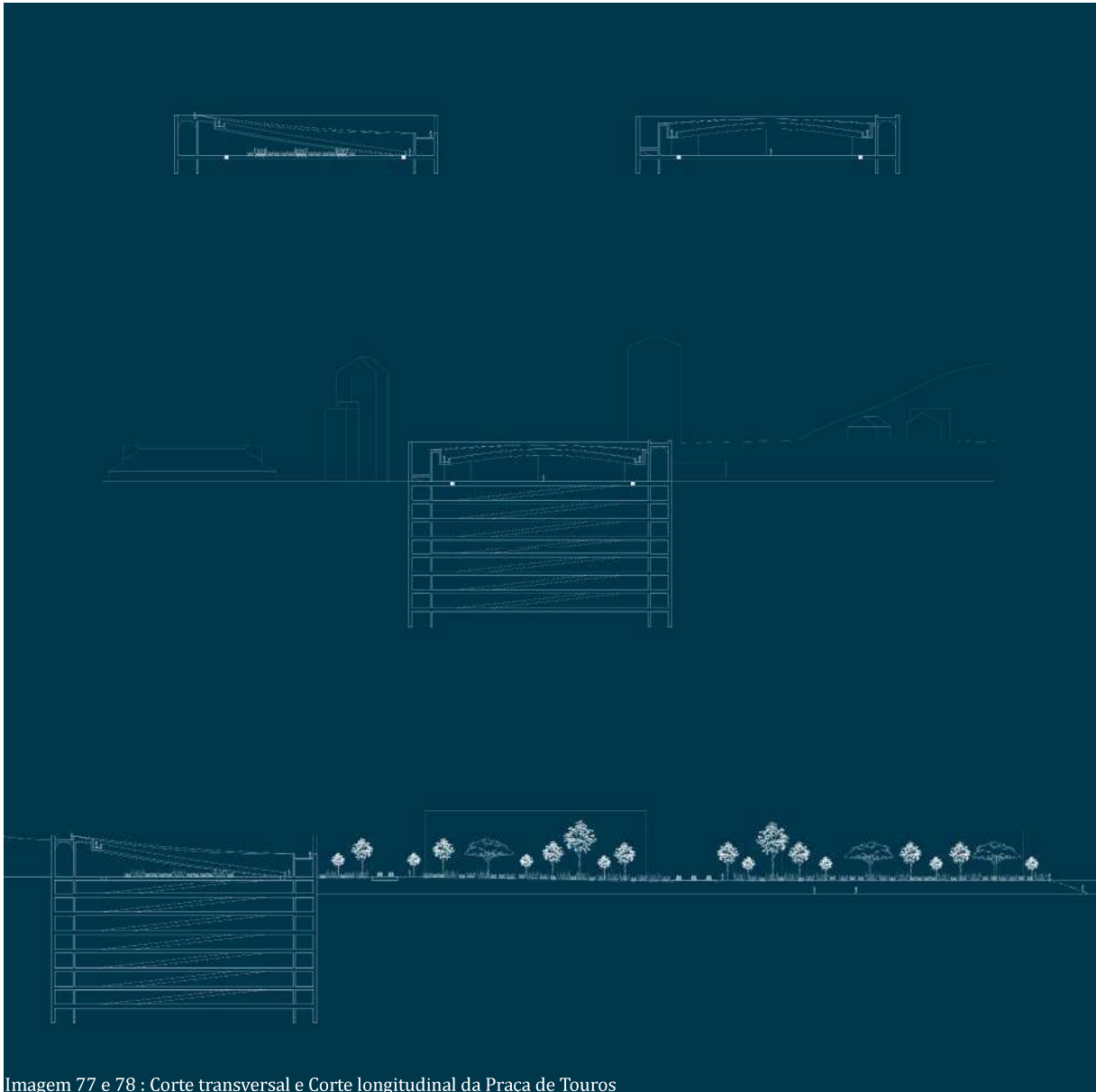


Imagem 77 e 78 : Corte transversal e Corte longitudinal da Praça de Touros

